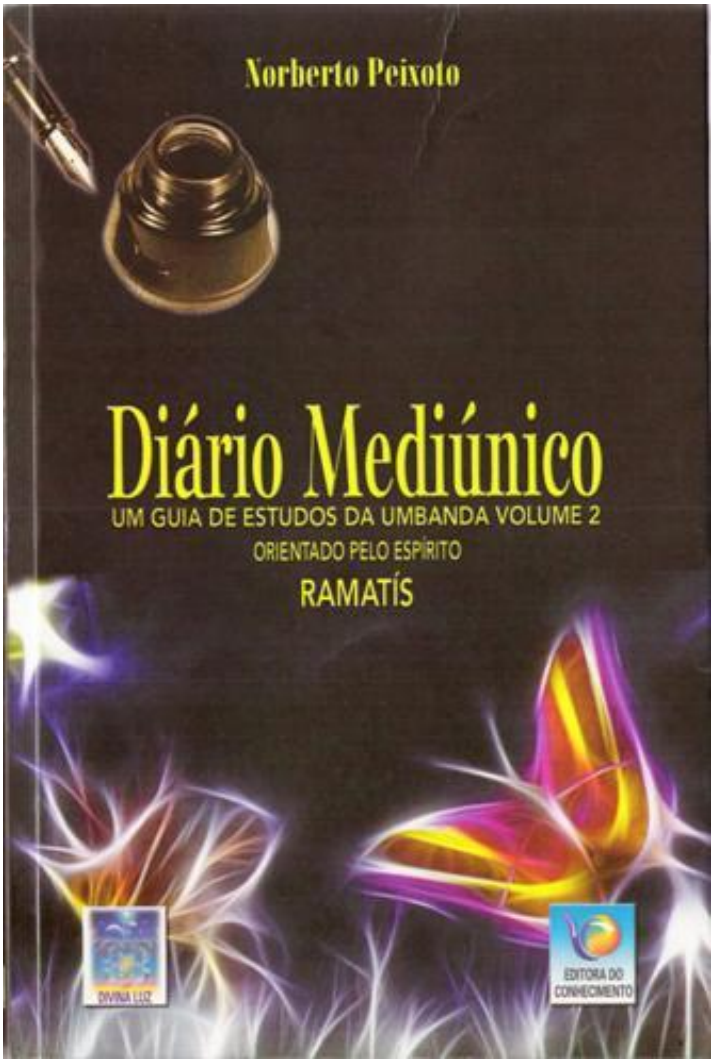
# Ramatís

## Diário Mediúnico




**Guia de Estudos Inspirado pelo Espírito Ramatís**
**Volume 2**

**Obra mediúnica psicografada por Norberto Peixoto**

# Ramatís

## Diário Mediúnico

**Guia de Estudos Inspirado pelo Espírito Ramatís**
**Volume 2**

**Obra mediúnica psicografada por**
**Norberto Peixoto**

## Ramatís

# Diário Mediúnico

Obra mediúnica psicografada
por **Norberto Peixoto**
.

Sinopse: É considerável a quantidade de pessoas que chegam aflitas aos centros de umbanda, em busca de cura e alento para suas dores físicas e psíquicas, onde são acolhidas amorosamente por entidades benfeitoras que respeitam profundamente as diferenças de crenças e cultos. Essa índole universalista, que não discrimina ninguém, ao contrário, pratica a caridade sem olhar "pra quem", conduz os cidadãos a uma convivência mais fraterna e benevolente. O que acontece no "lado de lá", após os atendimentos? Diário Mediúnico, segundo volume da trilogia Um Guia de Estudos da Umbanda, traz importantes elucidações sobre o dia a dia dos trabalhos de um grupo mediúnico umbandista, apresentando um paralelo entre os acontecimentos nos dois planos de vida.

Com a mesma linguagem simples e objetiva de Umbanda Pé no Chão, este novo livro analisa os traumas psíquicos causados pelos abusos espirituais, os processos sutis de obsessão aos médiuns e de assédio às casas espíritas, as iniciações e os elementos utilizados nos trabalhos, exaltando os verdadeiros fundamentos umbandistas alicerçados no respeito à vida animal.

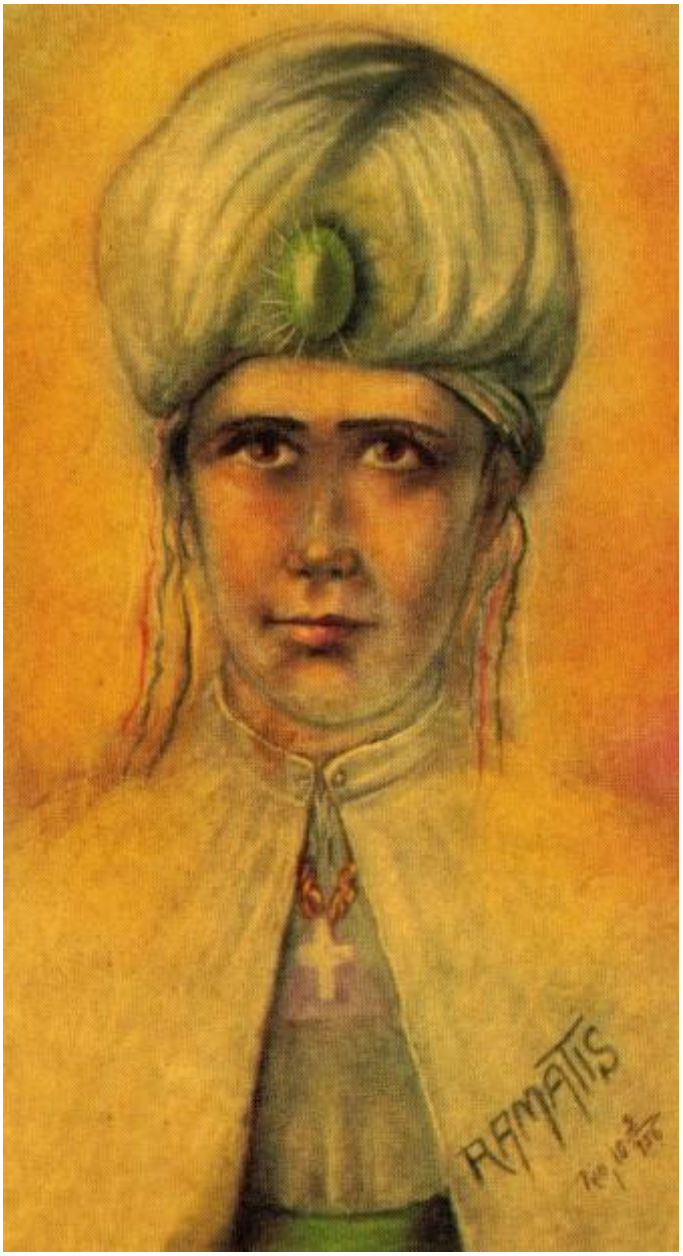
Diário Mediúnico aprofunda também questões relacionadas com os métodos de socorro nos desligamentos de recém-desencarnados, sob a égide dos orixás, e explica como se dá a recepção no "lado de lá".

E mais: aborda com ineditismo a psicografia na umbanda.Entre preceitos de magias, consagrações, benzeduras e patuás, riscando pontos e confortando pacientes entristecidos pela dura existência, os guias de umbanda vão trabalhando com humildade e afinco. Estas e outras histórias são relatadas aqui amorosamente, pela inspiração de Ramatís e de outros amigos da seara umbandista, para esclarecimento e aprendizado do leitor.

Os que presenciam os acontecimentos que assolam o plano Terra, serão testemunhas de sua própria destruição, serão os mesmos que em outras ocasiões prestarão socorro a outros povos, de outros planos, a se erguerão do caos, pois suas próprias mãos é que estão exterminando a natureza que os acolhe.

E preciso refletir!

**Luz**, **Paz e Amor**




Como o interno, assim é o externo; como o grande, assim é o pequeno; como é acima, assim é embaixo: só existe uma vida e uma lei e o que atua é único. Nada é interno, nada é externo; nada é grande, nada é pequeno; nada é alto, nada é baixo na economia divina.

***Axioma hermético***

# OBRAS DE RAMATIS .

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 1. | A vida no planeta marte | Hercílio Mães 1955 | Ramatis | Freitas Bastos |
| 2. | Mensagens do astral | Hercílio Mães 1956 | Ramatis | Conhecimento |
| 3. | A vida alem da sepultura | Hercílio Mães 1957 | Ramatis | Conhecimento |
| 4. | A sobrevivência do Espírito | Hercílio Mães 1958 | Ramatis | Conhecimento |
| 5. | Fisiologia da alma | Hercílio Mães 1959 | Ramatis | Conhecimento |
| 6. | Mediunismo | Hercílio Mães 1960 | Ramatis | Conhecimento |
| 7. | Mediunidade de cura | Hercílio Mães 1963 | Ramatis | Conhecimento |
| 8. | O sublime peregrino | Hercílio Mães 1964 | Ramatis | Conhecimento |
| 9. | Elucidações do além | Hercílio Mães 1964 | Ramatis | Conhecimento |
| 10. | A missão do espiritismo | Hercílio Mães 1967 | Ramatis | Conhecimento |
| 11. | Magia da redenção | Hercílio Mães 1967 | Ramatis | Conhecimento |
| 12. | A vida humana e o espírito imortal | Hercílio Mães 1970 | Ramatis | Conhecimento |
| 13. | O evangelho a luz do cosmo | Hercílio Mães 1974 | Ramatis | Conhecimento |
| 14. | Sob a luz do espiritismo | Hercílio Mães 1999 | Ramatis | Conhecimento |
| 15. | Mensagens do grande coração | America Paoliello Marques ? | Ramatis | Conhecimento |
| 16. | Evangelho , psicologia , ioga | America Paoliello Marques ? | Ramatis etc | Freitas Bastos |
| 17. | Jesus e a Jerusalém renovada | America Paoliello Marques ? | Ramatis | Freitas Bastos |
| 18. | Brasil , terra de promissão | America Paoliello Marques ? | Ramatis | Freitas Bastos |
| 19. | Viagem em torno do Eu | America Paoliello Marques ? | Ramatis | Holus Publicações |
| 20. | Momentos de reflexão vol 1 | Maria Margarida Liguori 1990 | Ramatis | Freitas Bastos |
| 21. | Momentos de reflexão vol 2 | Maria Margarida Liguori 1993 | Ramatis | Freitas Bastos |
| 22. | Momentos de reflexão vol 3 | Maria Margarida Liguori 1995 | Ramatis | Freitas Bastos |
| 23. | O homem e a planeta terra | Maria Margarida Liguori 1999 | Ramatis | Conhecimento |
| 24. | O despertar da consciência | Maria Margarida Liguori 2000 | Ramatis | Conhecimento |
| 25. | Jornada de Luz | Maria Margarida Liguori 2001 | Ramatis | Freitas Bastos |
| 26. | Em busca da Luz Interior | Maria Margarida Liguori 2001 | Ramatis | Conhecimento |
| 27. | Gotas de Luz | Beatriz Bergamo 1996 | Ramatis | Série Elucidações |
| 28. | As flores do oriente | Marcio Godinho 2000 | Ramatis | Conhecimento |
| 29. | O Astro Intruso | Hur Than De Shidha 2009 | Ramatis | Internet |
| 30. | Chama Crística | Norberto Peixoto 2000 | Ramatis | Conhecimento |
| 31. | Samadhi | Norberto Peixoto 2002 | Ramatis | Conhecimento |
| 32. | Evolução no Planeta Azul | Norberto Peixoto 2003 | Ramatis | Conhecimento |
| 33. | Jardim Orixás | Norberto Peixoto 2004 | Ramatis | Conhecimento |
| 34. | Vozes de Aruanda | Norberto Peixoto 2005 | Ramatis | Conhecimento |
| 35. | A missão da umbanda | Norberto Peixoto 2006 | Ramatis | Conhecimento |
| 36. | Diário Mediúnico | Norberto Peixoto 2009 | Ramatis | Conhecimento |
| 37. | Umbanda Pé no chão | Norberto Peixoto 2009 | Ramatis | Conhecimento |
| 38. | Mediunidade e Sacerdócio | Norberto Peixoto 2009 | Ramatis | Conhecimento |

# Norberto Peixoto



Norberto Peixoto nasceu em Porto Lucena, estado do Rio Grande do Sul, no ano de 1963. Ainda criança, viu-se diante do mediunismo por intermédio de seus pais, ativos trabalhadores umbandistas. Sendo filho de militar, residiu no Rio de Janeiro até o final de sua adolescência, onde teve a oportunidade de ser iniciado na umbanda, já aos sete anos de idade. Aos onze, deparou-se com a mediunidade aflorada, presenciando desdobramentos astrais noturnos com clarividência. Aos vinte e oito, foi iniciado na Maçonaria, oportunidade em que teve acesso aos conhecimentos espiritualistas, ocultos e esotéricos desta rica filosofia multimilenar e universalista, que somente são propiciados pela freqüência regular em Loja Maçônica estabelecida. Em 2000 concluiu sua educação mediúnica sob a égide kardequiana, e atualmente desempenha tarefas como médium trabalhador na Choupana do Caboclo Pery, em Porto Alegre, casa umbandista em que é presidente-fundador.

Este oitavo livro, ***Diário Mediúnico***, redigido de seu próprio punho por inspiração de Ramatís e demais mentores espirituais que o acompanham, é um guia de estudos esclarecedor, principalmente para médiuns que desejam ampliar seus conhecimentos a fim de melhor praticar a caridade.

É impressionante como a quantidade de leitores sedentos de esclarecimentos sobre a umbanda cresce a cada dia, sejam eles freqüentadores de centros espíritas kardecistas, de casas universalistas, ou mesmo dos terreiros. Isso ocorre porque a umbanda se caracteriza como um movimento caritativo de inclusão espiritual que dissemina as verdades universais com base no Evangelho de Jesus, sem se importar com a raça, o status social ou a crença dos que a procuram em busca da caridade e do consolo para seus males. Portanto, esclarecer, desmistificar conceitos infundados, e fortalecer sua verdadeira identidade, livre de preconceitos religiosos alimentados por uma absurda desinformação, é tarefa emergencial providenciada pelo Alto neste ano em que se comemora o centenário de institucionalização da umbanda como religião brasileira.

# José do Patrocínio

José do Patrocínio, advogado, negro, vivia revoltado com a escravidão do Brasil. Certo dia, resolveu ir a uma reunião espírita, com o intuito de observar a comunicação dos médiuns e fazer algumas perguntas:

- Por que os negros são escravos?
- Por que são torturados?
- Por que são alvo de tratamento triste e discriminatório?
- Como fazer para ajudá-los?

A entidade espiritual respondeu-lhe:

- Vá à biblioteca geral e procure tal livro.

José do Patrocínio despediu-se e procurou o livro indicado. Para sua surpresa, a obra era de um alemão que falava mal dos negros. Favorável à escravidão, dizia tratar-se de seres inferiores.

Ficou chocado com o que leu e pensou:

"Peço uma orientação, perguntando por que os negros são escravizados e maltratados, buscando uma forma de ajuda, e me mandam ler um livro que fala mal deles".

No dia marcado para a próxima reunião, José do Patrocínio dirigiu-se ao local. Assim que a entidade espiritual que orientava a casa se manifestou, ele foi logo dizendo:

- Fiz uma pergunta para saber por que os negros sofrem tanto, e o senhor me mandou ler um livro escrito por um alemão que fala mal deles, dizendo, inclusive, que constituem uma raça inferior.

Com tranqüilidade, a entidade espiritual, respondeu:

- O alemão que escreveu esse livro, falando mal da raça negra, foi você em uma outra encarnação. Por isso, precisou encarnar como negro, para sentir o sofrimento deles. Veio nesta encarnação com o compromisso de prestar auxílio à raça negra.

José do Patrocínio entendeu a lição. Por sua inteligência e vontade de ajudar, aliou-se a lideranças políticas para conseguir a libertação dos negros, por intermédio da princesa Isabel.

Trabalhou, persistiu e lutou muito, junto com pessoas que ocupavam posições de destaque.

No dia 13 de maio de 1888, princesa Isabel decretou a libertação dos escravos no Brasil. José do Patrocínio resgatava, assim, o débito contraído em encarnação anterior.

**O passado fala alto no presente. Não existe efeito sem causa. Prejudicamos criaturas no passado, e Deus nos concede a reencarnação, como oportunidade de acertarmos o que ontem desacertamos**.

Aproveitemos com boa vontade, esforço e renúncia as oportunidades que nos são concedidas.

Autor desconhecido

# Sumário

Considerações do médium ..... 10
Preâmbulo de Ramatís ..... 12
Os traumas psíquicos causados pelos abusos espirituais ..... 14
A panela de ferro cheia de moedas ..... 20
Diante dos fenômenos mediúnicos ..... 22
Mediunidade e prosperidade ..... 25
Sobre os ciganos na umbanda ..... 29
A força que nos dá vida ..... 32
Dona Rosinha não quer morrer ..... 37
Conversa com um xamã ..... 40
Uma preta velha "metida" a psicóloga das almas ..... 42
Simplesmente afaste-se ..... 44
Sobre pontos riscados ..... 46
Um patuá para me defender ..... 47
Galho quebrado enfraquece a árvore ..... 50
Surra de santo pode? ..... 53
Relatos de casos de atendimento com apometria ..... 57

**Psicografias na umbanda** **61**
A escrita mediúnica é coisa de kardecista? ..... 61
Oferendas aos orixás ..... 62
Um dia em um terreiro de umbanda ..... 63
Importante e essencial ..... 66
Para fazer alumiador ..... 67
Grande era a valentia ..... 68
Exu pisa no toco de um galho só ..... 70
Na verdade, quem faz o mal? ..... 72
Toda religião ..... 74
Abençoada roda de Samsara ..... 75
A umbanda tem cor? ..... 76
Faz caridade, fio ..... 78
O que são as encruzilhadas? ..... 81
Os tempos são chegados ..... 83
Esclarecer ..... 85
Salve Santa Sara Kali, padroeira dos ciganos ..... 87
Não se afoguem na beira da praia ..... 89
Invocação às Falanges do Bem ..... 90
Invocação às Falanges do Bem ..... 91

# Considerações do médium

Este livro, assim como o anterior, Umbanda Pé no Chão, é um guia de estudos. O primeiro fundamentava-se no conteúdo programático do curso de umbanda, ministrado na Choupana do Caboclo Pery, terreiro situado em Porto Alegre, do qual sou fundador.

Este segundo guia de estudos, mantém o mesmo estilo e metodologia de escrita, somente tecendo opiniões, relatos e impressões ampliados da rotina de um médium dirigente de um templo umbandista. Contudo, não se restringe ao curso; vai além, ao adotar a apometria como técnica auxiliar de caridade.

- Dia desses, estava pensando que seria egoísmo guardar só para meu aprendizado e instrução algumas experiências, insights, clarividências, enfim, percepções anímicas (de minha alma) e mediúnicas (dos espíritos) que sinto em minha atual condição de "chefe" do terreiro, e não compartilhá-las. Enquanto divagava sobre isso, senti o pensamento de Ramatís, que me disse para não ficar tão só, para tornar a escrever. Foi então que me passou a instrução do formato do livro.

Intuiu-me que, guardadas as particularidades de certas situações mediúnicas que a consciência coletiva atual não está preparada para entender - se é para chocar, é melhor calar -, de maneira geral, podemos e devemos compartilhar juntos, em um Diário Mediúnico, grande parte do que acontece no dia a dia da direção dos trabalhos espirituais de um centro.

Recomendou que ficasse despreocupado ao escrever, pois, quando menos esperasse, estaria em união mental comigo, interpenetrando seu pensamento ao meu, enxertando o texto com sua opinião, quando necessário; mesmo que aparentemente fosse eu a escrever. Eis que para ele isso tinha menor importância, diante da relevância de levar o conhecimento aos que precisam.

Passou-me ainda a informação de que sou "brindado" por essas percepções do Além, pelo fato de ter compromisso com as tarefas que envolvem uma coletividade, seja encarnada, seja desencarnada. Enquanto minha consciência estiver no coletivo, para servir os que procuram a Choupana e os que buscam conhecimento espiritual, estaria sendo ajudado por ele e pelos outros amigos do lado de lá, mesmo com a diversidade de defeitos que possuo, pois assim estarei evoluindo nesta encarnação.

Esse espírito companheiro sempre nos deixa à vontade, puxando-nos a orelha com docilidade. Ramatís é assim: direto, objetivo, descontraído e amoroso. Para alguns que precisam da certeza do já sabido e se fecham no que já aprenderam, pode ser tachado de polêmico, mas nunca de indiferente ao nosso crescimento espiritual.

Escreverei em forma de narrativa, compartilhando conceitos, estudos e opiniões, dividindo experiências mediúnicas e relatando alguns casos práticos na rotina de um "zelador" do axé (força) de um terreiro, como geralmente são chamados os dirigentes pela comunidade de nossa religião.

A intenção é elaborar um texto simples, de amplo entendimento, como se estivéssemos conversando frente a frente com os leitores. Dividirei opiniões, artigos, vivências, orientações, aspectos dos rituais, questionamentos litúrgicos, conteúdos de palestras, dúvidas da assistência e dos médiuns, situações de conflitos e demandas astrais, relatos de casos atendidos e algumas histórias e origens de certos espíritos-guias que se aproximaram para contar um pouco sobre si e as peculiaridades do trabalho das falanges às quais pertencem.

Em relação à escrita mediúnica nos terreiros, também por recomendação de Ramatís, há um capítulo especial, como amostragem do universo das psicografias na umbanda.

Como é o propósito desse mentor, a leitura desses textos fará balançar as mentes acomodadas no já sabido doutrinário, mostrando-nos que os espíritos apresentam características peculiares de expressão, libertos de dogmas e patrulhamentos ideológicos terrenos, para se fazerem

entender por meio de suas mensagens, não estando aprisionados a cartilhas codificadas que imputam uniformização em suas comunicações.

Concluindo, penso que, com certeza, tenho pouquíssimo merecimento individual para qualquer ajuda do lado de lá, não fosse o enorme comprometimento espiritual que se requer ao se estar "à frente de um congá". Deduzo quão endividado sou pelo uso da magia e do conhecimento oculto em vidas passadas.

Epa! Sopram-me no ouvido: "Galho torto também dá sombra... Eh... Eh... Chega de lamúria e vamos trabalhar?".

Vamos lá, então! Pena na mão a escrever.

Norberto Peixoto

# Preâmbulo de Ramatís

Este pequeno e desinteressado livro tem por objetivo mostrar a rotina diária de um centro espiritualista de umbanda e o respeito ao direito individual de cada cidadão, como filho do Pai e irmão em igualdade, o qual deve encontrar, na umbanda, consolo, orientação e força na vida humana, animal e do cosmo espiritual que tangencia a Terra.

Com seus defeitos, dúvidas, erros e a vontade de servir ao próximo, sem impor condições, vão os simplórios trabalhadores, encarnados e desencarnados, sem esperar reconhecimento, superando os obstáculos, diante da necessidade de expansão da caridade, que urge para que todos possam evoluir um pouco mais e contribuir, mesmo que vagarosamente, para a mudança da consciência coletiva, que ainda premia a troca exterior com o Além, em detrimento do esforço com o Cristo interno.

Por mais que se fale em convergência, em conviver com as diferenças, que as desigualdades devem unir, e não separar, não há mais como os umbandistas se comportarem como encantadores de serpente, exibindo *performances* mediúnicas fenomênicas, como se fossem cobras hipnotizadas por flautas, em que tudo é aceito como sendo de umbanda. O adestramento que se requer no mediunismo não é para manter seu meio de vida em uma falsa umbanda, travestida de verdadeira, que aceita os mais disparatados ritos e fundamentos como parte da Divina Luz. Paradoxalmente, os ofídios que não são venenosos, não se deixam hipnotizar pelo som da flauta doce e ficam quietos. Há enorme comunidade calada, que tem a força de cem Hércules, aguardando o momento de se fazer ouvir. Respondendo positivamente às serpentes, ignoram a Lei de Causa e Efeito e alardeiam seus feitos para chamar seguidores aos seus rebanhos, os quais só querem fazer engordar. Recrudesce, pois, o Astral, na repressão ao ofício de comerciante mágico, que objetiva o ganho e envenena o livre-arbítrio e o merecimento dos que os procuram.

O Diário Mediúnico não se encerra aqui. Espíritos imortais, todos nós continuaremos sendo escritos no livro da lei eternamente, por cada consciência, no imensurável e infinito movimento ascensional rumo ao Pai. Para os homens transitórios, terá seqüência em ***Aconteceu na Seara Umbandista***, terceiro volume do singelo guia de estudos que sugerimos ao nosso médium, e que iniciou-se no livro oriundo do curso ***Umbanda Pé no Chão***.

Rogamos que a psicografia na umbanda seja cada vez mais ponte de expressão do Além-túmulo, para que os amigos universalistas do lado de cá se façam comunicar, livres das amarras doutrinárias que os impedem de manifestar-se em outras frentes mediúnicas. Não queremos confundir, mas os rótulos mentais dos homens ficam amarelados, qual garrafa velha empoeirada, diante das verdades cósmicas do lado de cá.

Para uns, os "espíritos espíritas" só existem nas mesas dos centros; para outros, espíritos umbandistas não psicografam. Ali, são tratados como obsessores e doutrinados; acolá, mentores médicos famosos se fazem passar por pretos velhos, para dar um passe em um terreiro e uma escrita em outro. Para justificar a acomodação e a preguiça, algumas mentes nos tacham de espíritas, quando se dizem umbandistas, e outros nos gritam umbandistas, para justificar que somos antidoutrinários ao espiritismo. Preocupações excludentes, dispensáveis, que nos fazem perseguir em nosso compromisso com o Cristo Universal.

Diz-nos, ainda hoje, Jesus: "Vós cuidais que eu vim trazer paz à Terra? Não, vos digo eu, mas separação; porque de hoje em diante haverá, numa mesma casa, cinco pessoas divididas, três contra duas e duas contra três".

Essa separação que Jesus comenta é a percepção que cada consciência tem do espiritual e do sagrado, em comparação com que o outro pensa. Todo conceito diferente em sua forma, mesmo

que muitas vezes igual em essência, forçosamente causa oposição. Quanto maior a resistência, tanto maior o número de interessados a favor. Nesse burilamento mental, esse entrechoque, qual melancias em cima de um caminhão, em uma rua esburacada, vão os homens revendo verdades cristalizadas, maneirismos imutáveis, opiniões engessadas, imposições religiosas e dogmas doutrinários.

Persiste ainda o Divino Mestre separando as pessoas que se dispõem a seguir os ensinamentos universais que Ele deixou. Tais ensinamentos fazem parte de todas as religiões e, ao mesmo tempo, nenhuma os possui, assim como o raio do Sol vivificante se espraia em todos os telhados.

Porto Alegre, 20 de abril de 2009

Muita paz e luz!
Ramatís

# Os traumas psíquicos causados pelos abusos espirituais

**Sede pastores do rebanho de Deus, confiado a vós; cuidai dele, não por coação, mas de coração generoso; não por torpe ganância, mas livremente; não como dominadores daqueles que vos foram confiados, mas antes, como modelos do rebanho. Assim, quando aparecer o pastor supremo, recebereis a coroa permanente da glória. (Pedro 5:2-4).**

Frequentemente, recebemos nas sessões de consultas pessoas com sérios traumas psíquicos causados por abusos espirituais. Resolvemos então expor esse tema para "ouvir" a opinião dos amigos do lado de lá. Todavia, este assunto terá uma abordagem espiritualista mais ampla em nossa próxima obra intitulada Reza Forte, que tratará do exorcismo, da prosperidade e do salvacionismo evangélico na chamada Nova Era, espécie de belicosidade contra religiões mediúnicas, como a umbanda, o espiritismo e os cultos afro-brasileiros, com a finalidade de angariar adeptos. Será uma análise dos abusos espirituais e dos impactos cármicos do fanatismo e da intolerância religiosa incidentes na consciência coletiva.

Na seqüência deste capítulo segue um relato de caso verídico.

Pergunta: - *Quais os motivos de tantos relatos de abusos espirituais, seja pelos pastores evangélicos ou pelos "pais de santo"*?

Ramatís: - Muda-se o pastor e o seu cajado, mas o rebanho a ser tosquiado continua o mesmo.

Uma igreja ou um terreiro deveriam ser sinônimos de amparo e solidariedade; locais que, a exemplo dos hospitais numa frente de guerra, teriam de oferecer enfermeiros preparados para fazer curativos, aplicar remédios e alimentar os feridos; aglutinar pessoas prontas para confortar os aflitos, erguer os decaídos, estimular os cansados e dar esperanças aos que desistiram do percurso da vida.

Há de considerar-se que, os evangélicos, fatia de religiosos que mais cresceu no Brasil, fez recrudescer os ânimos no mercado mágico religioso, ao disputar espaço com os "pais de santo", que tudo fazem e garantem resultados em sete dias por um punhado de moedas. São pastores despreparados confrontando sacerdotes imaturos que possuem formação obscura. Perdem-se nas necessidades pessoais e consideram-se herdeiros de toda sorte de privilégios. Seguir suas pregações e trabalhos é garantia de sair da miséria, conseguir emprego e a promoção tão esperada. Ou então, curar o câncer, a paralisia, e evitar a pobreza. O Espírito Santo, em concorrência com os orixás, tornou-se um excelente negócio. Nesse caso, não se aprende a servir, mas a tornar-se um atleta espiritual, um xamã evangélico.

As lideranças pastorais caíram no apelo dos milagres para angariar clientes no gordo mercado religioso mágico brasileiro. Os evangélicos são guiados por líderes onipotentes, farisaicos e messiânicos que, ofuscados mentalmente pela vaidade e arrogância, atribuem à falta de fé dos prosélitos a ausência de graças divinas e se colocam infalíveis diante dos dizimistas e ofertantes, cobrando os milagres que não ocorreram. Em suas profundas carências como homens que deveriam ser representantes de Deus, não percebem as próprias faltas, nem as pessoas desiludidas e amarguradas, pois o que importa não é o abuso espiritual nem a opinião dos desiludidos, mas o poder e as vantagens financeiras obtidas.

Pergunta: - *Mas a "culpa" pelos abusos espirituais é só dos fiéis*?

Ramatís: - Obviamente que o culpado precisa alimentar-se de seu algoz, assim como o corruptor vive dos corruptos. A confiança excessiva que caracteriza a fé cega em seres humanos falíveis, a imperiosa necessidade de construção de bezerros de ouro, a idealização de um pastor de poderes sobrenaturais que intermedia o sagrado, a falta de instrução evangélica diante das más teologias e interpretações parciais equivocadas da Bíblia, deixam marcas profundas em todos os envolvidos e especialmente nas ovelhas perdidas. Não se come a noz se não se quebrar a casca. Não acontecendo os milagres, é como se oferecessem um prato de nozes inquebráveis. As fissuras nas igrejas salvacionistas são tantas, que tornam proféticas as palavras de Jesus que anteviam a desunião e falta de unidade entre seus seguidores: "Eu lhes transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos, Eu neles, e tu em Mim, afim que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como amaste a mim." (João 17:22-23).

Paradoxalmente, um movimento "igrejista" salvador causa mais traumas que milagres. As leis de Deus não são como um milharal aberto que sofre o ataque de pragas proféticas, a exemplo dos gafanhotos ferozes do Velho Testamento. Cresce o número de convertidos na mesma proporção em que um imenso rebanho se perde e adoece. Líderes cegos e mancos estão levando crianças que engatinham despenhadeiro abaixo. Noivas que deveriam se apresentar em intocáveis trajes nupciais, para serem tocadas pelo Espírito Santo, exibem as vestes rasgadas pela vergonha e desilusão.

Pergunta: - *Podeis nos descrever pormenorizada mente os aspectos envolvidos nos abusos espirituais*?

Ramatís - Inquestionavelmente sobressai-se a distorção das escrituras do Velho Testamento, que, por sua vez, foi alterado conforme os interesses do clero dominador ao longo da História, que sempre defendeu os abusos, distorcendo o sentido bíblico para causar submissão, medo e culpa. Atualmente, os pastores fundamentalistas, superficiais e de baixo conhecimento espiritual, interpretam como querem conteúdos manipulados do Velho Testamento, tal qual os garotos que cortam um galho torto para fazer estilingues cujo alvo não acertam; ao contrário dos bereanos,[1] que examinavam tudo o que Paulo lhes dizia, mesmo sendo ele extremamente instruído conforme a Lei de Israel.

1 - Povo de Beréia, antiga cidade mencionada no livro de Atos na Bíblia, seu nome atual é Véria. Localizada no lado oriental das Montanhas Vermion (norte do Olimpo), nessa pequena cidade Paulo de Tarso também pregou a Boa Nova. Os bereanos examinavam as Escrituras Sagradas, para ver se as pregações eram de fato verdade. (Atos 17:10-13).

Há de se comentar que Saulo (Paulo) de Tarso, desde a mocidade, foi zeloso com as escrituras e buscou viver de acordo com a severidade da religião. Todavia, quando do seu encontro com Jesus, no caminho para Damasco, teve os olhos abertos e pôde contemplar a simplicidade do Rabi da Galiléia. Tendo então sua consciência desperta para o Cristo, percebeu nas entranhas do seu psiquismo disciplinado que na verdade servia à Lei na condução dos homens, e não a Deus. Muitos em vossos dias vivem de olhos cerrados, carregados de sofismas, dogmas, rituais eclesiásticos, na liturgia do culto aos homens, atrelados a indivíduos autoritários. Há no meio evangélico um exército infindável de "Paulos" antes do encontro com Jesus, que, equivocados, acreditam estar servindo a Deus, quando na verdade servem a outros homens, ou tentam se servir de Deus para obter bens materiais, num sistema de troca e exigência de milagres intermináveis.

As lideranças autocráticas que pregam que "discordar do líder é discordar de Deus", acreditando possuir a verdade; as elites hierárquicas baseadas no conhecimento da Bíblia, que criam uma casta de ungidos sectários, estão associadas ao controle da vida dos cidadãos, com intromissões em áreas particulares, sentenciando quem pode namorar quem, qual emprego se deve aceitar, como deve ser a educação dos filhos etc. Não existindo espaço para o debate teológico e considerando infalível a interpretação dos pastores, gerou-se um sistema de controle em que qualquer questionamento, como "procurar entender um milagre não alcançado", gera uma saída traumática, que estigmatiza o excluído como endemoniado, revelando uma cultura que alimenta e convive na obscuridade com os abusos espirituais.

Pergunta: - *Quanto às características comuns dos abusos espirituais, a que se sobressai é o autoritarismo*?

Ramatís - Sem dúvida, a característica mais saliente contida nos processos de abusos religiosos é a existência do líder abusivo e a ênfase exagerada à sua autoridade. Não são incomuns os pastores se declararem ungidos e consagrados diretamente por Deus. Logo, seus liderados devem se comportar como se estivessem diante do "messias". Alimentam esse messianismo faraônico alegando que, conforme Mateus 23:1-2, Jesus disse que "na cadeira de Moisés, se assentaram os escribas e os fariseus". Com outras citações usadas distorcidamente, o poder é institucional, alusivo ao cargo pastoral, e não emana da autoridade moral. Não basta vestir-se de "messias", deve-se possuir a moral evangélica interiorizada. Aos que se submetem a essa falsidade, são prometidas bênçãos e graças espirituais. A doutrinação é baseada na submissão completa, sem o direito de questionamentos, já que os pastores são infalíveis e Deus é garantia de salvação milagrosa, caso haja submissão incondicional.

Pergunta: - *Quais os efeitos mais visíveis nos que sofreram abuso espiritual*?

Ramatís: - o abuso espiritual tem conseqüências psicológicas devastadoras na vida daqueles que depositam um alto grau de confiança nas lideranças religiosas, e vêem os milagres não se concretizarem, mesmo diante das promessas. A confiança é traída pela conduta inadequada dos líderes, que se apresentam como "santos", mas se esquecem dos "pés de barro" do dia a dia. Essas pessoas sentem-se traídas, se revoltam contra o sagrado e internamente tornam-se inseguras e incapazes de estabelecer relações de confiança, desequilibrando-se na vida cotidiana. Analogamente, os sintomas emocionais e psicológicos associados ao abuso espiritual são muito semelhantes aos dos que sofreram incestos, pois se cristaliza em seu psiquismo uma espécie de "gatilho" mental que os paralisa diante de todas as situações que se associam à fonte de sua dor emocional, como só acontece nos momentos que envolvem autoridade, já que intimamente se sentem como se tivessem sido violentadas pela figura paterna.

Obviamente que, além do medo, da culpa e da desilusão com relação aos líderes religiosos, as vítimas de abuso espiritual predispõem-se a não confiarem mais em Deus. Fica uma espécie de questionamento interno ruminante como fixação autoobsessiva culposa: "Como é que Deus pode ter permitido que isso acontecesse comigo, se tudo que eu queria era amá-Lo e servi-Lo!".

No mais das vezes, esses seres desenvolvem uma espécie de revolta com si mesmos, passando a estabelecer uma relação de incredulidade contra tudo que seja espiritual, o que tende a se agravar quando não são convenientemente tratados. Com isso, a falta de fé na vida, a negatividade e o desânimo existencial, desencadeiam psicopatologias de complexas etiologias.

Por ressonância vibratória do campo emocional desestruturado, instalam-se as mais diversas doenças, que na verdade já estavam demarcadas em seus corpos astrais, em existências passadas, como se a água lodosa do fundo do poço, fosse revolvida deixando turva a sua superfície cristalina.

Pergunta: - *Quais os motivos dos abusados terem sido receptivos aos abusadores, partindo do pressuposto que somos todos filhos de um mesmo Pai e detentores das potencia!idades internas do Cristo*?

Ramatís: - Os evangélicos que sofreram abusos espirituais amaram e serviram aos homens e à Igreja enquanto mediadores com o divino, ao invés de amarem diretamente a Deus. Os ingredientes que formam o bolo dos abusos espirituais começam, intencionalmente, com o autor permitindo que o crente interiorize sua identidade como autoridade divina. A palavra do pastor é a voz de Deus e os fiéis devem ouvi-lo dessa maneira. Adicione-se a isso o desfrute das benesses pessoais na relação com o liderado - o beneficiado na lide com o pseudo-sagrado não é o orientado, mas o próprio orientador. O que deveria servir é servido, num modelo cristão que impõe que os fiéis lavem os pés dos representantes do Espírito Santo, em lugar de terem seus pés lavados pelos apóstolos, assim como Jesus o fez.

Sem dúvida, o tempero que apimenta o abuso espiritual é o conceito de "ungidos de Deus" contido no Velho Testamento. As lideranças evangélicas, notadamente as pentecostais e neopentecostais, são tratadas como profetas, tendo reverências intocáveis que os acompanham nos ritos pastorais. Essa hierarquização vertical da experiência com o sagrado, ao contrário do nivelamento horizontal defendido por Jesus, que democratizou Deus, dizendo a todos "vós sois deuses", gera rebanhos infantilizados que dependem da Igreja e do pastor para atingir o Divino, tal como o "pai de santo" das práticas mágicas populares, que se arroga o direito único de conduzir os filhos ao orixá, tornando-se indispensável para o "santo" se manifestar no corpo do adepto. A autoridade sacerdotal nos ritos, liturgias e religiões da Terra hierarquiza e disciplina a união dos grupos para o culto e não diz respeito à experiência pessoal de cada um, direito cósmico irrevogável concedido por Deus.

Pergunta: - *Os pentecostais e neopentecostais exaltam a interferência e manifestação do Espírito Santo na vida e nos corpos dos prosélitos conduzidos pelos pastores e não falam do Evangelho de Jesus. Quais os motivos*?

Ramatís: - Antigamente, em suas origens, o Pentecostes era uma festa agrícola judaica de oferta a Deus. Os melhores feixes das colheitas eram levados em oferenda, num clima de festividade inocente em que aqueles que mais colhiam partilhavam com os necessitados. Posteriormente, em meados do século V a.C. a festa de Pentecostes passou a celebrar o dom da Lei no Sinai, a festa da aliança entre Deus e o povo. Baseando-se nas tradições e costumes judaicos a respeito de Pentecostes, Lucas inova em sua narrativa e fala da presença do Espírito Santo guiando a missão dos evangelizadores no anúncio da Palavra de Deus.

Pentecostes é uma palavra de origem grega que significa "dia da cinquentena". Cinqüenta dias após o evento da ressurreição de Jesus, o Espírito Santo se manifesta nos apóstolos e também em cerca de cento e vinte cristãos de Jerusalém, fazendo-os falar em língua estranha. A promessa de Jesus aos seus discípulos:"Recebereis o poder do Espírito Santo que virá sobre vós, para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judéia e Samaria, e até os confins da Terra" (Atos 1 :8). Ocorreu que no dia de Pentecostes, os discípulos, estando reunidos em Jerusalém depois das celebrações da Páscoa, ficaram inseguros e medrosos diante da perspectiva desafiadora de

pregarem eles os ensinamentos do Mestre. Eis que a aura angélica de Jesus e o Espírito Santo, dom de Deus, se fizeram unos e aquele grupo de homens amedrontados e temerosos adquiriu em si, como um raio que desceu dos Céus, a consciência de serem uma coisa só com Jesus. Todos sentiram que Jesus estava entre eles, mais ainda do que antes, porque na realidade, Jesus não mais estava com eles, estava neles e a missão da pregação evangélica seria o próprio Jesus em ação através dos passos, gestos e verbo de seus apóstolos.

Hoje em dia, existe uma diferença da manifestação do Espírito Santo como agente catalisador da essência de Deus que se interioriza nas consciências e concretiza-se nas ações crísticas, como outrora aconteceu com os apóstolos. O "espírito santo" dos neopentecostais é um despachante que a tudo resolve com pragmatismo exacerbado. Ele dispensa as ações pessoais, cura os desenganados, arruma emprego, desamarra negócios, arranja casamento, angaria automóvel novo, manda os males para as labaredas infernais, e tanto maiores serão suas benesses de prosperidade material quando maior for o dízimo dado. Claro está que, sob essa prática de magia, o Evangelho de Jesus se torna amorfo, desinteressante, já que exige esforço, conduta e atos propiciatórios para que a bonança crística se torne perene. Paradoxalmente, o Espírito Santo salvacionista da atualidade reconhece o sacrifício de Jesus, que liberta de todos os males e dispensa os prosélitos de maiores esforços evangélicos, desde que eles não faltem às sessões e correntes salvacionistas, uma vez que a Igreja é indispensável intermediadora dele, Espírito Santo, com os fiéis. Esquecem que os apóstolos tinham dentro de si a imanência de Jesus e, andarilhos, levavam a mensagem viva do Cristo a todos os lugares, sendo os corpos deles depositários do sagrado, que era livre e não estava aprisionado num templo, como só acontece nos dias modernos em que recebeis o milagre sem esforço, mas ficais atados ao milagreiro.

Pergunta: - *Faz parte da natureza humana a transferência de responsabilidade espiritual. Esta consideração, de certa forma, iguala as religiões que disputam o mercado mágico religioso*?

Ramatís: - Importa considerar que a magia não é necessariamente negativa. Um centro, terreiro ou igreja cheios, direcionados ao trabalho caritativo gratuito, demonstram sustentação e cobertura espiritual benfeitora e atraem novos crentes para seus cultos.

Consideremos que a experiência espiritual é individual e intransferível. Pode-se recusar a vivência, mas não é possível derrogar o contrato com Deus para que outro tenha em si o que é de vosso direito, como fazeis com vossos despachantes rodoviários.

Vossa pátria é uma nação de cultura religiosa mística que costuma endeusar os santos e os homens. É normal consultarem-se os espíritos e divinizar-se o médium, assim como os evangélicos egressos do catolicismo que não têm mais os santos, e projetam nos pastores a figura santificada como referência material para alcançar o sagrado. Claro está que a expansão evangélica fora das hastes católicas alcançou em cheio os cultos afro-brasileiros e igualou-se a eles num mecanismo psicológico de transferência, deslocando os poderes de transe e possessão da figura do "pai de santo"para o pastor, dando-lhe a prerrogativa de mediação com o Além e a disputa de fiéis com o "povo de santo". Ao invés de incorporar os mortos ou orixás do Além-túmulo, agora incorpora o "Espírito Santo" vestido de branco, como se trajam na umbanda e nos cultos afros. O ecumenismo que está impresso no inconsciente popular impregna a cultura religiosa acostumada a intermediários com os mundos celestiais, favorecendo os abusos espirituais.

**Relato de um caso de abuso espiritual**: motivo pelo qual procurou atendimento espiritual.

Tenho dezenove anos. Desde os 12 anos passei por várias igrejas e todas trataram meu problema preconceituosamente. Meus pais são evangélicos metodistas, mas procuraram a cura em outras igrejas, buscando um milagre. Minhas primeiras menstruações foram muito dolorosas e eu costumava desmaiar. Por diversas vezes, participei de ritos de exorcismo, descarrego e esconjuro. Diziam que eu estava endemoniada e que eu não era curada porque minha fé era fraca. Acusavam-me dizendo que eu é que não permitia o milagre e de me locupletar com o "encosto". Minha caminhada foi muito difícil. Em maio de 2004 fui empurrada e caí de uma escada, fraturando o cóccix. Infelizmente eu tive outras quedas, fraturando novamente essa parte da coluna. Já tentei me suicidar e fui abusada sexualmente pelo meu professor da academia. Não consegui contar isso para ninguém. Em março deste ano comecei a ter piolonefrites de repetição. Fui internada num hospital e meus médicos resolveram fazer uma laparoscopia para verificar por que eu tenho dores abdominais. Depois da cirurgia, o meu diagnóstico foi endometriose e uma peritonite por sangramento. Tive que fazer vários tratamentos hormonais para resolver essa doença. Tive uma reação adversa e entrei em coma com os medicamentos. Meu intestino parou de funcionar. Tenho inchaços abdominais e muita dor. Já estive em mais de 50 médicos e já tive mais de 15 internações, e até agora ninguém tem um diagnóstico definido. Tudo que se sabe é que meu intestino em certas partes parou de funcionar e só consigo ir aos pés com intervenção. Comecei a fazer psicoterapia e me conscientizei que deveria me afastar de casa. A religião evangélica dos meus pais, as constantes buscas pelos milagres, a colocação do meu nome nas correntes de oração, as sessões domiciliares de libertação e descarrego estão me exaurindo. Fui morar sozinha para não enlouquecer e me livrar dessa influencia negativa em minha vida. Acredito em reencarnação, estou estudando e me sinto melhor. Sei que o sentimento de culpa e o medo de me relacionar me paralisam e somatizam em meus intestinos. Sinto que abusaram de mim, especialmente pela arrogância dos pastores, incentivados pela teimosia do meu pai que sempre me estigmatizou e me desmereceu. Hoje entendo que Jesus é perdão, consolo, alívio das culpas. Continuo na psicoterapia e creio que, pouco a pouco, estou conseguindo me equilibrar.

Esta consulente foi atendida no grupo de apometria da Choupana do Caboclo Pery. O relato é verídico e consta na ficha de atendimento que é preenchida antes dos trabalhos. Como nada acontece por acaso, Ramatís nos informou, por meio da clarividência, que essa nossa irmã foi uma cortesã francesa em fins do século dezenove. Proprietária de refinado cabaré freqüentado pela elite parisiense, além de possuir uma beleza e sensualidade contagiantes. Um dos freqüentadores de sua casa era um rico comerciante, dono da melhor pista de corrida de cachorros. Nossa atendida perdeu muito dinheiro apostando nas corridas e endividou-se. Então, para não pagar a alta soma, preparou uma armadilha para chantagear o credor, ameaçando-o de expor à família, que era muito católica, sua condição de amante e assíduo freqüentador de seu bordel. Isso gerou muito ódio em relação a ela, e a atendida acabou sendo assassinada por um violento esfaqueamento abdominal, ao sair de um dia vitorioso nas apostas. Hoje, esses personagens são pai e filha: ele meto dista ferrenho; ela com o estigma dos abusos sexuais de outrora irrompendo no corpo físico e afetando seu psiquismo, ambos colocados juntos para aprenderem a perdoar e amar por desígnio das leis maiores.

As religiões foram programadas pelo Criador para nos libertar e não para serem ferramenta de aprisionamento e molestamento pessoais.

# A panela de ferro cheia de moedas

As sutilezas para fazer um médium deixar de comparecer nos dias de sessão pública são muitas. Recentemente, uma das médiuns, de repente, começou a sentir intensa dor na perna esquerda, "casualmente" em uma sexta-feira, dia em que ocorrem nossos atendimentos de passes e consultas, havendo grande movimentação de consulentes.

Essa médium faltou para ir ao médico, pois não suportava a dor, a ponto de não conseguir pisar no chão. Fez vários exames, seguindo a medicina terrena, e nada de anormal descobriram, ficando sem diagnóstico conclusivo. A dor continuou um pouco mais branda nos dias seguintes à sua ausência no terreiro.

No dia da próxima sessão, telefonou para a secretaria, deixando recado de que a dor voltara a aumentar e teria de ir novamente ao médico. Quando me deram o recado, estava trocando os elementos do congá, também senti uma fisgada em minha perna esquerda, e me entrou um pensamento alheio, mas não identifiquei a qual guia pertencia, sendo isso de menos importância naquele momento. Contudo, senti com certeza que era de um dos Exus da casa:

- Será que esta danada não vai se dar conta de que tem coisa aí? Ela tem que vir com dor e tudo. Não diga nada à médium, pois precisa se dar conta da situação por seu esforço e merecimento, para seu próprio aprendizado mediúnico...

E, chegada a hora da sessão, a médium apareceu mancando. Nada falamos. No ritual de abertura, durante a incorporação dos médiuns da corrente, eu já estava vibrado no chacra coronário com caboclo Ventania. Repentinamente, este guia se afastou de minha sensibilidade e deu passagem de seu aparelho para o Exu senhor João Caveira, que sutilmente se apropriou de meu psiquismo, sem nenhuma exteriorização visível à corrente de médiuns, para que pudessem perceber a diferença.

A intenção foi chamar a atenção o menos possível e não dispersar a concentração, uma vez que estávamos com aproximadamente 130 pessoas aguardando para serem atendidas. Rapidamente, senhor João Caveira orientou que continuassem o ritual, chamou a filha na tronqueira de Exu -local reservado, interno, de firmeza dessa vibração dentro do templo, atrás do congá -, pediu um charuto e um alguidar - vasilhame de argila - com água. Acendeu o charuto, mastigou-o e cuspiu o sumo no alguidar. Ficou uma espécie de lavagem escurecida pelo fumo mastigado; na verdade, um tipo de maceração. Ato contínuo, a médium estava a postos, com a perna dolorida, na frente da tronqueira. Lá lavou sua perna, mandando-a imediatamente trabalhar e dar consulta normalmente, dizendo que a dor iria passar e que não tinha tempo para maiores palavreados. Recomendou que ela comparecesse na segunda, para atendimento individual e orientação adequada.

Na segunda-feira, na hora do atendimento da médium, manifestou-se novamente senhor João Caveira, pedindo duas moedas. Começou, então, a bater uma na outra. Esse som serviu de chamariz para o espírito do pé gigante, que estava pedindo esmola. Hipnotizado, encontrava-se "grudado" na médium, a qual, por ressonância, sentia a dor na perna, já que o espírito desencarnou com um tipo de trombose por embolia, que se generalizou na perna, entupindo gradativamente os vasos sanguíneos, o que fez inchar enormemente o pé esquerdo, impedindo-o de andar. Isso serviu para que ele pedisse esmolas e sobrevivesse disso, quando estava "vivo". Esse sofredor foi encaminhado para a linha de Omulu, no Astral, orixá de cura, para os devidos esclarecimentos e cuidados.

Perguntou, então, senhor João Caveira:

- Filha, o que acha de pedir esmola e o que você faz com esse monte de moedas guardadas em casa?

A médium disse que tinha horror a pedir esmolas e que se lembrava de ter uma panela velha cheia de moedas antigas em seu quarto. Sempre solicitava a seus parentes moedas para guardar, desde há muito tempo, pois tinha o hábito de guardá-las para apreciar, como um tipo de coleção preciosa.

Senhor João Caveira explicou:

- Minha filha, as moedas são movimento, troca, bonança, progresso. Ao deixá-las paradas em uma panela esquecida, só para seu deleite, enquanto são de sua posse, o que não significa poupança, impregnam-se vibrações de avareza e cobiça, imantado o vil metal, que pode atrair espíritos em mesma faixa de sintonia mental, atração essa potencializada nos processos de indução obsessiva arquitetados pelos inimigos do terreiro, objetivando tirá-los de suas vindas ao trabalho mediúnico. Vocês devem vigiar suas afinidades, manias, cacoetes. A ligação mediúnica é sutil e se dá de forma imperceptível, às vezes naquilo que é o mais comum na conduta diária. Na maioria dos casos, a psicologia para alijar os médiuns é inteligente e certeira.

Cabe o esclarecimento do motivo de as entidades usarem o fumo. Claro está que as folhas da planta chamada "tabaco", que estão enroladas e picotadas formando o charuto, absorvem e comprimem grande quantidade de fluido vital telúrico, enquanto estão em crescimento. E esse poder magnético é liberado pelas golfadas de fumaça, quando as entidades usam o fumo. Essa fumaça espargida libera princípios ativos altamente benfeitores, desagregando as partículas densas do ambiente. O tabaco, ao ser mastigado e cuspido pelo senhor João Caveira, enquanto estava vibrado no psiquismo do médium, que, aos olhos mais zelosos do purismo doutrinário vigente em muitos centros, pode parecer um absurdo ou maneirismo indisciplinado dos umbandistas, na verdade liberou seus princípios ativos físicos e químicos que ficaram em suspensão, concentrados na saliva, e daí foram dispersos, ao serem macerados na água. Quando usada na lavagem da perna da médium atendida, serviu como eficaz "detonadora" dos miasmas e vibriões astrais que impregnavam a contraparte etérea de sua perna, por um efeito de repercussão vibratória da energia deletéria do obsessor que estava com ela, causando a vermelhidão e a dor.

E quanto à panela velha? Tinha catorze quilos de moedas, das mais antigas às atuais. Foi trazida para o terreiro, para ser desmagnetizada, dado que estava servindo como um tipo de amuleto para fixação de espíritos sofredores, pedintes de esmolas. As moedas foram lavadas com arruda e guiné, renovando-as na imantação com essas folhas na vibração de Oxóssi, orixá regente de nosso congá. Posteriormente, as moedas foram alojadas em local propiciatório para geração de axé - energia - para a prosperidade e abundância do terreiro; o local não temos autorização de dizer, é o "segredo" para a magia de Exu não perder o encanto.

Iah,ah,ah,ah
Exu João Caveira
Vem das matas da Guiné
Chegou nesta seara
Pra salvar filhos de fé.
Ele vem chegando
Pra trabalhar
Saravá, meu pai!
Saravá!

# Diante dos fenômenos mediúnicos

As pessoas se preocupam demasiadamente em saber ou ter a certeza de que os médiuns estão "incorporados" - mediunizados - com seus guias. Creio que isso lhes dá maior segurança da presença dos espíritos do lado de lá na Terra.

Um aspecto a ser considerado dessa necessidade de comprovação, de certeza, é nossa insegurança. Sutis e subterrâneos, os processos de fascinação se apresentam com variada inteligência dos psicólogos das sombras, para tirarem os médiuns em potencial dos caminhos seguros do mediunismo, com base em seus medos.

Recentemente, em um dia de estudo sistematizado, perguntaram-me se um guia pode "incorporar" em um hospital, para dar atendimento a um paciente internado. Poder pode.
Claro está que, se o adoentado tem grau de parentesco com o médium em questão, havendo vínculo emocional, não há como se desconsiderar o animismo, o que, de certa maneira, não desmerece a manifestação, a ponto de demonstrar mistificação. Por outro lado, nossa emoção, quando em desequilíbrio, como acontece em caso de familiares hospitalizados, é uma porta escancarada para as obsessões.

É muito fácil um espírito mistificador se fazer passar pelo guia, em um ambiente propiciatório, como são as unidades de tratamento intensivo e salas de internações. Há de se considerar que os mentores não estão nesses lugares para ficar dando demonstrações, em qualquer horário e em locais vibratoriamente densos, como são os hospitais.

Quando se impõe a atividade socorrista, não devemos esquecer que a chamada mecânica de incorporação expressa diminutamente a amplitude do mediunismo e deve ocorrer em locais consagrados pela prece fervorosa, para nossa própria segurança. Naturalmente, não nos lembramos daquilo que não vemos - os desdobramentos noturnos, em que somos levados em corpo fluídico, astral, pelos guias, para os mais diversos serviços de caridade -, como acontece quando se requer auxílio a enfermos, em leitos hospitalares.

Voltemos à questão da incorporação, a que mais nos enche os olhos, quando do acoplamento da entidade extracorpórea nos chacras do médium, em que grande quantidade de fluido vital, o chamado ectoplasma, é liberado e serve de "combustível" para que os guias atuem nos extratos etéreos dos consulentes, que são faixas vibratórias físicas e fazem parte do duplo etéreo do organismo, que todos nós ternos, acreditemos ou não.

Uma incorporação em ambiente hostil, adverso, como são ruas, bares, boates, hospitais, cemitérios, encruzilhadas, serve para que espíritos sedentos da vitalidade animal atuem. Obviamente que existem casos específicos de atuação mediúnica fora dos centros e terreiros, que acontecem na natureza virginal. Mesmo assim, muito raramente acontece de forma individual, com um médium solitário. Lembremos que o trabalho em grupo é um fator indispensável de segurança mediúnica.

De toda sorte, ainda precisamos da fenomenologia mediúnica, para o afloramento de nossa fé embotada. Vou reproduzir dois exemplos recentes, sendo o primeiro um relato de caso:

Consulente JBS, casado, quarenta e dois anos, dentista, estudioso espírita, residente na região central do Brasil, via-se repentinamente enfraquecido, pálido. Após vários exames médicos, sem diagnóstico conclusivo, detectou-se um distúrbio na glândula suprarrenal, uma espécie de nódulo de 1,2 em, o que é muito significativo, visto que a suprarrenal tem em média 5 em. Essa glândula endócrina é envolvida por uma cápsula fibrosa e localiza-se acima do rim, fazendo parte do complexo orgânico envolto pelo chacra esplênico, um centro de força do duplo etéreo,

responsável por nossa vitalidade e produção de ectoplasma. Essa glândula é vital aos humanos, e sua principal função é estimular a conversão de proteínas e gorduras em glicose.

Durante o atendimento no grupo de apometria, verificou-se muita inveja contra o consulente, dentista bem-sucedido, em uma pequena cidade do interior. Um detalhe importante é que foi feita um ponte vibratória - sua tia ficou presente em seu lugar, pois o atendido estava distante mais de 4.000 km, tendo pedido e autorizado o procedimento.

Na ocasião, foi dito pelo Exu Tiriri que o consulente se vigiasse mais durante a construção do prédio que estava empreendendo, pela discórdia, ciúme e disputas que houvera pela aquisição do terreno, situação conflituosa que o enfraquecera, desvitalizando o chacra esplênico, pelo fato de JBS ser médium e se encontrar protelando seus compromissos com sua sensibilidade.

Isso não havia sido informado por sua tia. Deixou-a estupefata o fenômeno da informação durante a manifestação. Dada essa mensagem, procedeu-se à aplicação magnetismo com as entidades de cura do Oriente, envolvendo seu órgão etéreo na altura do chacra esplênico, em campo de força propiciatório para desdobrá-lo do corpo físico, oportunizando aos médicos do Astral que extraíssem a energia mórbida envolvida em torno do órgão.

Após, "explodiu" o fulcro energético desarmônico, localizado na contraparte etérea da glândula suprarrenal, e colocou-se uma malha de proteção para tonificar a cápsula fibrosa que a envolvia, uma vez que nos exames ela aparecia mole e um tanto pastosa. Após uma semana, o consulente voltou para a junta de quatro médicos da Universidade Federal da capital do estado em que residia e, surpreendentemente - para eles -, o nódulo havia sumido, como que por mágica. Então, não havia mais necessidade de qualquer tentativa de diagnóstico, sendo dispensado o paciente, sem maiores explicações, como geralmente acontece nessas situações.

Oportunamente, essa pessoa deslocou-se até a choupana, para se consultar, e agradeceu pelo que recebeu. Dissemos que, se assim o foi, é porque ele teve merecimento. Redargüiu dizendo que precisava daquilo, do fenômeno, para ter sua fé fortalecida, o que o fez se decidir a entrar no centro espírita de sua cidade como passista, fazendo muito bem a ele. Já havia algum tempo, relutava por se achar incapaz de tão elevada tarefa. Ora, para sermos médiuns, não precisamos ser perfeitos, como os apóstolos de Jesus não o eram. Concluímos que os fenômenos ainda são como a rede do "pescador" Jesus, no mar da Galileia de outrora, "pescando" as almas incrédulas para a boa-nova que anunciava, realizando o "milagre" da multiplicação dos peixes em suas águas.

Vou também compartilhar um fenômeno que aconteceu comigo. Estava na abertura de sessão, choupana lotada. Uma semana antes, tivemos alguns conflitos na distribuição das fichas de passes e consultas. O pessoal da assistência havia "brigado" entre si, disputando lugares no salão, já que as fichas eram distribuídas por ordenação dos bancos, da frente para trás. Tivemos de mudar os procedimentos de entrega das fichas, passando a ser por ordem de chegada. Ocorre que algumas pessoas ficaram contrariadas com a turma do estudo sistematizado, que chegava antes e recebia as fichas primeiramente. Colocaram em dúvida minha mediunidade e serenidade espiritual, pelo fato de não abrir mão dos estudos na umbanda. Resignadamente, nada falei nesse sentido, aplicando as novas medidas, como mandou a balança de minha consciência. Voltando à abertura da sessão, toda a corrente a postos, os pontos cantados a pleno, após a defumação, senti pressão no chacra frontal e dor intensa na cabeça. Ato contínuo, houve o seguinte diálogo com o caboclo Ventania:

- Vai até a assistência e diz que a consulente que está com sinusite e com uma terrível dor na fronte da cabeça pode passar na frente dos outros e entrar primeiro.

O médium respondeu:

-Meu pai, há necessidade disso? Eu vou exaltar o fenômeno e desrespeitar a ordem de chegada e distribuição das fichas.

-Sim, há necessidade - disse Ventania.

-Por quê?

- Toda vez que sua mediunidade é posta em dúvida, enfraquecendo a egrégora coletiva e a força de nosso congá, monitoramos a ocorrência dos fenômenos, ainda indispensáveis à comprovação do amparo dos guias. Assim, reencetamos a fé nos frágeis humanos, ainda tão inseguros das coisas de Além-sepultura, e fazemos os espíritos anárquicos que os sintonizam perderem sua influência. Pelo todo, exaltamos a mediunidade de um, que é o mais comprometido no exercício da humildade e deve diminuir-se nessas ocasiões.

- Mas, senhor Ventania, tenha dó de mim. E se não tiver nenhuma consulente lá com sinusite? Eu vou pagar um mico!

- Meu filho, deixa teu medo e tua insegurança de lado e amaina tua vaidade. Não temas o reconhecimento, que não será teu, mas sim do lado de cá, pelo amparo que a choupana tem. Lembra, tu és só o instrumento falho e não deves temer o erro, que, de regra, é teu, e não nosso. Vai logo! Temos muito a fazer. Ela está sentada no segundo banco, na fileira da frente, à esquerda da entrada da casa.

Então, vibrado com o caboclo Ventania, fui até a assistência e chamei a consulente em questão, que confirmou a sinusite e a dor de cabeça ferrenha. Os demais ficaram quietos, com os olhos arregalados e respeitosos. Os fenômenos de clarividência, premonição, adivinhação e antecipação dos fatos ainda são necessários, e os espíritos mentores se valem deles para que a descrença não domine nossos fragilizados espíritos.

Jurema, sua flecha caiu,
E ninguém sabe,
E ninguém viu.
Eu vou chamar
O caboclo Ventania,
Só ele sabe
Onde a flecha caiu.
Okê Oxóssi!
Epahei Iansã!
Salve a flecha certeira do caboclo Ventania!

# Mediunidade e prosperidade

Mediunidade combina com prosperidade financeira?

É certo que o exercício mediúnico deve se pautar pela seguinte máxima: "dar de graça o que de graça recebemos".

O que me chama atenção é que seguidamente temos médiuns operosos, dedicados, assíduos, e suas vidas não têm prosperidade. Conversando aqui e ali, verifico que ainda temos marcado muito forte em nosso inconsciente que ganhar dinheiro é uma coisa ruim, que não combina com o sagrado, que vai nos atrapalhar. Verifico, ainda, um medo de "não se entrar no Céu", decorrente da explicação de Jesus acerca da dificuldade de um rico alcançar esse feito, quando disse ser mais fácil um camelo passar no buraco da agulha do que isso acontecer.

A resposta de Jesus para o jovem rico que o perquiriu não se baseou só em sua riqueza, mas no fato de que seu coração estava cheio de avareza e idolatria pelas moedas. Não é possível que Deus seja contra a riqueza, a troca mercantil, o progresso. O jovem rico, ao inquirir de Jesus sobre o que fazer para herdar a vida eterna, ouviu do Mestre que deveria desfazer-se de suas riquezas, para ter um tesouro no Céu. A questão não era o dinheiro que o jovem acumulava, e, sim, sua idolatria pelo material.

A explicação de Jesus, dizendo que é mais fácil um camelo passar por um buraco de agulha do que um rico entrar no Céu, incorretamente interpretada até os dias atuais, faz muitos pregarem contra os bens materiais e acreditarem na trilogia: espírito, Céu e pobreza. Com certeza, nosso coração e nossa consciência não devem estar apenas nas riquezas pueris. Todavia, ganhar dinheiro honestamente, em abundância, não constitui maior empecilho que o mundo profano, os apelos carnais e o próprio orgulho, uma vez que ser pobre não é ser humilde e vice-versa.

No exemplo do jovem, diante de Jesus, recomendou-se, de forma figurada, que ele deveria deixar o apego às riquezas. Na verdade, a riqueza potencializará o que nossas emoções negativas exprimem em nosso modo de ser, como um meio de exacerbação involuntária da falta de autoconhecimento, como o são o apego à fama, ao talento reconhecido, à boa aparência, com roupas da moda, ou ao intelectualismo exagerado, à sexolatria e à vaidade desmedidas.

Infelizmente, a mentalidade dominante no meio judaico-cristão - incluindo-se o espiritismo e também nossa umbanda, pois seria impensável negarmos a influência católica em nossas comunidades - é a de "bem-aventurados os pobres", quando deveríamos enfatizar: "O Senhor é meu pastor; nada me faltará".

Um dia desses, escutei de um dirigente umbandista que tem seu terreiro quase caindo aos pedaços, em um barracão de madeira, que não reformava o local para o povo não pensar que eles tinham dinheiro, mesmo o agrupamento sendo autossuficiente financeiramente e o terreno sendo deles. Pode?

Voltando à pergunta de que se mediunidade combina com prosperidade, respondo: é claro que sim. Temos, na umbanda, a linha dos ciganos, que nos trazem uma alegre mensagem de axé - força - para abundância, fartura e prosperidade em nossas vidas.

É preciso falar um pouco da origem dos ciganos, para entender seu trabalho e por que ele é realizado na umbanda. Primeiramente, temos de desmistificar a imagem do andarilho cigano, malandro, ladrão, seqüestrador de criancinhas, falastrão, desonesto. Isso foi fruto do preconceito diante dessa etnia livre e alegre, principalmente pelo fato de a crença deles não ser católica, religião dominante, confundida com os estados monárquicos por muito tempo.

Os ciganos chegaram ao Brasil oficialmente a partir de 1574. Existiam disposições régias proibindo-os de entrarem em Portugal. Em 15 de julho de 1686, Dom Pedro II, rei de Portugal, em

conluio com o clero sacerdotal da Igreja, determinou que os ciganos de Castela fossem exterminados e que seus filhos e netos (ciganos portugueses) tivessem domicílio certo ou fossem enviados para o Brasil, mais especificamente para o Maranhão.

Dom João V (1689-1750), rei de Portugal, decretou a expulsão das mulheres ciganas para as terras do pau-brasil. Por anos a fio, promulgaram-se dezenas de leis, decretos, alvarás, exilando os ciganos para os estados de Maranhão, Recife, Bahia e Rio de Janeiro, onde se encontravam os núcleos populacionais mais importantes da colônia portuguesa. Este mesmo rei, Dom João V, proibiu os ciganos de falar o romani, uma de suas línguas.

Afirma-se que as mais importantes contribuições dos ciganos para o progresso e a prosperidade de nosso país foram negligenciadas até hoje pelos historiadores e livros escolares. Eles foram coparticipantes da integração e da expansão territorial brasileira. Ouso afirmar, ainda, que, se não fossem os ciganos, as comunidades de antigamente, pequenos centros habitacionais, vilarejos, teriam progredido muito mais lentamente.

Os portugueses e africanos que vieram para cá não eram nômades. Os lusitanos procuravam fixar-se em terras além-mar, e os africanos fixavam-se a estes últimos como escravos. Então, de norte a sul, de leste a oeste, em todos os lugares, lá estavam os ciganos, livres, viajando em suas carroças, negociando animais, arreios, consertando engenhos, alambiques, soldando tachos, levando notícias, medicamentos, emplastros e também dançando, festejando e participando de atividades circenses.

Alegres, prudentes, místicos, magos e excelentes negociantes, quando chegavam aos vilarejos conservadores, era comum senhoras se benzerem com os rosários em mãos, esconderem as crianças nos armários, pois chegavam os ciganos com suas crenças pagãs.

Assim como os espíritos de negros e índios foram abrigados na umbanda, por falta de espaço para suas manifestações nas lides espíritas, todas as raças encontraram no mediunismo umbandista liberdade de expressão. Os fatores mais importantes que permanecem em um povo, desde a mais remota antiguidade, são de consistência espiritual, com manifestação nos sentimentos e no modo de ser mais íntimo, com comportamentos típicos, frutos da memória coletiva, ou seja, de uma herança atávica.

É inconcebível, como o fazem nas hostes kardecistas, doutrinar um espírito milenar em minutos, fazendo-o deixar de ser um brâmane, um filósofo grego, um mago persa, um aborígine, um negro africano, um índio ou um cigano, passando a ser "só um espírito".

Com respeito a todas as formas raciais, a umbanda foi plasmada no Astral para oportunizar a manifestação de todos esses espíritos comprometidos com suas histórias e consciências coletivas, que não se desfazem e refazem em minutos de oratória racionalista, em uma mesa espírita.

Não faz pouco tempo, estive envolvido no aluguel de uma sala comercial para instalar minha empresa de distribuição de catálogos por vendas diretas. Estava apreensivo com a inadimplência e temeroso de que esse novo passo, para o qual teria que assumir investimento e novas representações, não fosse bem-sucedido. Fiz uma prece fervorosa no congá da choupana, pedindo amparo e que, se fosse de meu merecimento, conseguisse intuição para tomar as decisões certas em relação ao novo empreendimento, dado o baixo capital de giro de que dispunha.

Sou da opinião de que quem não pede não leva e de que devemos saber pedir, para não ganharmos o que não queremos. Podemos pedir um cavalo ligeiro e ganhar um burrico manco, tendo ainda que dar de comer ao bichano. Na dúvida sobre a equidade do que se pede, melhor calar.

Na mesma noite da prece no congá, no meio da madrugada, senti uma cigana ao lado de minha cama; alta, com saia rodada vermelha, uma tiara prendendo os longos cabelos negros,

cantava e dançava flamengo com castanholas, dizendo ser a cigana formosa da Andaluzia, região da Espanha.

Em desdobramento, pegou minha mão fluídica, a esquerda, e comprimiu dois pontos, dizendo-me que estava ativando algumas linhas de força em meu chacra palmar, que me fortaleceriam, no sentido de ter maior tenacidade e não desistir facilmente do novo projeto.

Ao acordar, senti comichão forte em dois pontos da palma esquerda, que ficou quente e vermelha. Nesse momento, ouvi a cigana formosa dizendo-me que estaria, a partir de então, junto comigo em meu estabelecimento comercial e de trabalho. Atendia um pedido de caboclo Pery e fora, então, designada pelo senhor Tranca Rua das Almas, por ser o Exu guardião da choupana, zelador da corrente mediúnica, para que me acompanhasse, ajudando-me para que meus caminhos de prosperidade estivessem abertos e assim atraísse, pela lei de atração e afinidade, negócios em mesma faixa vibratória, de abundância e progresso.

Deu-me um recado, ao final dessa experiência:

Meu caro cigano Zartheu. É assim que te conheço de longa data: tua preocupação com a coletividade religiosa com que estás envolvido, esquecendo-te da tua própria bonança, muitas vezes sem uma moeda no bolso e mesmo assim não se abatendo diante de tantas rogativas e choro por falta de emprego, dinheiro e penúria dos consulentes. Este simples fato de não pensares em ti, quando vestes o branco da umbanda para auxiliar os que te batem à porta do terreiro, deu-te merecimento para que fosse ajudado. Nada é um acaso. Em idos antigos, quando ocupávamos o mesmo clã e eu te era a amada, cuidava de todos os negócios de nossa família cigana, que era enorme. Tu confiavas em mim cegamente, até o dia que te traí com um jovem cigano galanteador de outro clã. Não te lembras do ataque em tuas tendas em altas horas de madrugada, do assalto e assassinatos infames? Caímos, eu e ele, na mais grossa traição, conspurcando nossa fé e etnia. Não sabes quanto sofri por isto; "expulsa" de nossa tribo por nossas leis, deixada a esmo no interior da Espanha católica, acabei me recolhendo em convento. Por não ter procedência aceita, terminei meus dias como serviçal das freiras, que, por qualquer motivo, escarneciam da minha origem étnica, chamando-me de bruxa megera, pelo fato de a arte da leitura das mãos ser uma heresia. Quanto sofrimento, meu querido, e agora tenho a oportunidade sagrada de me reequilibrar com as leis divinas, auxiliando-te como fiel e formosa olheira no Astral, contribuindo para que recebas novamente um pouco de tudo que te fiz perder. Meu amor pela história de nosso povo é enorme e compreendo que nada é definitivo. As oportunidades são eternas, diante da bondade infinita do Pai. Conta com tua amiga, agora mais fiel do que nunca, para que consigas um pouco na Terra, o suficiente para uma vida digna, com bonança, e te dediques cada vez mais ao espiritual. Todos aqueles que de alguma forma dependem de ti neste corpo, desde a filha de Iemanjá, que está muito próxima, zelando por ti e amando-te como mulher, e teus familiares, médiuns, consulentes, público leitor, entre tantos, encontrem sempre a serenidade em teu semblante, que a abundância e a prosperidade oferecem, quando associados com a espiritualização do ser que a nossa amada umbanda forja. Que Deus e os sagrados orixás nos abençoem. Tua eterna amiga, hoje cigana formosa.

O vento vai trazer uma cigana
Que as flores da campina vão vergar.
São uma, são duas, são três flores,
De onde seu perfume vai tirar.
Quando cheguei à aldeia
Senti um aroma de rosas.

Havia uma cigana formosa,
Qual cigana eu encontrei.
Levanta a saia, oh, cigana!
Não deixa a saia arrastar,
A saia custa dinheiro,
Dinheiro custa ganhar.

# Sobre os ciganos na umbanda

Pombagira Cigana da Estrada
Médium: Elizabeth Caetano Drumond

Muito se ouve falar que a linha de cigano faz parte da linha de Exu, que os ciganos são entidades ainda em evolução, tentando ingressar na linha de Exu, que Pombagira Cigana ou Ciganinha foram as únicas entidades ciganas que evoluíram e ingressaram na linha de Exu.

Essa falta de entendimento, que é, na realidade, uma simples dedução, faz muitos terreiros não deixarem os médiuns trabalharem com essa linha. Chegam a dizer que são entidades sem luz.

Vim tentar explicar um pouco sobre como trabalha e como é a linha de ciganos.

Eles são entidades "livres". Não se faz "firmezas" ou "assentamentos" para ciganos dentro da "casa de Exu" ou em qualquer lugar do terreiro. Quem diz que tem seu cigano "preso" no terreiro não passa de um mentiroso; ele tem é obsessor "preso".

Onde já se viu firmar cigano como guardião? Cigano trabalha em todos os "lugares", é livre para trabalhar e precisa dessa liberdade para sua evolução, pois é dando corda que se enforca uma pessoa, e assim também se faz com desencarnado.

Não estou dizendo que não possa haver elementos de ciganos dentro do terreiro, até porque muitos médiuns precisam de um ponto de fixação para poder entrar em sintonia com seus guias. Os ciganos não trabalham a serviço de um orixá específico, por isso não são guardiões de um terreiro. Essa linha trabalha em paralelo e conjugada com as demais, e seu compromisso primeiro é com a caridade, e não com nenhuma outra linha específica.

Os ciganos são protetores, e não guardiões. Podem trabalhar dentro da linha de Exu, porém sem função de chefia e de guarda. Já os Exus ciganos e Pombagiras ciganas são Exus e Pombagiras como outros quaisquer, exercendo todas as funções que qualquer Exu e Pombagira exercem. Em resumo, cigano é uma coisa, Exu cigano é outra. Eles têm funções diferentes, embora a mesma origem cigana.

Os ciganos se manifestam nos terreiros de umbanda justamente por ela ser uma religião aberta e dar liberdade para qualquer linha de trabalho que faça caridade.

Por serem muito alegres, os médiuns começaram a se fascinar e ter excesso de culto por essa linha. Então começaram as vaidades, as roupas enfeitadas, as bebidas, os fumos, as danças, as firmezas, os assentamentos, os jogos em casa ou até mesmo no terreiro, e, assim, infelizmente, muitos espíritos que ainda estavam em "desenvolvimento" para ingressar nessa linha se perderam junto com os médiuns. Hoje podemos ver os absurdos que são feitos usando o nome de entidades de luz.

O mundo está cheio de charlatães; o pior é que as pessoas, na hora do desespero, pagam o que for necessário para saber como anda sua vida, seu marido, seu trabalho e coisas desse tipo.
Não se pode pagar pelas graças recebidas, pois tudo o que fazemos é apenas mexer com a fé e a determinação de cada um e mostrar que todos são capazes de conseguir o que querem;
claro, dentro do merecimento de cada um.

Basta saber que um pedacinho de papel, metal ou outro elemento foi irradiado por uma entidade que vocês usam isso como um talismã e lembram-se de agradecer, entrando em sintonia com espíritos de luz. Lembram-se, assim, de suas metas e lutam por elas.

Os ciganos trabalham com os quatro elementos da natureza: terra, água, ar e fogo.

**Elemento terra**: os ciganos distinguem cada pedra e têm conhecimento sobre elas; assim, manipulam o elemento terra. Cada pedra tem uma razão para ser usada e uma necessidade. Passar uma pedra em alguma parte do corpo ou segurá-la faz o indivíduo se descarregar ou até mesmo se energizar, dependendo do trabalho realizado. É na terra que se encontra firmeza para enfrentar a vida, resgatar carmas e continuar o caminhar.

**Elemento água**: podem utilizar copos ou taças com água. Pela água conseguem ver se não há maldade no que está sendo pedido. Enxergam se há pureza no coração de cada um, pois a água serve de espelho, espelho este que reflete o que tem dentro de cada um de nós. Conseguem ver com clareza o que foi feito por cada um e o porquê de estarem colhendo o que não querem colher.

**Elementos ar e fogo**: podem utilizar o cigarro e com ele estar manipulando dois elementos: o ar e o fogo. O fogo, muitas vezes, é usado para queimar invejas, miasmas, larvas e cascões astrais.

Nem sempre esses elementos são usados de uma só vez. Quero deixar bem claro que não precisamos diretamente deles, podemos plasmá-los perfeitamente, usando o ectoplasma do médium.

Para um cigano poder trabalhar em prol da caridade, não é necessário um baralho, uma taça de vinho ou qualquer outro elemento. Isso é mito. Eles podem usar - e usam - elementos da natureza, em alguns trabalhos. Entretanto, quando estão incorporados nos médiuns, a energia de trabalho e o próprio corpo do médium limitam a visão e o campo de ação da entidade.

Querem saber como trabalham e como são?

Muitas histórias são contadas, muitas outras são ouvidas, mas nem tudo o que é falado é verdade.

Vá para o terreiro, entre em sintonia "com o plano espiritual", limpe-se de sua própria língua e trabalhe em prol da caridade. Ajude no que for preciso e busque andar corretamente, quem sabe um dia você obtenha alguma resposta.

Lembre sempre de que todas as entidades são iguais, trabalham juntas em um único objetivo: a caridade.

Por que vocês encarnados querem ser melhores do que os outros, querem trabalhar sozinhos e levar vantagens com isso?

Existe uma palavrinha mágica, que se chama humildade, e muitos de vocês estão se esquecendo de abaixar a cabeça na hora e no momento certos e pedir perdão por terem se achado os donos da verdade.

Parem e pensem: a árvore, para dar frutos e sombra, precisa da água para germinar a terra; da terra para poder se fixar, ter um porto seguro e poder ter vida; do vento para espalhar suas sementes e, assim, formar uma mata; do calor do Sol para o crescimento das sementes.

Agora vou mostrar como isso funciona, dentro de um terreiro de umbanda.

O médium precisa de um(a) dirigente espiritual para ajudá-lo a se desenvolver, como um porto seguro para incorporar as entidades, para estar harmonizado com o Alto, para expandir a caridade e estar equilibrado para doar energia e poder ajudar uma pessoa necessitada.

Estou falando de pessoas sérias, e não de charlatães, então, não sejam prepotentes, achando que sozinhos fazem umbanda, pois, por mais bem-intencionados que estejam hoje, amanhã irão certamente transformar-se, caso se deixem envolver pela vaidade e prepotência de trabalharem sozinhos.

Entenderam por que não podem inventar altares, montar em suas casas "mesinhas" 'para jogar baralhos, runas ou o que for, em nome do povo cigano?

Se não, pergunto ainda: para onde vão as cargas, os miasmas, as larvas e os cascões astrais retirados de seus consulentes? Para o ralo de seu banheiro? Se as entidades não trabalham sozinhas, por que vocês insistem em trabalhar sozinhos? Querem ser "chefes de terreiro"? É por vaidade, prepotência ou ignorância?

Não tenham excesso de culto por nenhuma entidade, isso prejudica vocês mesmos e a nós, gerando fascinação de ambos os lados, pois vocês ficam tão viciados por oferendas que só nos escutam se estiverem ofertando alguma coisa. Então, para sermos escutados, começamos a pedir oferendas, assim, ambos nos perdemos.

Tudo em excesso pode ser destruidor.
Se há amor em excesso, há ciúmes e possessão,
Se há ódio, há morte,
Se há fascinação, há vaidade,
Se há alegria em excesso, há inveja,
Se há tristeza em excesso, há depressão,
Se há culto em excesso, há fanatismo.

É preciso que tudo na vida esteja bem equilibrado, e o equilíbrio tem um nome, que se chama umbanda. Umbanda é a paz interior, é fazer caridade ao desconhecido, é o amor pela vida e pelo próximo. Umbanda é luz, vida e amor.

Laroyê!

# A força que nos dá vida

Sou procurado frequentemente por dirigentes e médiuns de outros terreiros, buscando orientação. Como as portas da choupana estão abertas a todos que a procuram, sinto-me confortável em dar minha opinião fundamentada na umbanda que praticamos. Afinal, se nossa ritualística e seus usos e costumes estão servindo de balizamento para outros terreiros, fico tranqüilo quando me chamam de intolerante, fundamentalista, coisa e tal.

Ninguém é obrigado a nada, e não abro mão de alguns fundamentos. É impensável, em minha modesta opinião e na dos guias que me assistem, praticarmos uma umbanda com imolação animal, corte ritual, sacrifício e derramamento de sangue, uma vez que essas práticas não combinam com a caridade, que é a essência da umbanda.

Antes de transcrever o conteúdo de uma carta - consulta - que me foi endereçada, farei algumas digressões, para depois abordar o foco deste capítulo, com base nos questionamentos de outro dirigente de terreiro, que escreveu a missiva, sabedor de que o tema e meus pontos de vista serão polêmicos.

Como já é de regra e compromisso, os amigos espirituais capitaneados no Astral por Ramatís abordam esses assuntos segundo um escopo cósmico universal, que os outros espíritos não querem, por não poderem ou por falta de simpatia mesmo, extrapolando a doutrinação religiosa - evangélica - reencarnacionista, disseminada no meio, e espiritualista tradicional.

Não sou simpático à palavra "tolerância", pois entendo que os que são tolerantes estão "autorizando" que alguém faça ou deixe de fazer algo, quando não estão suportando.

Em religião, fala-se sobre tolerância como se fosse necessário suportar algo menor, inferior e que nos incomoda. Como cada um é livre e pode decidir o que fazer de sua vida e de sua mediunidade, na verdade, não é necessária a tolerância de outro para fazermos o que temos que fazer. Está claro que a intolerância pode nos levar a agredir os outros, como acontece com os evangélicos neopentecostais, em relação aos cultos afro-brasileiros e à umbanda.

Há de se considerar que o fato de eu não ser a favor dessa hipocrisia, que é a tolerância religiosa da maioria com as minorias, não me faz intolerante. Se não preciso autorizar o ato de quem quer que seja - e as pessoas não precisam disso -, e nem tenho esse poder, então, que cada um seja responsável por si e cuide dos "boizinhos em seu cercado", como dizem no Sul.

A lógica é simples: se as pessoas não necessitam de minha autorização para fazer o que quer que seja, não estarão sujeitas a nenhuma ação repressiva de minha parte; e nem tenho esse poder. A tolerância e a intolerância, no fundo, são a mesma coisa: a primeira faz entender que possuímos o poder de permitir; e a segunda, de restringir.

Temos que respeitar a opinião do outro e seu direito universal de liberdade religiosa. Nesse sentido, tenho uma atitude passiva: só opino quando sou procurado. Com essa atitude, fico em paz com a justiça universal e precavido contra os ataques magísticos que naturalmente ocorrem contra um zelador de terreiro de umbanda.

A coisa é muito singela: se sou procurado, é o livre-arbítrio e a vontade de quem procura que estão atuando. Então, o Cosmo está ao "meu lado" e Xangô - orixá da justiça - me apóia.

Infelizmente, na atualidade do movimento umbandista, prega-se uma tolerância hipócrita e irrestrita à diversidade. Claro, desde que isso não contrarie os que assim pregam. Objetivamente, se você não faz matança em sua casa e não cobra, e posiciona-se contrário a essas práticas, fundamentando que isso nada tem a ver com a essência caritativa da umbanda, você é rotulado de retrógrado, fundamentalista, intolerante e sectário. Paradoxalmente, os que preconizam a tolerância irrestrita à diversidade tornam-se intolerantes, quando discordam do que dizem.

Hoje vivemos a umbanda do vale-tudo, em que se defende uma diversidade fundamentada em uma falsa tolerância, uma frágil convergência para angariar adeptos a determinada escola, um estreito respeito incondicional às diferenças. Desde que sua opinião não seja diferente da minha, tudo pode ser feito, tudo é umbanda, como se todos os pássaros pudessem botar os ovos no mesmo ninho, sem comprometer a ninhada.

Ah, algumas raposas estão rindo com isso, pode crer, com seus ninhos cheios de ovos "roubados", que elas não conseguem botar. Ou seja, todos os fundamentos e preceitos de outras religiões são parte da umbanda, tudo é convergente, e a umbanda abarcaria todos os níveis de consciência.

Enfim, segue a transcrição da carta-consulta recebida, em que, por situação óbvia, omito os nomes dos envolvidos:

Sou zeladora de um terreiro que herdei de minha mãe, que foi a fundadora. Faz onze anos que estou à frente do congá. Como estou me sentindo um pouco fraca, esquecendo as coisas, o que está me deixando insegura quanto à sintonia com meus guias, fui aconselhada por outro sacerdote de nossa religião a me fortalecer no candomblé, continuando na umbanda. Como é pessoa de grande influência em nossa comunidade religiosa, resolvi procurar o ilê - terreiro - de candomblé que ele me indicou. Confesso que por curiosidade e também por receio de o contrariar e acabar perdendo o amigo, pois ele mesmo é iniciado nesta religião e expressivo líder umbandista. Então, no jogo de búzios desta casa, fui orientada a dar um bori para equilibrar, acalmar e centrar meu ori, para que eu possa continuar desenvolvendo meu lado mediúnico na umbanda. Sou umbandista e pretendo continuar a ser, como já disse, estou me sentindo muito fraca, com a cabeça cansada, raciocínio difícil. Confesso que fiquei ainda mais insegura após o jogo de búzios. Os médicos dizem que não tenho nada. As entidades da umbanda idem. Então, consultei os búzios com esta ialorixá - sacerdotisa -, por indicação e que já a conhecia de nome. Ela disse ter saído no jogo "odu de iniciação" e que também os búzios diziam que preciso passar por um bori, antes de qualquer coisa. Como a consulta de búzios já se estendia por mais de duas horas e eu havia feito diversas perguntas e conversado muito com a ialorixá sobre umbanda e candomblé, ela continuou jogando. Aí uma entidade (muito semelhante a um preto velho) se manifestou comigo, mas não disse nada. Senti que ele estava contrariado pelas orientações que estava recebendo, mas não consegui sintonizar direito. Continuando o jogo, ela disse: "Olha aí de novo odu de iniciação". Não compreendi muito bem o que viria a ser exatamente isso, mas resolvi não perguntar, pois ela disse: "É, mas, antes de nos aprofundarmos mais, você precisa dar um bori para centrar e acalmar o seu ori". Quanto à entidade que se manifestou, ela disse achar que era a vibração do orixá, confirmando a necessidade de dar comida à minha cabeça e que não era nenhum preto velho ou outro trabalhador que me acompanhasse, pois ali não era permitida a entrada de eguns - espíritos. Gostaria de me fortalecer, quem sabe fazer o bori, e estou relutante, por causa do uso do sangue neste ritual. Sou ainda carnívora, moderada, comendo só peixes, então, não me considero melhor do que os que comem carne em ritos sagrados. É que minha consciência não se identifica com a imolação. O que realmente temo são as entidades de baixa vibratória que poderão ser atraídas pelo sangue, durante o bori e depois dele, e as conseqüências desse ritual em minha vida, pois, embora o sangue tenha propriedades magísticas reconhecidas, sei que atrai entidades densas e larvas astrais. Como boa estudiosa dos assuntos do plano espiritual, vejo-me diante de uma grande dúvida: dar ou não o bori. Gostaria muito de uma terceira opinião, se for possível, pois, após o jogo de búzios, tenho a impressão de que fiquei mais perturbada, estou dormindo mal e com a impressão de que estou sendo vigiada a todo o tempo.

Agradeço a Deus e aos orixás, se tiver uma orientação.

Primeiramente, é preciso explicar o que quer dizer bori. Da união de duas palavras em ioruba, "bó", que significa oferenda, e "ori", que quer dizer cabeça, surgiu o termo aportuguesado bori, que, traduzido, significaria "oferenda à cabeça". No aspecto ritual e litúrgico do candomblé, trata-se de uma iniciação à religião. Na verdade, uma expressiva iniciação, sem a qual nenhum noviço poderá passar para os rituais de raspagem e catulagem, ou seja, raspar a cabeça e, com o sangue derramado, fazer um corte ritual na altura do crânio, fixando o orixá - no rito dessa religião - no iniciante.

Então, bori é uma iniciação ao candomblé, com sacrifício animal, sem a qual nenhum noviço pode passar pelos rituais e demais graus iniciáticos, ou seja, é a primeira iniciação rumo ao futuro sacerdócio.

Na verdade, enfeixa-se a fórceps, de maneira violenta, uma energia no chacra coronário, em uma linha vertical, diretamente na glândula pineal, o centro orgânico receptor da mediunidade, fazendo literalmente o recém-iniciado "refém" de uma força exterior, que entendo seja um desencarnado, em conformidade com as leis universais que regem a vida dos espíritos no mundo espiritual, quer acreditemos nisso ou não, pois essa verdade independe de crenças e dogmas religiosos existentes na Terra.

O bori prepararia a cabeça para que o orixá pudesse se manifestar - plenamente. Dentro do contexto religioso que é realizado, com sacrifício e sangue, em um rito de troca, bem como todos os outros demais elementos rituais que constituem a oferenda à cabeça, exprimem desejos e rogatórias comuns: paz, tranqüilidade, saúde, prosperidade, riqueza, boa sorte, amor, longevidade. Caberia ainda ao ori - cabeça - de cada um eleger prioridades, em conformidade com seu odu - destino. Uma vez cultuando e renovando as oferendas como exigido, proporcionar-se-ia aos seus filhos, em troca do que se recebe, o que há de melhor e o que falta na vida de cada um.

Mais sério do que fazer a iniciação é ter de renová-la regularmente, bem como suas oferendas, sob pena de severas reprimendas e negatividades espirituais. Existe uma dependência fluídica dos espíritos que tomam conta da "cabeça" do iniciado, que, por sua vez, ficará dependente dos elementos, para que tudo em sua vida e em sua saúde corra bem.

Esse assunto é velado, segredo, mas a verdade é que existem muitas pessoas que obrigatoriamente tornam-se viciadas em agradar o "santo". São as chamadas obrigações. Agrava-se essa situação pelo fato de tudo ser muito bem pago, principalmente o sacerdote que comanda o rito.

Com todo o respeito que tenho em relação a qualquer outro culto ou religião, especialmente ao candomblé, minha consciência não me permite aceitar e muito menos ser favorável a matar em um rito sagrado, mesmo que seja em outra crença. Nem cogito de ritos com outras finalidades que não sejam o intercâmbio com o sagrado, porque aí o caldo entorna de vez.

Entendo que a sacralidade, o divino, é, antes de tudo, uma ode - um canto de louvor - à vida planetária. Veneramos os orixás na forma nagô e absorvemos muito dos fundamentos de sua cosmogonia na umbanda, que praticamos em nossa choupana. Temos amparo dos orixás, de Nanã, Omulu, Iansã, sem precisarmos derramar uma gota de sangue.

Certamente, em vidas passadas, já fui um sacerdote africano, líder de um clã tribal, matando para os orixás, almejando boas colheitas, fertilidade para as mulheres e saúde para as crianças. Contextualizando, isso não me faz melhor ou mais evoluído do que quem assim o faz hoje. É uma questão de entendimento e consciência. Meu espírito entende, hoje, que o culto aos orixás é diferente do passado e que o sagrado deve nos libertar e expandir nossa consciência, levar-nos ao zênite espiritual, de dentro para fora, sem fazer sofrer, despertando internamente nosso potencial crístico e atraindo perenemente, sem obrigações de oferendas para troca, pela lei

universal de atração e afinidade, felicidade, saúde, prosperidade e bonança em nossas vidas. Deus é amor e todo provedor. Este é o papel de um sacerdote na atualidade - diferente de antigamente: mostrar aos seus filhos - iniciados - o caminho, que é só deles, sendo totalmente livres para segui-lo ou não, sem quaisquer obrigatoriedades. É o livre-arbítrio que vai ditar a relação com o sagrado.

Então, como pode um bori combinar com a essência da umbanda, que é caritativa? Será que está faltando mediunidade na umbanda?

Já falei sobre esse assunto por diversas vezes; perdoem-me se vamos nos tornar repetitivos.

Precisamos pensar como surgiu na umbanda a vinculação com sua essência: fazer caridade. Sem dúvida, a ligação da umbanda com Jesus e com a caridade desinteressada foi instituída pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, por intermédio da mediunidade cristalina de Zélio de Moraes.

Há de se refletir sobre o fato de esse canal mediúnico, desobstruído, natural, simples, não ter tido nenhuma iniciação na Terra, não ter feito raspagens e nunca ter precisado de sangue ou corte ritualístico para reforçar seu tônus mediúnico. A iniciação foi dispensada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, que preparou seu médium em muitas encarnações, antes da atual personalidade ocupada.

Está claro que os guias que estão conosco não precisam desse elemento para vibrar em nossas cabeças, em nossos chacras coronários, em nossas glândulas pineais. Imaginemos as repercussões nefastas na mediunidade de um dirigente de umbanda que coloca sangue em sua cabeça. Pode continuar fazendo a caridade, mas com certeza não é mais livre em sua mediunidade, e outras entidades ocupam a frente de sua sensibilidade.

Tentem romper com o ciclo de oferendas repositórias, para ver o que acontecerá com o tônus vital, depois de haverem raspado a cabeça em um bori.

Por que será que um "orixá" precisa de um elemento vital como o sangue para se fixar em um médium e não abre mão disso? Qual a intenção oculta dessa troca obrigatória? Pensemos: reduzir a movimentação energética - axé e seu ciclo retrovitalizador -, que fortalece os aparelhos mediúnicos, ao derramamento de sangue pelo corte sacrificial, é uma visão estreita, fetichista, do sagrado, é uma posição reducionista, que demonstra dependência psicológica dos médiuns e dirigentes e dos espíritos do lado de lá, que vivem na crosta e precisam se alimentar fluidicamente, para não enfraquecerem.

Então, pegam uma parte etérea dessas oferendas para si, e o restante movimentam em favor daqueles que as ofertam. Nada de caridade, é tudo troca.

Na atualidade, verifica-se que esta "praxis" extrapolou os limites de fé dos antigos clãs tribais e está inserida na variedade racial da sociedade, ao mesmo tempo confrontando-a, já que objetiva a manutenção financeira de cultos religiosos e o prestígio de seus chefes, dado que o sangue equivocadamente está ligado à força, ao poder, à resolução de problemas e à abertura dos caminhos. Saber manipulá-lo, ter cabeça feita, ser iniciado no santo simboliza esse poder. Esse apelo mágico divino atrai mais que retrai, pelo natural imediatismo das pessoas em resolver seus problemas.

Precisamos ter consciência de que o próprio aparelho mediúnico é o maior e mais importante vitalizador do ciclo de movimentação das forças cósmicas ou axé. A cada batida de seu coração, o sangue circula em todo o seu corpo denso, repercutindo energeticamente nos corpos mais sutis e volatilizando-se no plano etéreo. Dessa forma, os espíritos mentores, que não produzem essas energias mais densas e telúricas, valem-se de seus médiuns, que fornecem a vitalidade necessária aos trabalhos caritativos aos necessitados.

Há os espíritos que são serviçais, diante dessas trocas, e escravos desses fluidos. São dignos de nosso amor, amparo e esclarecimento.

Quais seriam os motivos da popularização entre dirigentes e médiuns umbandistas do hábito de fazer iniciações em outros cultos? No caso em questão, seria para reforçar o tônus fluídico e mediúnico do dirigente.

Será que fazendo o corte ritual, no alto do crânio, assentando o "orixá", ter-se-á mediunidade mais forte e maior vitalidade e saúde? Com certeza não. Infelizmente, cada vez mais se verificam terreiros que se rendem ao apelo mágico desse tipo de iniciação, introduzindo raspagens, camarinhas, cortes ritualísticos. Que "umbanda" é essa?

Nunca é demais relembrar o Caboclo das Sete Encruzilhadas. A manifestação mediúnica cristalina, inequívoca, em um jovem de dezessete anos.

Quem tem mediunidade, quem tem coroa para trabalhar já vem com ela antes de encarnar, não precisa pagar para ninguém firmar seu santo, assentá-lo em sua glândula pineal, com sacrifício animal e sangue.

Mediunidade dom de Deus, de Olorum, dos orixás.

Preservemos nossa pérola mais oculta, a sagrada mediunidade, na divina luz.

Louvemos nossa amada umbanda, **a força que nos dá vida**, e não que a tira.

Refletiu a luz divina
com todo seu esplendor,
é do reino de Oxalá
Onde há paz e amor.
Luz que refletiu na terra,
Luz que refletiu no mar,
Luz que veio de Aruanda
Para tudo iluminar.
Umbanda é paz e amor
Um mundo cheio de luz,
É a força que nos dá vida
e à grandeza nos conduz.
Avante, filhos de fé,
Como a nossa lei não há,
Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá!
Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá!

# Dona Rosinha não quer morrer

Uma conhecida freqüentadora da choupana se encontrava com sua mãe idosa hospitalizada, em idade avançada, bastante fraca, só "pele e osso". Manteve-se internada pelo seguro-saúde.

A acamada, suas irmãs e demais familiares eram fervorosos católicos, não acreditavam em reencarnação e tinham muito medo da morte, de irem para o inferno, essas coisas dogmáticas.
Ocorre que a mãe de nossa consulente estava sendo objeto de uma corrente de oração; seu nome, todos os dias, ia para a igreja, levado pelos parentes, contritos da boa ação evangélica.

Essa situação se manteve por algum tempo. LDG, nossa consulente, separada, aposentada, espírita e "ovelha negra" na família católica, na verdade, era quem tomava conta de dona Rosinha, sua mãe, havia mais de dez anos.

LDG chegou à consulta fraca, magra, com fortes dores nas pernas e formigamento gélido nas mãos e nos pés. Tinha ainda terrível dor de cabeça, atrás, na nuca, e não estava conseguindo dormir direito, tendo sobressaltos na cama, sentindo, por' vezes, "alguém" se agarrar a ela pelas costas, em uma espécie de repuxo, ocasião em que percebia uma "respiração" gelada no pescoço, seguida de um zumbido nos ouvidos, sempre acompanhado de um "estrondo", como um elástico que se rompe.

Essas impressões se repetiam cada vez com mais freqüência, quando estava prestes a dormir, o que a deixava muito tensa e assustada. Não sabia o que fazer e estava com dificuldade de concentração, apresentando fuga mental e olhar perdido.

Tendo sido descrito todo esse quadro durante a consulta, LDG continuava falando com caboclo Pery:

- Caboclo, não sei mais o que fazer nem o que acontece comigo. Sinto que vou morrer.

- Quer saber o que está acontecendo?

- Sim, meu pai, eu quero entender, tenho esse direito, não tenho?

- Claro que tem, minha filha, por seu merecimento e esforço. Tem ficado muito no hospital com dona Rosinha?

-Sim.

- Filha, escute calmamente. Os sintomas que está sentindo são reflexos de sua mãe. Ela grita bastante seu nome, não é mesmo?

- Seguidamente, a ponto de as enfermeiras terem de acudi-la à noite.

- Pois é, ela sai do corpo fraquinho e se liga à senhora, mais precisamente, atrás de sua cabeça, na nuca, onde está o cordão de prata e é o último lugar onde o lobo uiva.

- Como assim?

- Quando o lobo uiva alto à noite, é o momento que se desprende totalmente o espírito do corpo carnal, o pijama que o envolve e o anima, saindo a passear. Compreende?

- Sim, é o desdobramento astral.

- Perfeitamente. Quando a filha chega ao exato momento do uivo do lobo, a fim de sair do corpo, "esticando" o cordão de prata, dona Rosinha, em espírito, que fica mais tempo do lado de cá do que naquele fragilizado paletó de carne, já se encontra "grudada" na senhora, interferindo em sua projeção natural, que deveria acontecer toda a noite, para reenergização de seu espírito.

- Agora eu entendo os sintomas. Mas, caboclo, por que ela fica aí?

- Ela está com muito medo de morrer. A corrente de oração dos parentes "aprisiona-a" no enfraquecido corpo, pois eles mesmos encetam medo nas rogativas, influenciando, pela força mental, e alimentando, por ressonância grupal, o medo de sua mãe, que se aproveita

inconscientemente da energia das ondas mentais dos encarnados, que estão sendo emitidas contra ela, para se impulsionar no plano astral e "grudar" na senhora.

- Nossa! O que ela ganha com isso?

- Energia, fluido, ectoplasma... Ela se agarra na senhora e a desvitaliza, ao mesmo tempo se nutrindo, vampirizando-a indiretamente. Por isso a senhora encontra-se tão fraca.

- Eu quero acabar com isso, não agüento mais, mamãe não me larga nem nesse momento, quase no fim da estada dela aqui - disse, em pranto copioso.

- Minha filha, você pode acabar com isso a qualquer momento. Basta se desligar dela, não sentir mais pena, não orar com culpa, como se pudesse fazer algo mais para ela continuar na matéria.

- Não consigo, já tentei. Ajude-me, pelo amor dos orixás, não agüento mais.

- Não é tão simples. É necessário que se prepare para "cortar" essa ligação, sem sentir-se culpada. No momento que intencionalmente, por sua vontade soberana e exercício de seu livre-arbítrio, desligar-se dela, tudo pode acontecer, inclusive seu desencarne que, na verdade, é iminente faz tempo.

- Pelo amor dos orixás, me ajude. Diga-me o roteiro a seguir com minha fé, com os sagrados orixás, unicamente por minha vontade, por meu direito de não concordar com o que está acontecendo, oriente-me sobre como devo proceder.

- Chegue um dia mais cedo na choupana, para que possa orar calmamente, seguindo o preceito com os orixás. Deitará em meditação junto ao ponto de força de Omulu, assentamento vibratório que já conhece, por outras vezes que aqui esteve. Nesse encontro de sua alma com o sagrado, reflita primeiramente com Xangô, que é "todo justiça", para que seu machado de dois lados também corte do seu. Exercite seu direito e a vontade de se libertar desse jugo. Assim feito, medite com Iansã, orixá do movimento, dos raios e tempestades, para que suas energias removam possíveis obsessores indiretos que estão estagnados à volta desse nó. Feito isso, finalmente "converse" com Omulu, orixá responsável pelos desligamentos, pelo corte final dos cordões de prata, não para que ele faça isso com sua mãe acamada, pois seria uma interferência indevida, mas que ele fortaleça e proteja seu cordão de prata e que não haja mais intromissão em seus desdobramentos naturais durante o sono. Tendo merecimento, que seja feita sua vontade, de sua alma, com os orixás.

- Caboclo, o que faço em relação à minha mãe?

- O momento cósmico é dela, e não seu. Seja solidária, mas não sofra por ela e não tenha pena. Tenha sua consciência tranqüila de que está fazendo sua parte. Entregue nas mãos de Jesus, filha. Não antecipe nada e deixe as coisas seguirem seu ciclo natural.

- E se ela desencarnar despreparada?

- Quem na carne está preparado? Pouquíssimos são livres do aguilhão carnal, como o foi Jesus. Não se apoquente. A caminhada nesta encarnação é dela, e não sua. Não pegue para si o que não é seu. Liberte-se e liberte-a. Ao terminar o preceito indicado com os orixás, conclua pedindo que o orixá Nanã acolha-a em seus braços, aconchegue-a, quando seu momento chegar, "aspirando" com seu ibiri [2] o espírito recém-desligado da carne, para o plano astral, levando-o para local de seu merecimento, para que ele não fique chumbado na Terra a esmo, entre os parentes. Lembre que há forte corrente de oração imantando-a e interferindo em seu momento cósmico. Isso é uma barreira potente. Confie nos enviados dos orixás, que saberão o que fazer. Na verdade, aproxima-se o verdadeiro nascimento, para a vida real do espírito, que deve ser momento de alegria e júbilo para os que voltam às campinas do Além-túmulo. A choradeira e a tristeza dos que ficam na Terra só atrapalham. Os mortos bem preparados até cuidam dos vivos, mas os vivos devem deixar os mortos cuidarem dos mortos. Afinal, o que nós somos nos terreiros, senão mortos

cuidando dos vivos que, na verdade, estão mais mortos que vivos, e nós muito mais vivos do que a maioria entende?

2 - Ibiri ou ibíri é o instrumento do orixá Nanã, indispensável em sua indumentária ritualística. Confeccionado com nervura de folhas especiais, é ornado com búzios, palha da costa, fio de conta e cabaça. Tem a finalidade de afastar da Terra os espíritos recém-desencarnados, recolhendo-os para seu espaço sagrado, do mesmo modo que elimina energias negativas da comunidade, proporcionando saúde e longevidade aos circunstantes.

- Obrigada, meu pai, assim o farei com minha consciência em paz.

Passaram sete dias após o preceito de LDG, e dona Rosinha desencarnou como um passarinho cantando, carregando um sorriso leve no semblante. Viu-se do lado de lá repentinamente remoçada, como se sentia em espírito. Na frente de Nossa Senhora Aparecida, de tez negra, reluzente, com intenso halo amarelo na cabeça, entregou-se em seus braços roliços e aconchegantes. Na verdade, era um espírito socorrista de uma legião que trabalha sob a égide do orixá Nanã, que sabiamente moldou sua aparência para uma santa católica da predileção de dona Rosinha, transfigurando-se em sua forma astral para, em harmonia, conduzir o espírito para o plano astral, assumindo uma aparência afim com a fé dos familiares que sustentava a corrente de oração, usando a energia condensada pelas ladainhas para "impulsionar" dona Rosinha, amigavelmente, para uma nova dimensão vibratória.

Como nos diz a sabedoria popular e dos terreiros, ao ter de se quebrar os ovos, então, que se faça uma boa omelete de que todos gostem.

Atraca, atraca [3]
Que aí vem Nanã, ê, á.
Atraca, atraca
Que aí vem Nanã, ê, á.
É Nanã é quem vem. Saravá, ê, á
É Nanã, ê, á!

3 - Aproximação do cais ou de outra embarcação. No sentido do ponto cantado, atracar é aproximar o espírito recém-desencarnado de outro porto, para entrar na embarcação que o levará ao mundo espiritual. A sabedoria, singeleza e simplicidade dos ensinamentos da umbanda fazem-na a grande pescadora de almas neste momento planetário de excesso de orações milagrosas e de enorme ofertório religioso salvacionista, que não consideram o livre-arbítrio e o merecimento individual.

# Conversa com um xamã

A médium disse:

- Escutei um pássaro chilreando, a cantar na janela de minha casa, em um dia ensolarado. Quando me virei para vê-lo, não estava mais lá. Como posso interpretar isso?

Ao que caboclo Pery respondeu:

- Filha, o pássaro que canta na janela demonstra à alma que o escuta que ela já está encontrando seu eixo central na realização espiritual. Rompe as paredes da ilusória pessoa formada na reencarnação, movida pelos anseios de seu passarinho interno - seu espírito -, que ressoa de dentro para fora, indicando os caminhos que deve seguir, em sua busca pela libertação da prisão de si mesmo. O pássaro não estava mais lá porque voou, pois é livre em suas escolhas e em seu plantio, assim como a centelha espiritual o é, sendo a colheita obrigatória. O pássaro voa livre, quando a compreensão de sua finalidade existencial expande a consciência e supera a gaiola de si mesmo. Tal estado de espírito não significa libertação, mas que os passos estão indo na direção que a alma precisa, conscientizada do que tem de plantar para a boa safra.

- Logo após, vi duas belas corujas em um mesmo galho de árvore, em frente à janela de casa, o que é raro, pois a cidade não é seu hábitat natural. O que estão me dizendo?

- Filha, o hábitat natural do espírito não é o físico. As corujas mostram que mesmo o dia ensolarado na vida, de sensação de autorrealização e inefável bem-estar, não será perene, pois a perenidade espiritual não é da Terra: de cada 24 horas, a metade é noite, e a outra metade é dia. Assim, os desafios se repetem diariamente, e deve estar sempre atenta, como o olhar das corujas estão. A coruja na árvore já enxerga os seres rastejantes no solo, todavia, deve alçar vôo para se alimentar deles. Simbolicamente, esse pássaro caçador indica sua compreensão espiritual, a que a clarividência e a intuição alcançadas não devem servir para distanciá-la dos que ainda não conseguem levantar os olhos para cima e rastejam na vertical das coisas profanas. O sagrado que desperta em seu coração deve aproximá-la dos "pequenos" seres, como mãe dadivosa que a todos acolhe amorosamente.

- Por que duas corujas juntas, dado que são caçadoras solitárias?

- Filha, uma coruja é o intelecto, e a outra, a intuição. O intelecto descreve as experiências da alma; a intuição interpreta o que foi descrito. Devem andar juntas; uma não se sobressaindo à outra. O intelecto, alimentado pelo esforço do estudo, amplia a razão e dá insumos para a intuição aproveitar o conhecimento, necessário a uma filha do orixá Oxóssi, destinada a ser instrumento para o caçador das almas trabalhar. Se a intuição falha, o intelecto racionaliza, aliviando as constrições internas. Se o intelecto se acelera, a distonia psíquica causada se alivia com o bem-estar intuitivo ocasionado pelo trabalho pé no chão do terreiro. Outro aspecto: tem muito amparo espiritual e bons companheiros que estão juntos. Lembre: duas corujas são quatro olhos a olhar por você.

- Como devo proceder para alimentar e manter o pássaro livre e as corujas no galho de minha árvore?

- Filha, humildade, muita humildade e amor, muito amor. Ame sua vida, seu canzuá - casa - , cada pedacinho do solo em que seus pés pisam, ao suportar seu espírito, em suas andanças terrenas. Ame a si mesma e cada centímetro de seu saudável corpo, sem culpa de nada, e expanda esse amor para todos os filhos de seu coraçãozinho. No êxtase da intuição espiritual ou no ranger de dentes das dores da alma que virão, em ambos os casos, mantenha a serenidade. Não vibre em excesso na euforia da conquista, nem se deixe entristecer pelas derrotas que ocorrerão. É entre um

estado e outro que o espírito que almeja conquistar a si mesmo se conduz, mantendo o pássaro livre e a clarividência das corujas a indicar os vôos do pássaro da alma em solo terreno.

Ele é flecheiro
É juremeiro
Vem de Aruanda.
Ele vai baixar
Vai amparar
Filhos de umbanda.
Okêe, okêe, okêe!
Caboclo Pery no congá!

# Uma preta velha "metida" a psicóloga das almas

Filho meu, aqueles que não se encontraram com a serenidade são como árvores ocas na floresta, vistosos nos galhos e folhagens, mas com grande sofrimento interior. Com a mais breve ventania da vida, podem rachar no meio.

Todo homem sábio inevitavelmente é sereno. Observem quantos são de grande conhecimento intelectual e são extremamente ansiosos. Conhecimento em si não é passaporte para a sabedoria, mas sim, como ele é usado. A boa semente no solo fofo, se destituído do jardineiro fiel, perecerá na aridez dos descompassos climáticos.

A serenidade é alcançada com árduo esforço pessoal e gradativamente, qual formiga que trabalha no verão causticante.

Desafios diários superados; irritação contida; distúrbios emocionais desfeitos; vontade bem dirigi da, submetendo os desejos à razão; maus hábitos bloqueados pelo poder do "não quero"; ambição desmedida controlada, esses são alguns exemplos de esforços no dia a dia do ser em busca da aquisição da serenidade.

Aquele que já se encontrou consigo e escalou as montanhas do egoísmo de seu "eu" interior sabe exatamente o que quer da vida, tendo a vontade livre para impor seu ideal e se diferenciar em uma sociedade automatizada, que sofre da síndrome de exteriorização coletiva: todos iguais a produtos pasteurizados de uma fábrica, em que se impõe o império das aparências externas, tal qual embalagens chamativas em vitrines vistosas.

São hostes de "escravos", não mais das senzalas, pela subjugação da mão de obra, mas deles mesmos, pela fraqueza mental diante da mídia, das telenovelas, das modas urbanas e dos maneirismos condicionantes, para serem aceitos em grupos que se unem pelo interesse do momento, nos centros de compras, praças de alimentação, festas, bares e encontros sociais perfumados e fugazes, movidos a quitutes saborosos e drinques etílicos inebriantes das ansiedades diárias.

A consciência serena se dá com aqueles que já subjugaram a vontade inferior que jazia sepultada pelos desejos mundanos. Consciente e serenado é o ser que sabe que ultrapassou as provas dentro de si mesmo em favor do semelhante, anulando seu ego e deslocando do centro para a periferia de seu "eu" sua área de interesse pela vida em coletividade.

A serenidade harmoniza, exteriorizando-se do interior do ser, agradavelmente e com mansidão, para os circunstantes periféricos, em seu raio de magnetismo pessoal; assim, o indivíduo não se influencia por apelos de consumo; inspira a confiança sem medo de traição; acalma as mentes agitadas e oferece afeição e amor.

O homem elevado e sereno já venceu grande parte da luta contra as ilusórias paixões materiais que arrebatam os instintos e exaurem as capacidades sensórias do cidadão comum, em busca dos prazeres fugazes, embotando-o para as percepções duradouras da verdadeira e perene realidade do espírito imortal.

"Filho meu, não fique sentado no toco esperando ele brotar, faça você mesmo; plante a semente no solo e cuide dela até virar árvore frondosa." A decadência de uma sociedade começa quando o homem pergunta a si próprio: "O que irá acontecer?", em vez de inquirir: "O que posso eu fazer?".

A falta de progresso e prosperidade, seja em uma coletividade mais ampla, seja em outras instâncias, como a família, o trabalho, uma religião ou agrupamento mediúnico, principia quando o imperativo ético da ação é substituído pelas soluções externas que dispensem o esforço interno da criatura, em uma acomodação e letargia psicológica, fruto da preguiça e do medo de modificar-se.

René Descartes, em sua obra *As Paixões da Alma*, afirma que a vontade é tão livre por natureza que jamais pode ser coagida. Se corrompida por outro é porque o corruptor encontrou aprovação.

É preciso deixar nascer a vontade de uma vida melhor e guiá-la nos primeiros passos da ação todos os dias.

Acomodação, principalmente em remover as montanhas que jazem dentro de cada indivíduo, é se acovardar diante dos imperativos da vida, como descansadas vítimas diante das fraquezas da alma, que imobilizam o espírito em sua evolução.

Não se coloque como perfeito e conviva harmoniosamente com seus defeitos, reconhecendo-os, como o bom cão reconhece o dono. Todavia, urge e é intransferível a mudança dos pensamentos que o fazem agir como autômato, repetindo velhos erros do passado, que estão registrados no inconsciente milenar e o impulsionam em atitudes egoístas na atual personalidade transitória.

Tenha coragem, tire suas máscaras e se olhe no espelho que reflete seu verdadeiro ser.

Enfrente, no mais recôndito de sua alma, suas disposições mórbidas e imorais, com o maior afinco de sua vontade soberana, e não se aflija com culpas descabidas, uma vez que o tempo é seu incansável aliado.

Como sempre nos diz o infatigável amigo, caboclo Pery: "A vitória da vida se dará você vencendo a você mesmo". Se cair frente ao mundo interior que o afronta diariamente, é porque vergou diante de si mesmo.

Por mais amor que tenha por meus aparelhos, a derrota ou a vitória é somente deles. Independentemente disso, estarei abraçando-os, incondicionalmente, pelo amor que sinto por eles, no momento em que retomarem do transitório vaso de carne; seja nas profundezas do umbral lamacento, seja nos píncaros celestiais, lá estarei para esse abraço e aconchego desses filhos desgarrados, em meu coração espiritual.

Saravá, zi fios meus,
Vovó Maria Conga, uma preta velha "metida" a psicóloga das almas.

Abre esta terreira
Abre este congá
Chegou Maria Conga
Que veio trabalhar,
Alinhando na linha de Congo.
É Congo, é Congo arure.
Alinhando na linha de Congo,
Agora que eu quero ver...
Quem é de Congo deixa Congo girar!

# Simplesmente afaste-se

É normal para o médium, após determinado tempo de educação mediúnica, ter a oportunidade de iniciar-se nos passes e nas consultas. É nesse momento que o caroço endurece; na ansiedade de atender a todos, o neófito se entrega de corpo e alma, doando mais que o necessário. Logo está cansado e não adianta banho de arruda com guiné, floral, boa alimentação.

Há de se dosar a intensidade da entrega, tendo maior comedimento na vontade de ajudar, economia no gestual e nas orientações que, por vezes, vão além do tempo adequado e recomendado para o consulente se modificar. Naturalmente, as pessoas têm o ímpeto de despejar todas as suas negatividades em cima dos médiuns, ainda mais quando vibrados com as entidades.

Outro aspecto a ser considerado é saber se desligar dos queixumes e pedidos de ajuda que circundam os médiuns de consulta. Nada de ficar sintonizando, pensando: "Será que o consulente fulano de tal melhorou? Como ele está? E seu filho está mais calmo?". Esse tipo de "preocupação", muitas vezes por insegurança do médium, receoso de que os consulentes que atende não melhorem, só o faz entrar rapidamente em estado de fadiga fluídica, ocasião em que seu tônus energético cai, e ele se vê enfraquecido, mesmo com todos os elementos de descarga utilizados na umbanda. Mantendo a sintonia fora de hora, aí, sim, ele não conseguirá ajudar mais ninguém que precise urgentemente de auxílio.

Mesmo para nós, médiuns "experientes", um dos testes mais difíceis no dia a dia refere-se a situações em que, de repente, vemo-nos atuando no drama pessoal de certas pessoas (de baixa energia), fora do horário de trabalho caritativo no grupo, um papel ao qual não nos candidatamos e que nem é indicado, em termos de segurança mediúnica. Pensemos que, se permitirmos a elas se queixarem cronicamente, se acostumarão, e nós nos tornamos seus simpatizantes (mesmo que por educação) ou seus conselheiros, o que é pior.

Nas orientações dadas no terreiro, há os casos em que nos atacam, com raiva, discordando das recomendações recebidas, especialmente quando indicamos que estão se colocando como vítimas e que a lamúria não leva a lugar algum. Imaginemos fora do terreiro, em locais sem proteção e cobertura espiritual, o impacto de retorno de pensamentos contrários sobre nossas sensibilidades psíquicas.

Seja qual for a situação, no terreiro ou fora dele, acabamos, por vezes, desperdiçando tempo e energia valiosos, com a frustração ou a raiva alheias, insistindo em modificá-los, o que. se torna muito extenuante. Devemos ter a humildade de reconhecer que nem todos estão receptivos; só querem "milagres", trabalhos rápidos, coisa e tal. Ao insistir com esse tipo de consulente, deixamos de atender em maior número e melhor os que realmente precisam e são merecedores da ajuda.

Existem, ainda, os "papa-passes", que estão sempre a querer compartilhar seus sofrimentos e são recorrentes nas choramingas e cristalizados em um padrão negativo e imutável de conduta.

Urge reconhecermos que ajudar o próximo não é sofrer junto e que caridade não é pegar o sofrimento do outro para si.

Com a experiência dos anos, aprendemos uma solução simples para as pessoas sobre as quais a razão parece não exercer nenhum efeito. Afastar-se delas - não com raiva ou medo, e sim com neutralidade.

Se você se sentir receoso ou culpado por se afastar, lembre-se de que, ao recusar-se, sem julgamentos, a permitir que essas pessoas drenem sua energia ou o arrastem em direção ao buraco negro da vida delas, você não estará sendo covarde e esquivo ou insensível, e sim corajoso, sábio e

piedoso. Mesmo Jesus, em certos momentos, teve de se afastar de seus seguidores e apóstolos para orar e se recompor, como aconteceu no monte das oliveiras. O que resta para nós, comuns mortais?

Se alguém estiver lhe causando uma frustração desnecessária, não tente lutar ou raciocinar. Simplesmente, afaste-se do campo de força negativo dessa pessoa. Caso você seja obrigado a permanecer no mesmo aposento que ela, em casa ou no trabalho, mesmo assim, você pode erguer um escudo mental de proteção.

Sorria e não diga absolutamente nada ou declare, com calma e firmeza: "Não creio que possa falar com você neste momento". Retome então, tranquilamente, suas atividades. A pessoa poderá não gostar da mensagem, mas, sem dúvida, receberá.

Não devemos ter medo de desagradar, nem tampouco precisamos ser simpáticos com todos que nos chegam. Não permita ser influenciado ou intimidado pela negatividade. Sempre podemos nos afastar.

Especialmente os médiuns, procurem ter mecanismos de defesa e não fiquem "disponíveis" para as vítimas do mundo, nem tentem ajeitar a vida de todos. Defendam-se não se expondo. Mantenham-se energeticamente "blindados" e disponíveis para o trabalho mediúnico, que tem dia e horário certo para os sofredores do corpo e da alma.

Muito importante: não ofereçam ajuda espiritual a ninguém, deixem que peçam. Esse é um mecanismo simples de proteção. Quando você oferece, está se expondo, pois o outro pode aceitar para não desagradá-lo, só por educação.

Oxalá, meu pai!
Tem pena de nós, tem dó.
Se a volta do mundo é grande
Seu poder ainda é maior!
Salve as forças de Oxalá!

# Sobre pontos riscados

Sabeis que os pontos riscados são campos de força magnéticos de atração, retenção e dispersão.

Na magia, mais vale a intenção do que a forma, pois, antes de tudo, a magia é mental.

Obviamente que o estudo e a compreensão dos traçados riscados capacita-vos para, em conjunção de forças afins - intenção e forma traçada -, terdes maior sinergia na ação magística pretendida. Claro está que a forma não deve se sobressair à essência. A grandeza e a complexidade de certos pontos cabalísticos, sobre os quais poucos iniciados sabem e poucos os praticam, podem esconder a velha e sorrateira vaidade humana, associada à ânsia de poder, em que pouquíssimos riscam e muitos seguem a risca. Quanto mais bem desenhado o labirinto pelo caçador, mais difícil de o fauno encontrar a saída. Vigiai as armadilhas no caminho espiritual.

O equilíbrio entre os tipos de traçados e a intenção do ponto riscado final deve se basear no bom senso. Mais vale a elevação moral orientando esse importante ato magístico ao bem geral do que grandiosos pontos riscados sem clareza de objetivo. Há de se ter sempre prudência, que passa longe do impressionismo dos médiuns e consulentes circunstantes aos trabalhos, uma vez que qualquer espírito de grande conhecimento da grafia oculta e baixa envergadura moral risca pontos grandiosos que só ele sabe, para causar admiração.

Recomendamos discernimento e continuada observação na hora de riscar com invocação ao Além-túmulo. No momento do traçado, se vos guiardes em não fazer ao próximo o que não desejais a vós, não faltarão guias do lado de cá dando cobertura, mesmo que falte o riscado da pemba, um complemento importante, mas não indispensável frente ao mediunismo.

Ramatís

Ori, ori, ori do Oriente,
Força de Zambi chegou.
Lá no Oriente uma luz brilhou
E no terreiro tudo iluminou.

***

Brilhou um clarão no céu.
Meu Deus, o que será?
É Zarthur, chefe indiano,
Que veio para nos ajudar
E ele veio
Com sua falange
Para todo o mal levar.

***

Pedir, a quem vou pedir?
Pedir a quem tem para dar.
Pedir ao povo do Oriente forças
Para nos ajudar.

# Um patuá para me defender

Anualmente, no aniversário da choupana, que ocorre todo dia 13 de maio, distribuímos patuás para todos os que comparecem à sessão festiva especial. Além do aspecto festivo da data, cabe uma reflexão sobre a comunidade que está envolvida na manutenção e expansão do terreiro, enquanto pólo irradiador de caridade, amparada no mediunismo.

Não poderia deixar de pensar profundamente sobre as repercussões sociais e psicológicas envolvidas em todas as atividades em desenvolvimento, especialmente quando me deparo com um grupo de médiuns mulheres, sentadas na frente do congá, em uma tarde de sábado calorenta, alegremente costurando os patuás que serão distribuídos. Há de se refletir sobre determinadas tarefas e funções, das quais nós, homens, não admitimos participar, mesmo veladamente.

Será por isso que muitos médiuns homens não admitem ver-se costurando ou ainda existem varões que bloqueiam a manifestação de uma entidade feminina, como só acontece em relação às caboclas das águas ou pombagiras?

Uma comunidade, conforme definição da ecologia, é a totalidade de organismos vivos que fazem parte do mesmo ecossistema e interagem entre si. Em sociologia, uma comunidade é formada pelo conjunto de pessoas que dividem um mesmo objetivo, convivendo juntas, sob uma mesma normatização, compartilhando o mesmo legado político, cultural e histórico. Então, uma comunidade de terreiro é o conjunto de pessoas envolvidas nas atividades rituais requeridas.

Obviamente, o impacto de sua rede de relações extrapola largamente as portas do terreiro, sendo a assistência - grupo de pessoas que vêm em busca de auxílio - seu principal foco de atuação.

Essa comunidade está amparada na captação, manutenção e distribuição de axé - força mágica dos orixás -, envolvendo um aglomerado de consciências maior do que a definição sociológica comporta, dado o mundo invisível - os espíritos - ser sua verdadeira mantenedora.

Então, podemos afirmar que uma comunidade de terreiro é formada pelos encarnados, pelos médiuns, pela assistência, pelos desencarnados, entidades espirituais, como guias e protetores, e espíritos que vêm à casa no mundo etéreo, acompanhando os encarnados que comparecem na Terra.

Tudo o que se faz em uma comunidade de terreiro tem impacto etéreo, energético e no mundo dos espíritos. As médiuns, sentadas costurando os patuás para serem entregues na sessão festiva que se aproxima, impregnam os elementos utilizados com a ponta de seus dedos e seus sentimentos. A alegria e a satisfação de estarem unidas em uma tarefa comum, em prol do bem-estar de uma coletividade que, por sua vez, almeja a redistribuição de axé - força dos orixás -, contido nos patuás, são o alimento indispensável no dia a dia do terreiro. Assim, juntas e felizes, acabam magnetizando os elementos necessários para sua confecção, propiciando a alteração nas redes elétricas quânticas que compõem sua estrutura molecular etérea, fazendo as estruturas orgânicas que compõem o tecido, as linhas, as fitas, o arroz, as lentilhas, as ervas, que fazem parte do patuá, imantadas e propícias para receberem a consagração dos guias, enquanto estiverem no congá com essa finalidade.

Se assim não fosse, não se tornariam um condensador energético do axé de abundância e prosperidade a que se destinam.

Na rede de relações sociais e psicológicas internas do terreiro, está baseada a sustentação de toda a egrégora espiritual, no bem-estar e na harmonia propiciada pela convivência templária com que se costura o pano original mantenedor de todos os fundamentos do terreiro. O respeito mútuo, a camaradagem, a vontade de rever os colegas de corrente, a cumplicidade, o comprometimento, o

desinteresse pessoal, a humildade, a parcimônia, enfim, o sentimento de igualdade fraterna que a roupa branca nos dá, quando consolidado no psiquismo interno, oferece-nos a segurança e a confiança no grupo. Expandindo esse estado de espírito, cria-se importante mola propulsora de todos os trabalhos espirituais, pois é a partir desse clima psicológico que os guias encontram ambiente vibratório pelo qual conseguem se manifestar em seus aparelhos.

A partir de então, espraia-se pela assistência a sensação de conforto e aconchego, de confiança e de veneração ao congá, fazendo o axé se movimentar entre todos que vêm ao terreiro, retroalimentando a egrégora espiritual e fortalecendo-a, uma vez que as pessoas que comparecem à casa também são doadoras de ectoplasma - axé, energia vital, prana.

Há de se considerar a repercussão, na sociedade, que as atividades desenvolvidas no terreiro apresentam. A ética, a idoneidade, a moral, a gratuidade, o altruísmo, o respeito à preservação do meio ambiente, entres outros aspectos intangíveis, que extrapolam o tangível, que são os elementos rituais, como os cantos, os cheiros, os sons, as ervas, os atabaques, as imagens, sustentam a confiança social que se requer para a consolidação de um terreiro.

O zelador do axé, o dirigente espiritual, conhecido no meio umbandístico como sacerdote é, em primeira instância, o responsável por zelar por toda a gama de relações, interreligiosas e intrarreligiosas que são de sua única responsabilidade, buscando o bem-estar geral, desde questões internas, como disciplina, assiduidade, estado emocional de cada médium, até tratativas externas, como recepção dos consulentes e acomodação, enquanto presentes nas sessões. Ainda é o responsável por todos os procedimentos que impactam na opinião pública, desde que a agremiação pela qual responde interaja com o meio que a cerca: ecologia, outros centros, familiares de médiuns e assistentes, pessoas que procuram ajuda, prefeitura; ele responde por todos os requisitos legais mantenedores do terreiro, enquanto instituição de interesse comunitário.

A importância das festividades, concretizadas em sessões especiais com essa finalidade, como o são o dia do orixá regente ou de aniversário do terreiro, é crucial para que tenhamos encontros marcados para o congraçamento recíproco, em um clima de alegria, em feliz fraternidade, diferente do dia de sessão de caridade normal, ocasião em que prepondera a dor e o sofrimento, os queixumes e os choramingos.

É no encontro festivo que a "família de santo" recebe efusivamente os que vêm ao terreiro, em um sarau musical, com pontos cantados, com distribuição de patuás ao final, todos se abraçando e confraternizando em um ágape - encontro de amor -, que está reforçando e consolidando os relacionamentos entre cada indivíduo que compõe a comunidade.

Assim também acontece com os espíritos; eles também se sentem alegres e ficam felizes junto com os médiuns, vindo muitas entidades visitar o terreiro nessas ocasiões, parentes de médiuns, guias que "descem" de esferas vibratórias que comumente não atuam na crosta. É uma festa muito além de nossa visão, tato, audição e paladar.

A distribuição de patuás para a assistência, tradição no aniversário da choupana, materializa o axé de abundância e prosperidade de Oxóssi - orixá regente de nosso congá. O patuá é uma forma de amuleto, palavra que deriva do latim ***amuletum***, sinônimo de ciclâmen, uma planta utilizada antigamente para proteção contra venenos.

Então, o patuá é um tipo de amuleto ou escudo contra influências maléficas. Diz a cultura popular que ele deve ser usado junto ao corpo, como proteção e atrativo de sorte e saúde. Os amuletos são objetos comuns em diversas sociedades e épocas, variando os símbolos utilizados. A simbologia ganha conotações diversas entre épocas ou culturas diferentes. Na verdade, mesmo que entendamos os fundamentos de magnetização que imantam os elementos usados na confecção dos patuás, pensamos que seu poder emanado não tem nenhuma valia sem a crença de quem os utiliza.

A crença da assistência, construída na confiança na corrente mediúnica que, por sua vez, consolida-se nas relações positivas entre os indivíduos participantes da comunidade do terreiro, propicia a ambientação vibratória requerida para o rebaixamento energético e a manifestação dos espíritos-guias. Assim materializada e apoiando-se nos patuás, expande a força emanada de nosso congá pela distribuição e pelo movimento dessa mesma força - axé.

Na umbanda eu mandei fazer.
No terreiro mandei preparar
Um patuá, meu pai.

Um patuá,
Um patuá para me defender.
Um patuá,
Um patuá para me defender.

# Galho quebrado enfraquece a árvore

Deve ser uma constante preocupação de um dirigente o recrutamento de médiuns; tarefa árdua, inglória, diante da dificuldade de se achar médiuns que queiram se doar incondicionalmente, mas extremamente necessária para a sustentação dos trabalhos.

Surpreendentemente, a maioria esmagadora dos médiuns tem expectativa de troca com os espíritos, como se precisassem trabalhar para ficar bem, deixando a caridade desinteressada em segundo plano.

Naturalmente, existe rotatividade no corpo mediúnico, a qual devemos minimizar ao máximo, para não se tornar negativa. Contudo, não há como se fazer vistas grossas diante dos ajustes, visando ao bem-estar geral.

Caboclo Ventania nos instrui que "um galho quebrado só faz enfraquecer o tronco da árvore", devendo ser podado. E caboclo Pery sempre orienta que "uma banana podre não deve contaminar o cacho".

E como os médiuns tornam-se os galhos quebrados e as bananas podres? Quando são faltosos e não possuem regularidade; os que só vêm ao terreiro para se beneficiar; os invejosos, que mais se preocupam com a manifestação do colega do que com seus guias; os fofoqueiros de plantão, sempre a postos para sorrateiramente fazer intrigas nos corredores e vestiários; os vaidosos, que anseiam por elogios para seus guias fortes; os encrenqueiros, que já são prontos e tudo sabem; e, finalmente, os que não têm humildade e se acham indispensáveis. Não quebramos nenhum galho, eles se quebram sozinhos. Por outro lado, é obrigação podá-los o quanto antes, para que o arvoredo esteja forte e frondoso.

Mesmo com todo zelo e cuidado com a corrente, não há como fugir da rotação entre os médiuns. Existem ocorrências que fazem parte de nosso cotidiano e situações que inevitavelmente far-nos-ão afastar das tarefas mediúnicas: um doente que se enfraquece; os acidentes normais da vida; um curso de formação; uma transferência de emprego ou de cidade; esses são fatos que podem acontecer a qualquer momento. Há ainda os que se desligam por vontade própria; não encontrando afinidade com o tipo de ritual da choupana, vão procurar terreiros mais afins com suas disposições íntimas e com as experiências existenciais por que precisam passar no mediunismo, para evoluir.

Não julgamos ninguém neste ir e vir, e as porteiras do terreiro estão sempre abertas para quem chega e para quem sai, como se fosse o oxigênio que circula em um organismo, sendo vital para sua sobrevivência. , Todos os médiuns que fazem parte de nossa corrente estão livres para, a qualquer momento, sair, assim como temos liberdade de, a qualquer tempo, convidá-los a se retirar, acordo feito no momento em que se entra na casa e fundamentado em nosso conjunto de normas e diretrizes de segurança mediúnica, ditado por caboclo Pery, desde a fundação da choupana.

Claro está que não existe a intenção premeditada de se dispensar quem quer que seja, assim como acreditamos que nenhum medianeiro entra no grupo com a disposição íntima de vir a se desligar.

Esses dias tivemos uma situação insólita, que me deixou muito triste. Estávamos com um casal de médiuns em período inicial na casa. Oriundos de um centro espírita e dizendo-se comprometidos com a umbanda, procuraram-nos reservadamente, em dia de sessão, pedindo a oportunidade de ingressarem na corrente.

Como fazia mais de ano que freqüentavam a casa e diante dos bons antecedentes de ambos, ela psicóloga e ele médico psiquiatra, os dois sempre presentes em nossos seminários e cursos, resolvi dar a oportunidade, sem eles passarem por uma consulta com caboclo Pery.

Para minha tristeza, a jovem esposa e médium mostrou-se irascível, rígida e autoritária. Ele era demais complacente, de personalidade fraca e dominado por ela. Visivelmente em processo obsessivo, a mulher apresentou-se rapidamente com muito medo de continuar. Foi-lhe dada orientação adequada, atendimento individual e marcado um preceito de segurança mediúnica com seu orixá regente - Iansã -, para harmonizá-la psiquicamente. Ocorreu que a médium, no meio de uma sessão, desapareceu, saiu do terreiro e foi até o vestiário, trocou-se e foi embora, sem avisar ninguém. Ela e o esposo, que tinha faltado no dia da "médium fujona", não apareceram mais e sequer deram uma satisfação. Fiquei triste com isso.

Na sessão seguinte à fuga da médium, caboclo Pery tomou a frente dos trabalhos, o que não é muito comum, já que geralmente é caboclo Ventania quem dirige como chefe do terreiro. Orientou-me que eu ficara entristecido pelo fato de não ter sido avisado da desistência da médium, que caiu nos braços do obsessor. Afora isso, recomendou-me não esperar, em nenhuma hipótese, reconhecimento seja de quem fosse. Também determinou que fosse a primeira e última vez que eu admitiria médiuns por minha conta; aconselhou-me vigiar sempre, para nunca me sentir autossuficiente e me deixar envolver com tagarelices amparadas por falsa humildade, dispensando a cobertura dos guias.

Após orientar-me, avisou toda a assistência presente de que os interessados em ingressar como médiuns deveriam passar com ele, na frente do congá, após a consulta.

Nesse dia creio que atendemos mais de vinte pessoas interessadas em entrar na corrente, e somente a três foi dada a oportunidade. Chamou-me a atenção o fato de os que foram aprovados terem sido exatamente os que se consideraram incapazes, o que me levou a fazer a seguinte pergunta para caboclo Pery:

- Meu pai, por que os que ingressaram foram os que disseram ser incapazes, diante de tão árdua tarefa futura, de consultar na umbanda, enfrentando todo o tipo de embates e rogativas com os consulentes e desencarnados?

Ao que ele respondeu:

- Meu filho, lembre-se de que os capazes são exatamente os que não conseguirão intento de tal envergadura. Os que se exaltam se diminuem, e os que se sentem pequenos se fazem grandes. Ao se declararem preparados, prontos, formados, experientes, vividos, estudados, entre outras ilusões do ego, afastam-se da simplicidade e humildade requeridas para ser "cavalo" na umbanda. Não nos esqueçamos do exemplo de Jesus, que foi buscar os futuros apóstolos da boa-nova evangélica, que ficariam encarregados de perpetuar os ensinamentos libertadores do Cristo universal, nos homens simples e toscos, singelos pescadores que se achavam incapazes, por conseguirem enxergar somente a pedra bruta exterior, o que os tornava ásperos diante dos olhos dos sacerdotes dos templos de outrora. O Divino Mestre, profundo conhecedor das almas humanas, visualizava a pérola oculta que jazia em cada um. Lapidá-lasia calmamente, fazendo-as despertar em suas potencialidades interiores adormecidas. Você, ao se deixar influenciar pelos títulos profanos, quais os de psicólogo e médico psiquiatra do casal que o procurou, sob certo aspecto envaideceu-se, antecipando o quanto isso qualificaria a corrente mediúnica de que é zelador. Esqueceu-se de que os diamantes mais valiosos são exatamente os que ainda não foram encontrados e lapidados. A formação intelectual não prescinde de outros requisitos, como a humildade e a falta de vaidade, para que se tenha "sucesso" e se fique na casa de Pery.

É o vento que balança a folha.

Guiné.
É o vento que balança a folha.
É, é, é Pai Guiné.
É o vento que balança a folha.

# Surra de santo pode?

Com freqüência maior do que se imagina, chegam-nos pessoas preocupadas e amedrontadas, porque acreditam que, se não fizerem a vontade do guia e não atendê-lo nas oferendas solicitadas, suas vidas voltarão para trás. Outras informam que ficam doloridas após as incorporações e se recusam a fazer obrigação ao orixá, para que isso não mais ocorra.

Vamos por partes. Primeiro, há de se esclarecer algumas características do desenvolvimento mediúnico. Os chacras do médium neófito giram em freqüência muito abaixo daquela das entidades do plano astral que o assistirão. Temos de entender que toda incorporação, aos moldes umbandistas, passa pelo processo de desdobramento, ocasião em que o perispírito do médium se desloca ou se expande ou torna-se mais desencaixado da matriz carnal, para que o espírito-guia se aproxime e impressione, pela sensibilidade de seu aparelho.

Inicialmente, esse processo, se não bem conduzido em sua intensidade, dado que a freqüência dos chacras da entidade é significativamente mais alta que a do médium, poderá provocar "violência" vibratória, que impactará em uma repercussão orgânica dolorida. Isso é verdadeiro. Essa violência não é do mentor, e sim do dirigente do terreiro, que não tem critério adequado, impondo incorporações anímicas mais fortes, como, por exemplo, nos casos de longas e extenuantes sessões de desenvolvimento, com o som dos atabaques ao máximo, sendo tocados ininterruptamente, por horas, fazendo os médiuns dançarem e rodopiarem. Nada contra a sonoridade de uma boa curimba, e sim contra os exageros.

Agrava-se essa situação quando esses testes de resistência são feitos em altas horas da madrugada, sem hora para acabar. Não há musculatura que não fique dolorida no dia seguinte, e o coitado do guia acaba sendo o responsável pela dita "surra de santo".

Ocorrem, também, casos de médiuns que, recém-iniciados nas consultas, não sabem dosar a intensidade da entrega no auxílio aos consulentes. Querendo ajudar a todos ao máximo, acabam por absorver para si em excesso as energias deletérias do atendido, e aí não há guia que consiga descarregar a contento, ao final dos trabalhos, sem que seus aparelhos fiquem doloridos no dia seguinte.

Com o exercício mediúnico continuado praticado durante as consultas, rapidamente o medianeiro aprende a dimensionar suas energias e não se deixa ser sugado demasiadamente. Obviamente que os elementos são acessórios importantes, como a volatilização do álcool e a fumaça do charuto, que servem como potentes desintegradores dos miasmas e das negatividades dos consulentes.

Outra questão polêmica recorrente é a famosa "surra de santo". Claro está que a umbanda tem um método de persuasão mediúnica bastante peculiar para os potenciais médiuns, ainda resistentes em assumir suas tarefas.

Certa vez, estávamos em um trabalho de cachoeira, e uma amiga espírita que tinha ido assistir, a convite, mostrou-se cética em relação à intensidade das incorporações, duvidando de que o gestual e a dança fossem necessários, dizendo que aquilo era um condicionamento dos médiuns.

Repentinamente, ela começou a ficar branca, com a mão geladíssima e a respiração ofegante. O couro retumbava nos tambores, e iniciou-se um ponto cantado de Iansã. Nossa amiga incrédula saiu a rodopiar, como se fosse o próprio raio do orixá, e entrou na água dançando, em transe mediúnico inconsciente.

Os cambonos permaneceram atrás, para protegê-la de um possível escorregão. Com alto som e força nos pulmões, nossa amiga deu um grito:

- *Epabei*!

Em seguida, jogou o corpo para trás, voltando à sua consciência ordinária. Estupefata pelo fenômeno, com resignada humildade, confessou ao guia-chefe que sempre tivera pânico de água e que fazia anos não entrava em rio ou mar. Pediu desculpas e disse que sabia muito pouco das coisas da umbanda.

O que não sabíamos é que nossa dançarina molhada estava sendo chamada por uma cabocla de Iansã para assumir seu compromisso com a umbanda, isso depois de trinta e cinco anos de espiritismo. Tudo a seu tempo, e hoje essa pessoa é laboriosa e dedicada médium em outro terreiro.

Existe muita desinformação em relação à umbanda e, infelizmente, muitas pessoas ganham dinheiro com a religião, aproveitando-se do medo de punição que colocam nos que entram em suas correntes, quando não fazem trabalhos de amarração, para que seus médiuns não se livrem tão fácil da famosa "surra de santo", caso queiram abandoná-los ou trocar de terreiro.

Dia desses, uma consulente passou mal na consulta e nos foi encaminhada, como sempre acontece nessas ocorrências. Na ocasião, estávamos vibrados mediunicamente com caboclo Ventania, e se deu o seguinte diálogo entre a consulente e ele:

- Estou com sérios problemas de saúde. Após várias idas e vindas aos médicos e hospitais, uma bateria de exames, ressonâncias magnéticas, testes de esforço e checape geral, nada houve de conclusivo pela medicina até o momento. Sinto dores no corpo, repentina tontura, caio no chão, na rua, e me machuco. Estou cansada e não sei mais a quem pedir ajuda. Faz dois anos que abandonei a "umbanda" por discordar dos sacrifícios animais e estou desconfiada de que esteja tomando "surra de santo". Pergunto se isso é possível.

- Minha filha, possível é, mas nada tem a ver com a umbanda. Sendo a umbanda uma força que nos dá vida, é inexplicável praticá-la como algo que a tira. O que está havendo com sua mediunidade é que determinados espíritos estão agarrados em seus chacras e, em determinado momento do dia, quando a senhora está perambulando em ambientes de baixa vibração como, por exemplo, nas calçadas próximas a aglomerações humanas, onde os pensamentos profanos e angustiados se cruzam, encontram eles força para "tomar" seu psiquismo e seus chacras, sem sua licença.

- Como resolver isso, se eu não aceito voltar ao terreiro e fui ameaçada pelo babá, pois me disse que o santo não me largaria fácil e que eu iria apanhar e sofrer?

- Seu livre-arbítrio nesse caso é soberano, como uma águia que voa acima dos patos. Uma ameaça, quando não encontra sintonia no medo, torna-se pueril e sem maiores efeitos, qual raio que não atinge a terra. Ao não conseguir se desligar da imantação magística a que está submetida, que se fortalece por encontrar receio em seu coração, acaba sendo carrasco de si mesma e fortalecendo aquele que a quer submissa. Embora existam alguns objetos pessoais seus de uso ritual que ficaram no antigo terreiro, por si só são inócuos, "placebos" mágicos, se não encontrarem em seu proprietário ligação mental. Afaste o medo e confie no Alto, que estará a meio passo da libertação.

- Eu posso pedir agô - liberdade - ao meu santo em outro terreiro?

- A liberdade de consciência é um direito seu inalienável e que só pertence a você, a mais ninguém; não requer permissão, seja de quem for, muito menos dos santos. Os terreiros, templos, centros, igrejas, ilês são meras construções terrenas que servem para despertar a confiança faltante nas criaturas amedrontadas, diante do temor atávico alimentado pelo "igrejismo", ao longo dos anos, de não conseguirem se religar ao sagrado sozinhas. Lembra-se de Jesus, que se "verticalizava" com o Pai a qualquer momento e que nunca disse que fora da igreja não havia salvação. Se não existe essa confiança dentro de si, avalie sete vezes setenta para quem confiará sua caminhada espiritual, pois, se a subida solitária é árdua, a descida a dois é facílima; o que cai nunca cai sozinho e se agarra nas escoras rumo ao abismo.

- Estou freqüentando o centro kardecista, mas os passes e as irradiações não estão surtindo efeito. Ao ir a uma cartomante, ela jogou as cartas e me falou tratar-se de "surra de santo". Fui conversar com outra pessoa esotérica que joga búzios, e ela também confirmou na caída. Agora, como me convencerei de que meu problema de saúde não é de santo? Como aceitar ter que fazer obrigações pagas para acalmá-lo? Estou desanimada e muito triste. Ajude-me!

- Com todo respeito aos irmãos de Kardec, o mero mentalismo espiritista não surtirá efeito no processo magístico em que está envolvida. Isso não quer dizer que deva deixar de ir ao centro kardequiano. Na verdade, as diferenças são dos homens, e o magnetismo peculiar à umbanda poderá ajudá-la, não porque seja mais forte que este ou aquele outro culto, mas exclusivamente por seu compromisso cármico nessa encarnação, já que veio vibrada para ser "cavalo" de terreiro. Seu problema é mediúnico, uma vez que se encontra em uma indução intensa por obsessão endereçada contra sua pessoa, por meio da magia negativa. Não precisa pagar nada neste terreirinho e tenha mais persistência de que o mundo não vai cair em sua cabeça, nem a senhora vai morrer dessa vez. Tranqüilize-se e confie. Antes de andar pagando a este ou aquele quiromante, segure suas moedas e tenha mais paciência, aprenda a esperar. O imediatismo nas respostas e o pronto-alívio são ilusões. Se não der continuidade ao menos a sete encontros com palestra, ritual do fogo e passe nesta choupana, que não lhe cobrará nada, nem imporá nenhuma obrigação, a não ser sua presença semanal na sessão, não encontrará facilmente seu reequilíbrio, a não ser que volte para o abraço do urso, caloroso, mas que pode quebrar suas costelas. Entendeu, filha afoita?

- Entendi, meu caboclo. Faz dois anos que estou à mercê disso, sete encontros só podem me fazer bem, pois o mal que vivo, maior do que se encontra, não pode ficar. Confio e me entrego a este congá.

- Vai com Oxalá, minha filha. Que todos os orixás a abençoem e que Xangô olhe para sua fronte alquebrada. Tenha fé, que tudo vai se resolver.

Ao término dessa consulta, junto com caboclo Ventania, no Astral, estava uma falange de caboclos bugres, feiticeiros, comandada por caboclo Ubirajara do Peito de Aço, que se preparava para a movimentação astral da noite. Pelo visto, a cobra ia fumar, e a coral piar a favor de nossa consulente, para ela não mais "apanhar do santo".

Corta língua,
Corta mironga,
Corta língua de falador.
Na sua espada não há embaraço,
Chegou Ubirajara do Peito de Aço.

Ele é caboclo,
Ele é flecheiro,
Bumba na calunga,
É matador de feiticeiro.
Bumba na calunga,
Quando eu vou firmar meu ponto.
Bumba na calunga,
Eu vou firmar é lá na Angola.
Bumba na calunga.

Arreia capangueiros,
Capangueiros da Jurema.

Arreia capangueiros,
Capangueiros Juremá.

# Relatos de casos de atendimento com apometria

Seguem alguns relatos de casos práticos de atendimentos com apometria. Obviamente, as iniciais dos consulentes são fictícias, objetivando preservar sua privacidade.

Antes dos casos em si, cabe alguns comentários sobre a frase que escutamos regularmente, quase toda semana: "Eu quero fazer uma apometria! ".

Gente, apometria está na moda! A frase "eu quero fazer uma apometria" e suas variações: "eu preciso fazer uma apometria" ou "me mandaram fazer uma apometria" são comumente escutadas daqueles que chegam à choupana para atendimento de cura e desobsessão, que ocorre às segundas-feiras.

Preponderantemente, o consulente não sabe o que é apometria, mas como escutou falar ou, o que é pior, foi "orientado" por um centro espírita a fazer a tal apometria, procura um local que faça esse tipo de "trabalho".

Não é brincadeira não, isso acontece toda semana. E dá-lhe palestra, muita palestra.

Apometria não é garrafa de xarope milagroso, que cura de uma hora para outra os transtornos psíquicos espirituais das pessoas, muito menos suas mazelas auto-obsessivas. Afinal, adianta "fazer uma apometria", se o atendido nem sabe o que é?

Apometria é tão somente uma técnica de apoio, que facilita o desprendimento - ou desdobramento - dos sensitivos médiuns que atuam no grupo, idem em relação ao atendido. O que acontece, a partir de então, é que se estabelece a abrangência terapêutica do atendimento, dirigido pelo plano espiritual, que sabe o merecimento e até que ponto o exercício do livre-arbítrio do consulente não é o próprio responsável por suas mazelas, desde que a semeadura seja livre, e a colheita, obrigatória.

Apometria não é "mágica" que libera de sofrimento, quando este é necessário para a libertação cármica do ser. Já vimos muito preto velho, caboclo e exu não autorizar quaisquer sintonias com situação de trauma do passado do atendido, por ele não ter merecimento, afora outros exemplos do quanto eles são zelosos com essas questões: "A cada um é dado o que é de cada um, nem mais nem menos".

Os que chegam até a choupana com grandes expectativas milagrosas, quanto ao atendimento - quando não esperam uma regressão a vidas passadas, para acessar informações de outras encarnações ou, até como já escutamos falar, trocar seu carma por outro melhor, como se estivessem em um balcão de negociação -, saem "frustrados", pois a orientação que damos é básica: reforma íntima, mudança de valores e crenças pessoais e despertar interior para as questões espirituais, que demandam e não dispensam árduo esforço individual.

Claro é que, quando o atendido está com seu merecimento distorcido, o livre-arbítrio desrespeitado, por obsessões e processos magísticos negativos, a apometria é importante ferramenta, mas por si não garante nada. Mesmo assim, nunca informamos para o consulente especificidades sobre suas vidas passadas, que só alimentam a curiosidade pueril.

É temerário dispensarmos a mediunidade no exercício da apometria, pois qual de nós encarnados sabe e tem condição de decidir o que fazer e a abrangência energética do que é justo invocar e pedir, por intermédio de força mental, diante do espírito atemporal?

É o plano espiritual e os espíritos benfeitores que dirigem e determinam o alcance terapêutico dos atendimentos, que, na choupana, são regidos pela sagrada umbanda e suas leis universais de equilíbrio.

Para não ficarmos repetitivos, sugerimos àqueles que almejam maiores informações da dinâmica dos atendimentos, das leis da apometria e da invocação dos orixás a leitura do capítulo 7 do livro ***Umbanda Pé no Chão***, volume 1, deste guia de estudos.

**Caso 1**

**Consulente**: DMS, cinqüenta anos, mulher, viúva e espírita.

**Sintomas**: Faz dez anos que tem aumento súbito do batimento cardíaco, acompanhado de dor no peito e sensação de fraqueza. Esses sintomas eram esporádicos até então; assim como apareciam, sumiam, de uma hora para outra. Ocorre que, dentro de um mês, intensificaram-se, aumentando a freqüência do mal-estar súbito. Quando chegou para o atendimento na choupana, em dia de sessão de preto velho, tal mal-estar havia se tornado diário, sempre sentido à noite: disparo dos batimentos cardíacos, entorpecimento do lado esquerdo do corpo, dor no peito do lado do coração, sensação de peso e falta de ar. DMS se apresentava fraca, com olheiras, mas ainda conseguia trabalhar. Era assistente administrativa de um grande hospital público de Porto Alegre e fazia todos os exames possíveis que a tecnologia moderna permitia para auxiliar a medicina, e nada de anormal fora diagnosticado. Os médicos não sabiam o que fazer, e a paciente se mostrava desanimada e fraca. Foi marcado atendimento com apometria, em dia específico para esse fim.

**Atendimento**: Durante a anamnese - entrevista com o consulente -, verificou-se que tinha um filho esquizofrênico de trinta anos, dependente dela e residente na mesma casa. Aberta a freqüência da consulente e de seu filho doente, dado que ele não tinha discernimento para entender a situação, pela aplicação de pausada contagem, estalar de dedos, induzindo o desdobramento de ambos, constataram-se vários espíritos sofredores no campo energético do filho. Todos foram tratados e encaminhados, com a vibração dos exus e de Oxóssi. Após esse socorro, descobrimos um espírito de mulher "grudado" no filho, sendo que, sempre que ele dormia, à noite, deslocava-se violentamente para atacar a mãe, por quem nutria ódio mortal. Essa entidade estava desgrenhada, com sérias deformações em seu corpo astral. Atacava DMS com tesoura na mão e tentava arrancar-lhe o coração, pois, em sua perturbação, enxergava-se em outra encarnação, em que fora amante do atual filho de DMS, sendo a atual mãe a esposa de outrora. A amante ficara grávida e, sendo descoberta pela esposa de outrora, hoje a mãe atacada, foi capturada para morrer à míngua, de fome e sede, em um calabouço, grávida avançada, com quase nove meses de gestação. Com os pontos cantados de pombagira das rosas, esse espírito foi socorrido e se reencontrou no Astral com seu antigo filho - o bebê que ela perdera nas entranhas -, que veio socorrê-la. Ato contínuo, "refizemos" os chacras "danificados" da consulente com a vibração do Oriente, de Oxum e Iemanjá.

**Conclusão**: Não temos o direito de julgar ninguém. Mediunidade e apometria são ferramentas de auxílio incondicional ao próximo. Ao depararmo-nos com o presente quadro familiar, certamente uma encarnação de resgate por débitos do passado, defrontamo-nos com um filho esquizofrênico, que vive mais o plano astral na mão dos inimigos desencarnados do que a vida da presente encarnação. Com o socorro feito, houve alívio, se não duradouro, ao menos temporário, dando alento a todos os envolvidos: a atual mãe, atacada diariamente; a mãe e amante do passado, que se encontra novamente com seu filhinho; e o filho doente de agora - esquizofrênico - ex-marido traidor, que tem alívio na repercussão vibratória enfermiça da entidade doente que estava fixa em seu campo vibratório, utilizando-se de sua mediunidade descontrolada para usá-lo como trampolim de sua vingança contra a atual mãe e antiga desafeta. O tempo - e Xangô - rege os caminhos ascensionais de todos nós e sabe o que é de cada um para aprendizado e evolução. Não nos foi dado saber a anterioridade do enredo entre esses três espíritos. Com certeza

são consciências muito ligadas em obsessão recíproca; a cada um segundo suas obras, diante das soberanas leis cósmicas que determinam a reencarnação a todos nós.

**Caso 2**

**Consulente**: BHT, trinta e dois anos, mulher, casada e espírita.

**Sintomas**: Foi a consulente que o caboclo Ventania indicou para entrar antes dos outros na consulta, pela intensa dor de cabeça que sentia, conforme mencionado no capítulo "Diante dos fenômenos mediúnicos". Nesse dia, era a primeira vez que ia à choupana. Fora indicada para atendimento marcado com apometria, na consulta. Tinha muita vontade de sumir, ficar sozinha e abandonar o marido, ao qual chamava de pai de seu filho. Reconhecia que precisava educar sua mediunidade e se dizia espírita. Iniciou por mais de uma vez a educação mediúnica em centro espírita organizado, mas sempre acontecia "algo" que a fazia desistir de continuar. Disse-se culpada por seus sofrimentos e afirmou saber que atraía companhias espirituais de baixa vibração. Contudo, mantinha-se passiva, sem vontade de reagir, vítima de si mesma, tendo altos e baixos de muito ódio do marido.

**Atendimento**: Durante a entrevista com a consulente, realizada em forma de anamnese, antes do início do atendimento propriamente dito, vovó Maria Conga se manifestou e perguntou para a consulente se ela cometera aborto, depois do nascimento do atual filho de três anos. BHT negou e disse que "só" fizera um aborto, quando era jovenzinha, e que depois nunca mais repetira o feito. Então, a preta velha iniciou o seguinte diálogo:

- Minha filha, e a pílula do dia seguinte, lembra-se de ter usado?

- Sim.

- Não está se cuidando usando métodos contraceptivos consagrados pela medicina terrena e mais seguros?

- Não, eu uso a tabela e, vez por outra, perco-me nas datas. Só usei a pílula do dia seguinte por duas vezes, pois fiquei com receio de engravidar, estando dentro das datas possíveis de minha fertilidade.

- Minha filha, o que você acha que ocorre quando um espermatozóide encontra um óvulo e o penetra, nas primeiras quarenta e oito horas após o intercurso sexual?

- Creio que existe início de gravidez.

- Então, início de gravidez é um aborto diferente de uma barriga maior?

- Acho que é.

- Minha filha, se já tem a consciência da reencarnação, pelos muitos livros que leu, compreenderá que, por trás de um espermatozóide adentrando um óvulo, existe um espírito aguardando um corpo para voltar a estagiar na materialidade.

Quando interrompeu abruptamente o acoplamento do reencarnante incorpóreo, atraiu para si forte trauma e, ainda pelo baixo estágio evolutivo das criaturas humanas, muito ódio contra si, uma vez que esse espírito acaba direcionando para você a "descarga" de sua raiva. Ter feito "só" dois abortos com a pílula do dia seguinte, mesmo em fase inicial de formação embrionária, não a isenta de sério processo obsessivo que ora se encontra no pico de sua intensidade. Vamos auxiliá-la, a fim de proporcionar um breve instante de alívio para todos os envolvidos, mas precisa mudar em si suas disposições mais íntimas, como a de não se resguardar de concepção extemporânea, pelo mero prazer carnal fugaz e irresponsável, quando não intencionalmente, por não ter tido coragem de negar ao seu companheiro o intercurso fora de hora, por não o desejar no momento, o que a deixa frustrada. Depois acaba "descarregando" essa raiva em uma pílula, pensando: "Ele me tem quando quer, mas gerar filho eu não deixo".

Nesse momento, a consulente caiu em choro convulsivo, perdendo a empáfia que a cegava até então. Com o sentimento aberto como um riacho revolto, com lágrimas escorrendo, aflorou sua humildade, até então ausente. Então, desligaram-se da aura da atendida os dois espíritos "abortados". Ao mesmo tempo, manifestam-se em duas médiuns. Sofridos, desalinhados pelo ódio insano, foram acalmados lentamente e aceitaram uma trégua, para se fortalecerem. Reconheceram que não estavam indo a lugar nenhum, antes estavam se prejudicando ao tentar, por vingança, separar BHT de seu esposo.

Recomendou-se para a consulente uma série de sete palestras com passe, para ela se fortificar energeticamente. Esclarecida de que ela era a responsável pelo que estava atraindo, foi chamada à ação para sua educação mediúnica, sob pena de intermitentes recorrências obsessivas, por sua sensibilidade desequilibrada.

**Conclusão**: Quais as conseqüências espirituais de se utilizar uma pílula contraceptiva, nos dias seguintes à união sexual? Agravamos as conseqüências, quanto maior é nossa consciência sobre os processos palingenésicos. Podemos, mas não ternos o direito de impedir um espírito de reencarnar, pelo mero prazer descompromissado e inconseqüente, se existem métodos adequados e seguros, recomendados pela medicina, que se encaixam melhor diante das leis espirituais. Os espíritos que nos vêm na parentela carnal, via de regra, são ainda nossos inimigos, dado nosso arraigado atavismo egoísta, que nos prende ao ciclo reencarnatório. São despertados abruptamente da dormência que os envolvia para acoplarem-se no futuro embrião, desde que recém fecundados os gametas, masculino e feminino, pelo encontro de ambos no meio uterino. Ao despertarem, rompem do inconsciente milenar em que estavam adormecidos os laços traumáticos que os uniam à mãe abortiva, fazendo-os cair em obsessão odiosa contra ela, advindo uma fixação de difícil reavaliação, criando o espírito abortado intensa concha astral entre ambos, literalmente agarrando-se em volta do útero, como um hospedeiro - a consulente sentia seguidas pontadas no baixo-ventre. O Pai-Mãe, Deus, em sua infinita bondade e amor, brindou-nos com corpos físicos para o intercurso sexual. Assim podemos realizar a união amorosa a dois. Contudo, não nos dispensou de sermos responsáveis por nossos atos, enquanto somos cocriadores no abençoado ciclo reencarnatório planetário.

**Psicografias na umbanda**

# A escrita mediúnica é coisa de kardecista?

Existe psicografia na umbanda ou isso é coisa de kardecista? Sim, existe psicografia na umbanda e não é exclusividade dos centros espíritas. Muitos centros fazem sessões semanais de psicografia. Nos tempos idos da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, fundada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, existia o que se chamava mesa branca de umbanda. Até os dias atuais, muitos terreiros mantêm essa prática e denominação.

Por recomendação de Ramatís, este capítulo se destina a mostrar a psicografia umbandista e, ao mesmo tempo, os espíritos, com suas características peculiares de expressão, para se fazerem entender na Terra.

Os textos apresentados evidenciam que os guias não são qual uma tropa automatizada, todos iguais, de fala padronizada, com única ideologia doutrinária, como é comum nas hostes kardecistas.

É certo que isso contraria aqueles acostumados com a uniformidade do já sabido, pela igualdade imposta pela cartilha de uma codificação. Também nos faz refletir que os guias na umbanda não são analfabetos de fala arrastada. Se assim o fazem nas consultas, frente a frente com os consulentes, é para se aproximarem dos simples de coração, "rebaixando-se" intelectualmente, para tocar nos corações e fazer as pessoas se abrirem, terem suas catarses e serem consoladas, melhorando para um novo dia de lutas que se avizinha.

Quando se apresentam como doutores eruditos, as pessoas ficam inibidas e se fecham em si mesmas, alimentando a compunção interna lacrimosa, em que se tem de sofrer de forma muda e acomodada, para drenar seus desmandos passados. A umbanda nos liberta dessa "prisão", oportunizando um ambiente psicológico de igualdade entre entidade, médium e consulente, aberto, olho no olho, fazendo-nos acreditar que podemos, sim, ser felizes aqui e agora, resgatando o verdadeiro sentido do consolo espiritual.

Não sendo os médiuns analfabetos, claro está que a psicografia pode ser - e é - também uma expressão de mediunidade na umbanda, como o pão que alimenta as almas. Quiçá todos os terreiros assim o permitissem. Infelizmente, isso não ocorre; assim como alguns espiritualistas dizem que atabaques não fazem parte da umbanda, e outros proíbem entidades "de umbanda" de se manifestarem em suas mesas mediúnicas, assim também, em semelhança atávica, determinados umbandistas preconizam que psicografia é coisa de espírita e que escrever nada tem a ver com mediunidade nos terreiros. Caímos em atos de exclusão, como se fôssemos raposas que não invadem o galinheiro do vizinho. Grande ilusão, diante da constatação universal de que o ninho do Pai abriga todas as aves do paraíso.

Em verdade, nunca escutamos um mentor da umbanda se posicionar contra esta ou aquela forma de comunicação mediúnica; existe a psicografia na umbanda como forma de registro e divulgação de seus ensinamentos. Deixemos de lado os que se sentem contrariados com isso, os que pregam o segredo, a submissão sem questionamentos, a proibição da leitura de livros, enfim, o conhecimento.

Geralmente, as psicografias são escritas a lápis ou a caneta. Pode-se também fazê-la diretamente no teclado. As psicografias que fazem parte deste capítulo têm seus autores mencionados ao final de cada texto, bem como os respectivos centros aos quais são filiados.

Saravá o lápis [4] na umbanda, mais um elemento ritual que vem fortalecer a divina luz.

4 - Referência ao médium psicógrafo. (N.E.)

# Oferendas aos orixás

Muitos médiuns vêm nos perguntar quais oferendas podemos dar no dia de determinado orixá. Passaremos agora uma receita básica, que pode ser utilizada para qualquer orixá ou entidade:

· um pacote de amor, em pó, para que qualquer brisa possa espalhar às pessoas que estiverem perto ou longe de você;
· um pedaço generoso de fé, em estado rochoso, para que seja inabalável;
· algumas páginas de estudo doutrinário, para que você possa entender as intuições que recebe;
· um pacote de desejo de fazer caridade desinteressada, sem retribuição, para não "desandar" a massa.

Junte tudo isso em um alguidar feito com o barro da resignação e da determinação e venha para o terreiro. Coloque em frente ao congá e reze a seguinte prece:

Pai, recebe esta humilde oferenda dada com a totalidade da minha alma e revigora o meu físico para que eu possa ser um perfeito veículo dos teus enviados. Amém.

Pronto! Você acabou de fazer a maior oferenda que qualquer orixá, guia ou entidade pode desejar ou precisar.

Você se dispôs a ser um médium!

Caboclo Pery
Mãe Iassan Ayporê Pery
Centro Espiritualista Caboclo Pery

# Um dia em um terreiro de umbanda

Era dia de gira; o terreiro já estava todo limpo e preparado; os médiuns responsáveis pela limpeza daquele dia conversavam alegremente.

A dirigente e as mães pequenas já haviam feito todas as firmezas e podiam agora se juntar aos demais médiuns, para um entrosamento maior. O ambiente era tranqüilo e feliz.

Duas horas antes do início efetivo da sessão, começaram a chegar os demais médiuns pertencentes à casa. Uns mais efusivos que outros, como ocorre em todo grupo. Todos se cumprimentaram alegremente.

Faltando uma hora para o início dos trabalhos, foi iniciada a palestra destinada à assistência e aos médiuns.

Com a palestra já quase no fim, eis que chegou Dora, médium de pouco mais de três meses na casa.

Entrou quieta e apressada, cumprimentou os irmãos de corrente com um "oi" geral, um sorriso amarelo e foi direto para o vestiário, trocar de roupa. Alguns médiuns se entreolharam sem saber o porquê daquela irmã nunca se entrosar com eles.

Chegava sempre em cima da hora da sessão, nunca se oferecia para ajudar na faxina do terreiro nem participava das obras assistenciais. Mesmo quando era sessão de desenvolvimento, entrava muda e saía calada.

Essa atitude dela já vinha causando algum desconforto entre alguns médiuns, que resolveram, com a "melhor das boas intenções", perguntar à Mãe no Santo, faltando menos de quinze minutos para o início da sessão, se ela não sabia o porquê daquele "descaso" para com os irmãos e para com a própria casa.

A Mãe no Santo respondeu-lhes:

- Deixem a Dora em paz! Ela tem compromissos previamente assumidos, que a impedem de estar mais tempo junto de nós. Isso não significa que ela não gosta da casa ou de nós. Por que, em vez de ficarem especulando, não tentam colocá-la mais à vontade em nossa casa?

Mas Rodrigo, curioso, disparou:

- Mas, Mãe, nem quando ela chega aqui ela fala com a gente direito, entra muda e sai calada. Assim fica difícil fazer amizade com ela.

- Ela é tímida. Não lhe passou pela cabeça que sua forma de aproximação pode assustá-la ou afastá-la? Menos julgamento, meu filho, e mais amor.

Rodrigo não gostou da resposta da Mãe, mas silenciou, pois o olhar dela lhe dissera que o assunto estava encerrado, até porque a sessão já ia começar.

- Vão para dentro do terreiro - disse a Mãe -, preciso me preparar.

Rodrigo foi para dentro do terreiro determinado a descobrir os "tais compromissos" e se Dora era realmente tímida ou antipática. Afinal, ele trabalhava tanto, fazia tanto pela casa, limpava, fazia faxina, chegava cedo ao terreiro, participava das aulas, palestras, sessões de desenvolvimento e tinha o mesmo tratamento que Dora? Recebia da Mãe o mesmo sorriso, a mesma atenção; não achava justo. Ia dar um jeito de mostrar para a Mãe que ela estava sendo condescendente demais com aquela médium tão inexpressiva e indisciplinada.

Começou a sessão, e os trabalhos transcorreram normalmente. Dora incorporara pela primeira vez seu caboclo. Saudou o caboclo-chefe e disse ao caboclo da dirigente:

- Esse caboclo está muito satisfeito com o que seu aparelho vem fazendo com minha filha. Ela precisa de muita orientação e amparo. Não permita que turvem os olhos e o coração de seu aparelho com maledicências.

O caboclo-chefe respondeu:

- Pode ficar tranqüilo, meu aparelho já sabe.

Ao ver que Dora havia incorporado, Rodrigo sentiu aumentar ainda mais sua inveja e pensou: "Agora que ela vai ter mais atenção mesmo. Se, sem incorporar nada, já recebia atenção, agora, então...". Rodrigo tentou, em vão, escutar o que os caboclos estavam dizendo. Sua ansiedade não permitiu que ele mesmo incorporasse seu enviado de Oxóssi. Desequilibrou-se e acabou ficando sem receber as irradiações maravilhosas de seu guia, que tentava exaustivamente chamá-lo à razão, dizendo a seu ouvido:

- Meu filho, reflita sobre o real motivo por que se empenha tanto em ajudar na casa. É por humildade ou para "aparecer"? A Mãe tem de zelar por todos igualmente, e é óbvio que irá se preocupar com os que mais necessitam. Abrande seu coração e sossegue seu pensamento, para que possa fazer o que devia' ser seu primeiro objetivo aqui: praticar a caridade, servindo de aparelho para mim e sua banda toda.

Mas nada, Rodrigo não lhe dava ouvidos. A corrente da casa já havia anulado a ação dos espíritos trevos os que circundavam o terreiro, mas eles encontravam dificuldade em afastar alguns, pois estavam encontrando ressonância de sentimentos em Rodrigo, que mantinha a "guarda aberta".

O caboclo-chefe, senhor Pena Branca, foi avisado pelos guardiões sobre o que estava se passando. Ele olhou Rodrigo, que, de tão cego que estava, não percebeu o olhar do caboclo. O senhor Pena Branca avançou em direção a Rodrigo, que cantava pontos, sem prestar a menor atenção no que estava acontecendo à sua volta, pois seu olhar estava fixo sobre Dora incorporada. Quando deu conta, senhor Pena Branca estava à sua frente e falou:

- Curumim, preste atenção na gira, e não em médium. Preste atenção no seu guia.

- Mas eu não estou sentindo a vibração dele, acho que não vem hoje.

- Ele está ao seu lado, sempre! Ele tem compromisso com você e com a casa. Você é que está preocupado com coisa que não é para se preocupar e nem saber, coisa que não deveria ser de seu interesse. Cuide do seu e do que veio fazer aqui.

Ato contínuo, elevou a mão sobre a testa de Rodrigo, sem tocá-la, buscando cortar o elo com os espíritos trevosos, que, dessa feita, insistiam em atuar na mente de Rodrigo. Ele fechou os olhos e balançou suavemente para frente e para trás. O senhor Pena Branca deu seu brado, e o caboclo Flecheiro incorporou em Rodrigo.

Os dois conversaram. O senhor Pena Branca pediu que fosse enérgico com Rodrigo, que o orientasse a deixar os assuntos que não fossem de sua alçada fora de seus pensamentos, que não fosse intransigente com os irmãos, que controlasse sua curiosidade e julgasse menos, que visse todos os irmãos como iguais e que se conscientizasse de seu papel dentro do terreiro e da umbanda.

O caboclo Flecheiro prometeu que iria continuar trabalhando, mas que Rodrigo tinha seu livre-arbítrio e pedia ajuda nessa tarefa. O senhor Pena Branca prometeu interceder também.
Iniciaram as consultas, e o trabalho transcorreu com tranqüilidade.

Ao término da sessão, Dora era só sorrisos. Feliz por ter incorporado pela primeira vez seu caboclo, quase correu para perto da Mãe e a abraçou, agradecida.

- Mãe, obrigada! Suas palavras, ontem, deram-me novo incentivo, nova vida, renovaram meu desejo de crescer, estudar e evoluir. Fiz tudo direitinho, conforme a senhora orientou, e hoje vi que não estou louca. Cheguei aqui hoje ainda com um pouco de medo, mas Ele existe mesmo, e a sensação é maravilhosa. Aqui é minha casa, porque é a casa Dele. Além do mais, hoje, quando fui fazer a entrevista de emprego, saí-me tão bem que já começo a trabalhar na segunda-feira e terei mais tempo para me dedicar ao centro e aos estudos da espiritualidade.

A Mãe sorriu e respondeu:

- Viu, minha filha? Todos nós passamos por isso, sentimos esse medo, essa insegurança, só que alguns esquecem que um dia foram inseguros e tiveram seus problemas também.

Nesse momento, a Mãe lançou um olhar significativo para Rodrigo, que abaixou a cabeça, envergonhado.

Dora acompanhou o olhar da Mãe e viu Rodrigo. Dirigiu-se a ele sorrindo e, com os olhos cheios de lágrimas, disse:

- Rodrigo, você me ajuda? Gostaria muito de ajudar na limpeza de nosso terreiro e em todas as tarefas disponíveis, agora que arrumei outro emprego e não trabalho mais em dia de sessão. Como posso fazer? Falo com quem? Você sempre foi tão prestativo e atencioso comigo, pode me ajudar?

Felizmente, a excitação de Dora não permitiu que ela percebesse o quão desconcertado e envergonhado Rodrigo estava, pois ele presenciara na íntegra a conversa entre seu caboclo e senhor Pena Branca e agora ouvia aquilo.

A Mãe no Santo sorriu. Mais uma lição havia sido aprendida por aquele filho tão querido. Ela voltou-se para o congá e sorriu ao olhar a imagem de seu caboclo. Em pensamento disse: "Obrigada, Pai! Obrigada, umbanda, pela oportunidade do aprendizado constante!".

Vovó Maria Conga da Bahia
Mãe Iassan Ayporê Pery
Centro Espiritualista Caboclo Pery

# Importante e essencial

Viver é importante,
Viver bem é essencial.
Ser honesto é importante,
Ser honesto consigo mesmo e com os outros é essencial.
Perceber é importante,
Compreender a percepção é essencial.
Lutar é importante,
Lutar por uma causa justa é essencial.
Ser médium é importante,
Ser bom médium é essencial.
Cada um sabe de si e tende a julgar os outros por critérios que favorecem a si mesmos.
Ser justo é importante,
Não julgar é essencial.
No caminho que vocês escolheram, já era sabido por todos, haverá espinhos, mas haverá também flores.
Se vocês permitirem que os espinhos sejam mais importantes que as flores, certamente cansar-se-ão do caminho.
Decidir é importante, Perseverar é essencial.
A responsabilidade pesa de maneiras diferentes, pois ela está de acordo com as aspirações de caridade de cada um.
Fazer caridade é importante,
Ser caridoso com o irmão é essencial.
Os trabalhos não estão aumentando, vocês é que estão se capacitando para trabalhar mais.
Ser médium é importante,
Estar disponível verdadeiramente é essencial.
É essencial ser bom médium, ser caridoso, ser perseverante, não ser juiz e ser honesto.
É essencial saber e ter a certeza de que esta é a casa que irá atender aos seus ideais.
Caso tenha dúvidas, medite sobre isso sinceramente, busque auxílio nas entidades que trabalham com você. Mas faça isso em silêncio! Ouça seu coração! Se ele for verdadeiro, dar-lhe-á a resposta.
Importante é estar aqui,
Essencial é estar aqui e somente aqui.
Importante é que estar aqui seja importante para você,
Essencial é que estar aqui seja essencial para você.
Importante é ser da casa,
Essencial é ser a casa.

Caboclo Pery
Mãe Iassan Ayporê Pery
Centro Espiritualista Caboclo Pery

# Para fazer alumiador

Na Bahia tem,
Tem lima, tem limão!
Na Bahia tem
Muitos baianos no chão!
Povo de umbanda chamou...
Baiano Zé do Coco chegou!

Ao contrário do que muita gente fala por aí, nesse mundão de meu Deus, baiano é povo trabalhador, e quem mexer com baiano vai prestar contas ao Nosso Sinhô.

Olha, meu povo, a maior preocupação que vocês devem ter é consigo mesmos, e não com o outro, esperando que de fora venha o inimigo, para retirar o que vocês possuem.

O grande problema é que vocês investem muito no material e esquecem o principal: o espiritual. Acho interessante como vocês falam bem na primeira pessoa do singular e se esquecem da terceira pessoa do plural!

Eu fico a me indagar: que caridade é essa, sô, que não visa a melhora moral, nem me faz enxergar que sou o mais necessitado, mostrando que aquele irmãozinho que chega à porta de minha tenda vai me ajudar a ser melhor?

Que caridade é essa que eu canto e decanto, mas que, na prática diária, eu faço diferente? Que caridade é essa em que os que têm compromisso de consolar choram mais que o irmão que vai buscar auxílio? Que caridade é essa que, para se estabelecer, faz uma guerra, para só depois poder pacificar o coração?

Às vezes, fico matutando: será que Nosso Sinhô Jesus Cristinho ensinou dois tipos de caridade, e esse baiano perdeu essa outra lição? Vai ver que foi no dia em que eu estava descansando na rede; não é assim que se diz do baiano? Mas a rede em que esse Zé descansava mesmo era a rede de pesca, onde eu tirava o sustento de minha família e de outros mais!

Não há caridade, meu povo, sem o sincero cumprimento do dever, e o dever de um filho de Deus termina quando ele começa ameaçando a tranqüilidade do outro; e começa quando ele não gostaria que sua tranqüilidade fosse desrespeitada.

Caridade no papel e só de boca é letra morta, e, se vocês, meu povo, desejam que ela seja o candeeiro que se fará alumiador no caminho de vocês, trabalhem, viu? Trabalhem muito e sem reclamar, pois ainda há muito pavio para o azeite queimar!

É da Bahia, meu Pai!
A bênção, meu Senhor do Bonfim!
Salve minha Mãe Iemanjá!
Baiano Zé do Coco.

Mãe Luzia Nascimento
Centro Espiritualista Luz de Aruanda

# Grande era a valentia

Época do cangaço
Grande era a valentia,
Pois a lei que imperava
Era mesmo a tirania.

Para um povo tão sofrido,
A herança era a fome e a sede,
Porque macaco da caatinga
Era bicho, não era gente.

Cangaceiro "cabra macho",
Pra modo de não chorar de dor,
Antes de cair em uma emboscada,
Atocaie e embosque o perseguidor.

No sertão da Paraíba
O cangaço fez escola,
Era jagunço pra todo lado,
Com cavalo, espingarda, faca e espora.

A notícia correu célere,
Cangaceiro criou fama;
Injustiça social no Nordeste
Agia como negra dama.

De um lado: o rico inclemente;
Do outro: um povo transviado;
Com os dois: orgulho e egoísmo,
Que fez tanto sangue derramado.

Fumo de rolo na algibeira,
Rapé pra cheirar e espirrar,
Cartucheira e facão na cinta,
Pra quem se atrevesse a desafiar.

Hoje a história do cangaço
É decantada em cordel,
Onde o herói cangaceiro,
Por sua valentia, ganhou troféu.

Mas, com o apagar das luzes,
A história se fez diferente:
Cangaceiro teve de trabalhar,
Para não ficar ausente

Da caatinga e do sertão.
Só lhe restou a pele escura,
Cangaceiro se calou
E chorou de amargura.

Outra roupa me foi dada
Pela lei da reencarnação.
E na pele de um boiadeiro
Aprendi nova lição.

Fazendo meu aboio
Jurei a Deus clemente
Que, quantas vidas tivesse,
Faria o bem desinteressadamente.

Hoje não há mais légua tirana
Pra caminhar de noite e nem de dia,
Mas sim a bênção da caridade
Que a todos socorre e alivia.

Boiadeiro se retira
Com seu berrante tocando
E agradece à lei de umbanda
Que enxugou todo seu pranto.

E na fé do meu aboio
Passa boi, passa boiada,
Só não passa o grande amor
Que sinto por minha amada.

Eh, boi!
Getruá boiadeiro!

Boiadeiro Venâncio, boiadeiro do Sertão
Mãe Luzia Nascimento
Centro Espiritualista Luz de Aruanda

# Exu pisa no toco de um galho só

Boa tarde, criança! Dá licença de esta escora dar um recado, usando para cómeço esse refrão?

"Exu pisa no toco de um galho só!"

Tudo no universo tem seu aspecto dual. O que está abaixo não prescinde do que está acima para poder chegar à linha divisória que demarca essas duas dimensões; de cátedra posso dizer que a caminhada é longa, não havendo razão para desperdício de tempo. É nesse ponto vibracional, entre outros, que nós, exus de umbanda, trabalhamos, refreando as investidas das trevas, para a manutenção da luz.

Aos que fazem por merecer, abrimos passagem e convidamos ao trabalho; aos que devem, executamos a lei. Falta de caridade? Não, bom senso, pois, para o delinqüente, há o reajuste da lei.

O reino das sombras é uma verdade irrefutável, e em minhas andanças tenho analisado que o que mais incomoda alguns de vocês não é o conhecimento dessa verdade, e sim saber que, muitas vezes, são vocês mesmos que alimentam esse reino, com seus desejos espúrios, quando deixam vir à tona a ânsia pelo poder, pelo enaltecimento e pela conquista das felicidades que os evidenciem. Quanta ilusão!

Pois é, o reino das sombras começa em um lugar bem perto e acessível, no qual vocês nunca colocam tramela - a mente de cada um -; e, nessa viagem, a estação terminal chama-se trevas.

Quantos ditos chefes de terreiro ou denominações que se equivalem não caem nessa armadilha, achando que servem à Luz, cada vez que aprimoram a forma de oferendar a exu, em um gasto exorbitante de iguarias que visam única e exclusivamente satisfazer egos, que sempre estão inflados, com respostas prontas, para dar veracidade, seriedade, credibilidade e respaldo para esse tipo de manuseio?

Há os que ainda têm a petulância de se referirem nestes termos: "Fazemos isso para exu, porque só gosta de coisas boas e de muita fartura, além de ser uma paga por toda a segurança e proteção que dá ao nosso terreiro e a nossos trabalhos".

Quanta inverdade! Quanta mistificação! Por quê?

Em primeiro lugar, quem está na carne são vocês, e não nós! Portanto, não precisamos dessas ditas "coisas boas" que vocês justificam. Esse conceito de bom de vocês deixa muito a desejar.

Em segundo lugar, quem gosta de paga é quiumba, e não exu de lei!

Estejam alertas, crianças! Há muito lobo travestido em pele de cordeiro, e não é só no Astral, não!

Escutem aqui uma coisa: Exu não se vende, não manda sujar encruzilhada, não se troca, não se ilude nem ilude, não engana nem é enganado. Exu é exu e nunca será um fantoche na mão de quem quer que seja. Exu tem trabalho a cumprir e assim o faz com ordem, disciplina e outorga.

Tenho ouvido muita explicação estapafúrdia sobre o trabalho dos exus. Nós sabemos muito bem a diferença entre qualidade e quantidade e preferimos sempre a primeira.

Exu manipula o elemento, ao contrário de viver dele ou em sua função, até porque existem gases no Astral sobre os quais vocês neste mundo físico nem tomaram ainda conhecimento. Ou pensam que as descobertas das partículas subatômicas são o ponto final de tudo?

Querem realmente agradar exu, mas agradar mesmo? Desamolem suas línguas ferinas, imolem seu orgulho e sua vaidade e entendam de uma vez por todas que nós - os Exus de umbanda

- somos servidores dos orixás, a serviço dos caboclos e pretos velhos, e não bobos da corte que fazem graça para quem rir melhor ou para quem pagar mais.

Exu pisa no toco,
Exu pisa no galho.
O galho se quebra,
Exu não cai, ô, ganga.
Ê, exu olha, pisa
No toco de um galho só!
Para quem entende de curimba e de exu, eu já dei meu recado!
Eh, eh, eh...

Marabô da Encruzilhada, um toquinho no Astral!
Mãe Luzia Nascimento
Centro Espiritualista Luz de Aruanda

# Na verdade, quem faz o mal?

Nas lides de um terreiro de umbanda, há uma linha de trabalho muito pouco entendida, até os dias de hoje: é a linha dos exus e pombagiras, que pejorativamente receberam a alcunha de "demônios" ou daqueles que são os responsáveis diretos por toda prática do mal.

O termo "demônio" é vocabulário milenar. Na Grécia Antiga, encontramos seu significado traduzido como "gênio" ou "espírito". Portanto, exu e pombagira são espíritos em evolução, que a buscam com a consciência desperta pelas próprias experiências.

Assim como todas as demais entidades que militam na egrégora da umbanda, essa linha de trabalho tem funções específicas a exercer e, embora as tenha, devem ser recebidas naS sessões em que trabalham, aos olhos dos filhos do terreiro e da assistência, com o mesmo respeito das demais entidades das outras linhas.

Muitos nem percebem que os trabalhos de um exu e de uma pombagira são constantes, começando bem antes de uma sessão ou gira, continuando durante sua realização e se prolongando após o encerramento das atividades do plano material.

Ser responsável pela segurança de um terreiro e dos filhos desse lugar é tarefa que requer muita destreza, porque muitos filhos, quando dão expansão às suas tendências, sempre alegam que é por conta da energia dessas entidades que possuem ao seu lado e esquecem que o livre-arbítrio é patrimônio de todos.

Nunca um Exu ou Pombagira irá agir indo de encontro à Lei ou desrespeitando o livre-arbítrio de quem quer que seja. Nunca irão praticar o mal, se estão em uma linha de frente para combatê-lo, como uma grande polícia de choque, neutralizando as investidas das trevas contra a luz. Sim, meus amigos, exu é um ponto de luz nas trevas!

E quantas trevas eles ainda têm de combater? Isso sem falar nas trevas da ignorância, que existem em muitas mentes humanas, que, sem conhecer, alegam que, por nós fazermos parte da esquerda, somos maus.

Somos a esquerda, sim, isso sem sombra de dúvida, porém esse fato não nos torna menores, nem piores. Quando me refiro à esquerda, quero que fique bem claro que essa polaridade é a contrapartida da direita. Só para dar um exemplo: o que seria do pólo positivo sem o negativo, no campo da eletricidade? Sabe o que aconteceria? Não existiria corrente elétrica para gerar energia, meus filhos! Portanto, exu e pombagira são a esquerda no trabalho da direita.

Há entidades que tentam enganar os filhos de fé se passando por esses trabalhadores? Há, sim. Esses são os chamados quiumbas, que, acostumados a determinados despachos que recebem, buscam se envolver com todos os assuntos, para garantir a manutenção de seus desejos. Esses estarão sempre à disposição de sua clientela, porque para eles nada mais existe, a não ser um negócio que, à primeira vista, pode parecer rentável e prazeroso, porém que, a médio e longo prazo, trará conseqüências funestas para ambas as partes.

Então, meus filhos, entendam de uma vez por todas que exu e pombagira, no trabalho de umbanda, não fazem o mal. Procurem compreender essa linha de trabalho e, se tiverem a oportunidade, escutem o conselho desses guardiões. Com certeza muitos de vocês vão se espantar com a resposta que receberão.

Laroiê, exu!

Exu,ê!

Maria Padilha das Sete Encruzilhadas:

"E, então, meu filho, em qual encruzilhada iremos nos encontrar?

Em qual delas vou te buscar?"

Mãe Luzia Nascimento
Centro Espiritualista Luz de Aruanda

# Toda religião

Toda religião tem sua doutrina. Com a umbanda não poderia ser diferente. Ela é uma doutrina de amor.

Como uma religião cristã, tem em sua essência os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, pautados na máxima: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei".

O umbandista deve se esforçar para praticar esse ensinamento, pois só assim os preconceitos e as diferenças cairão por terra.

Toda religião tem por finalidade maior auxiliar o homem em sua evolução - enquanto espírito imortal que é -, incentivando-o a analisar os fatos de sua vida cotidiana, seus pendores, instintos, dissabores, suas alegrias, aptidões, decepções, fatores limitadores alheios à sua vontade e fatores que permitam seu crescimento interior, no campo moral, intelectual, social e cultural, dentro do contexto no qual o homem está inserido.

A umbanda, em solo brasileiro, nasceu para reformular conceitos, culturas e valores arraigados desde milênios no coração dos homens e distorcidos por eles, em nome do egoísmo, do ódio, da ganância e da vaidade.

A umbanda é a religião para os que desejam aprender a ser simples; para os que desejam trabalhar com humildade; para os que não estão interessados em valorizar rótulos ou títulos que não tenham sido conseguidos pelos filhos que nela militam pelo próprio esforço; para os que renunciam aos fatores transitórios do terra a terra e compreendem a responsabilidade de ser umbandista, de estar em uma casa de umbanda, entendendo, assim, o porquê da hierarquia sacerdotal.

A umbanda é para os que colocam os pés no chão, sem se envergonhar, buscando aprender com isso que devem ter os pés livres, procurando fazer a parte que lhes cabe dentro da harmonia e da vibratória de seu terreiro, não esperando nem repassando para as entidades o que é de sua alçada, dentro do compromisso que abraçaram.

A umbanda é para os que entendem que o vestir branco é um convite à interiorização dessa cor, procurando manter a alma em paz e disposta a servir sempre, embora, na grande maioria das vezes, não seja compreendida.

Meu irmão, quando lhe perguntarem se a umbanda tem doutrina, não responda com palavras, como quem vai rebater a uma ofensa, mas sim com atos, por tudo quanto você já aprendeu dentro da umbanda e por quanto ela é importante em sua vida. Lembre-se: quem pergunta geralmente é porque não conhece o que está perguntando ou porque viu de forma equivocada.

Irmão e amigo, se, em sua caminhada, você recebeu também o convite da umbanda, analise-o com bastante carinho. Se, de alguma forma, esse convite preencher o anseio de sua alma, não tenha medo, siga adiante e coloque-se à disposição dessa corrente astral, para que, por intermédio dela, você possa prestar a caridade, dando de graça o que de graça recebeu.

Que as irradiações de amor envolvam a todos. Que a luz da estrela matutina brilhe sempre em nosso firmamento e no horizonte de cada um de vocês.

Um caboclo em terras brasileiras.
Mãe Luzia Nascimento
Centro Espiritualista Luz de Aruanda

# Abençoada roda de Samsara

Ninguém neste mundo vaga ao léu.

A lei dos efeitos oriundos de uma causa nos recobre com um novo véu.

O esquecimento -lei divina - permite a cada um o trânsito em situações e condições diferenciadas, em que:

· algoz de antes se torna vítima de si próprio;
· juiz implacável vê-se condenado às masmorras conscienciais;
· vingador ferrenho sente na alma os desmandos de outrora, trazendo em sua psique quadros dolorosos a conviver;
· exploradores do desregramento sexual hoje vivenciam dificuldades afetivas, em meio a emoções baratas;
· espoliadores de ontem vêem-se às voltas com processos judiciais intermináveis.

Negócios espúrios, trapaças, jogos de sedução, interesses mesquinhos e facilidades terrenas aumentam as cartas de débito na contabilidade pessoal.

Na hora da quitação das parcelas, ante a prestação de contas, juros de mora desesperam e aturdem o devedor, que se vê injustiçado.

Optasse ele por uma conduta pautada na Lei de justiça, amor e caridade e não vivenciaria as agruras de seus desmandos, por meio dos grilhões que o acorrentam.

Obsessões sutis e complexas afligem os lares, desencadeando processos de reajuste familiar, em que a maioria dos convivas de hoje foi comparsa de um passado delituoso.

"Semeadura livre, colheita obrigatória!" "Quem semeia ventos colhe tempestades!" "Para toda ação, uma reação se estabelece!"

Abençoada a roda de Samsara, que, em permanente movimento, ensina a conjugação de três tempos verbais: pretérito, presente e futuro!

Namastê!

O indiano.
Mãe Luzia Nascimento
Centro Espiritualista Luz de Aruanda

# A umbanda tem cor?

A umbanda tem cor?
Tem, sim, sinhô!
Ela é preta, ela é branca
É de Nosso Sinhô!

A umbanda tem raça?
Como não tem!
Ela é negra, é ameríndia
e européia também!

A umbanda é das elites?
É de toda classe social!
Ela é dos fios de Zambi
Pra fazer o bem e retirar o mal!

A umbanda tem cultura?
Tem, fios meus!
Do perdão e da bondade,
Que sempre acolhe os seus!

A umbanda tem história?
Tem, meu sinhô!
Basta ver sua trajetória
Nos exemplos de amor!

Mas a umbanda tem pressa?
Tem, não, fios meus!
Cem anos passa ligeiro
Tem fio que nem se apercebeu!

A umbanda tem objetivo?
Como não tem, seu doutor!
Vem fazer a caridade
Em nome do nosso Mediador!

Mas qual a cor da umbanda?
Eu careço de saber
Pra poder pensar nela
Dentro do meu camatuê!

Pra que tanto de avexame?
Nega veia já vai falar!
Se você ainda não aprendeu
Que agonia faz é mal!

Mas que cor é essa, minha preta?
Deixa de tanto rodear!
E eu lhe respondo, meu fio:
Ela é da cor da bandeira de Nosso Pai Oxalá!

Salve o povo de umbanda!

Vicentina de Angola
Mãe Luzia Nascimento
Centro Espiritualista Luz de Aruanda

# Faz caridade, fio

- Faz caridade, fio; faz caridade, fio!

Assim eram as falas do negro Ambrósio, por intermédio do aparelho mediúnico que lhe servia de canal para se fazer proseador.

Não era a primeira vez que aquele consulente ouvia esse conselho do pai velho. Já haviam se passado oito meses, desde o primeiro dia que aquele senhor adentrara o terreiro, passando a fazer parte da assistência, sempre voltando ao negro Ambrósio para tirar suas dúvidas.

Naquele dia, ele estava decidido, iria perguntar ao velho por que toda vez que falava com ele escutava o mesmo conselho. Será que, como espírito, não estava vendo que ele já estava fazendo sua parte?

Esperou sua vez, ansioso. Aquela noite seria especial, seria diferente das outras, aquele encontro marcaria uma nova etapa no caminhar daquele senhor.

Como sempre fazia, mais por repetição do que mesmo por convicção, ajoelhou-se diante do negro Ambrósio e foi dizendo:

- Bênção, vô Ambrósio. Hoje venho lhe pedir uma explicação para melhor entender o que o senhor me diz.

- Oxalá te abençoe, meu fio! Negro Ambrósio fica feliz com sua presença e gosta de fazer proseador com todos os fios que aqui vêm.

- Meu vô, como o senhor mesmo sabe, já faz algum tempo que venho a essa casa e falo com o senhor. Como já lhe disse, não tenho uma situação financeira ruim, ao contrário, nunca tive problemas dessa ordem, o que sempre me facilitou, dando-me uma vida com fartura e bem-estar, desde a infância.

- Certo, meu fio, negro Ambrósio já tem conhecimento de tudo isso que falou.

- É, meu vô, por essa razão gostaria de lhe perguntar por que o senhor, toda vez que fala comigo, aconselha-me a fazer a caridade? O senhor já não sabe que faço isso todo mês, entregando gêneros alimentícios aos que estão carentes? Além do que, em minha empresa, mantenho uma creche para os filhos de meus empregados, para que assim possam trabalhar com mais tranqüilidade. Por isso gostaria que me explicasse o porquê desse conselho, pois, dentro de minha consciência, cumpro com meu compromisso.

- Meu fio, é verdade tudo isso que falou para negro veio; faz parte de seu compromisso, e fio cumpre direitinho sua parte. Porém, fio, esse compromisso faz parte de seu social. Suncê alimenta o corpo material que precisa de sustentação para ficar de pé, pois, se não for assim, fio tem prejuízo, só que o fio também precisa distribuir o pão espiritual e, assim, fazer a caridade.

- Não entendi, meu vôo Seja mais claro. Que caridade espiritual é essa?

- É a mesma que este meu aparelhinho faz aqui no terreiro. Suncê precisa assumir sua condição de médium.

Espantado, disse o senhor:

- Como é que é, vô Ambrósio? O senhor está me dizendo que tenho compromisso com a mediunidade na umbanda, é isso?

- É isso, sim, meu fio. Suncê tem compromisso com essa banda.

Ante as muitas verdades que ele já tinha ouvido, nunca uma afirmação remoia-lhe tanto a alma.

Como seria possível? Achava bonita a umbanda, gostava do cheiro das ervas e do cachimbo dos avôs, mas daí, então, a ser médium era demais para ele.

Mesmo de forma acanhada, buscando aparentar tranqüilidade, aquele senhor disse ao avô:

- Meu vô, acho que há um equívoco, pois nunca senti nada a respeito da mediunidade.

- Não sentiu porque se prende e não quer dizer. Ou suncê acha que nego veio não vê o companheiro de Aruanda que lhe acompanha e que hoje está dando autorização para fazer esse conversado? Meu fio diz que gosta do cheiro das ervas e desse terreiro - o que é uma verdade -, mas o que fio não se vê é dobrando o corpo para prestar a caridade, deixando, assim, que seu pai preto também lhe traga lições para seu caminhar. Então, meu fio, enquanto suncê não entender, nego veio vai continuar repetindo o conselho: faz caridade, fio; faz caridade, fio! Mesmo que tenha que repetir isso por muitas vezes, pois água mole em pedra dura, fio, tanto bate, até que fura. Olha, fio, eu tenho um compromisso moral com esse companheiro de Aruanda que te acompanha e te garanto que não será de minha parte que não será cumprido. Pensa no que este veio te falou e depois vem prosear novamente, pois o passo de veio é miudinho e devagarzinho. Só tem uma coisa, fio: o tempo corre, e espero que suncê queira aproveitar enquanto está desse lado de cá!

Aquele senhor se levantou da frente de negro Ambrósio, sem dizer mais nenhuma palavra. Seria preciso tempo para digerir tudo o que ele tinha ouvido.

Oito meses se passaram, depois daquela prosa, e ninguém no terreiro tinha visto novamente aquele senhor na assistência.

Era 13 de maio, gira festiva de preto velho, os trabalhos tinham se iniciado. Negro Ambrósio olhava para a porteira do terreiro, como se estivesse a esperar por alguém, e assim cantarolava:

Acorda cedo, meu fio.
Se com velho quer caminhar.
Olha que a estrada é longa
E velho caminha devagar.
É devagar, é devagarinho!
Quem anda com preto velho
Nunca ficou no caminho.

Acostumados com a curimba, os filhos da corrente repetiam os versos, sem perceber que, naquele dia, a entonação estava mais dolente. Mais um filho de Zambi venceria uma etapa, mais um seria libertado.

E foi olhando para a porteira que negro Ambrósio viu aquele senhor entrar no terreiro, com os olhos rasos d'água e, de joelhos, postar-se, assim dizendo:

- Vô Ambrósio, se é verdade que tenho essa tal mediunidade, aqui estou para aprender a fazer caridade. Nesses oito meses, minha vida perdeu a alegria, relutei muito para chegar aqui novamente e não nego que fugi por vergonha, se ainda houver tempo.

Aquele senhor nem chegou a ouvir a resposta do negro Ambrósio. Ao seu lado já se encontrava um negro, que, de forma doce e amorosa, assim falou:

- Meu fio, há quanto tempo espero por esse momento, por esse reencontro. Vamos trabalhar, meu fio, nas bênçãos de Zambi e na fé de Oxalá!

Diante dos filhos daquela corrente, aquele homem branco, de olhos claros, quase translúcidos, alto, dava passagem, naquele momento, a mais um preto velho. Foi curvando aquele corpo que ouviu a voz da entidade assim dizer:

- Bendito e louvado seja o nome de Nosso Pai Oxalá! Saravá, negro Ambrósio! Pai Joaquim das Almas se faz presente nesse congá!

- Saravá, pai Joaquim!

E, daquele dia em diante, mais um filho começava sua caminhada, mais um chegava à corrente da casa, mais uma estrela passava a brilhar nos céus de Aruanda!

Saravá, preto!

Negro Ambrósio, em 18/09/2007.
Mãe Luzia Nascimento
Centro Espiritualista Luz de Aruanda

# O que são as encruzilhadas?

Pergunta: - *O que são as encruzilhadas*?

Resposta: - Muito se fala em encruzilhadas, mas pouco se entende. E isso nos faz lembrar o advento da umbanda, anunciada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Esse conhecimento se deturpou com os interesses escusos, em que o que é oculto tende a se desfigurar, quando os propósitos não são para o bem do universo.

Podemos encontrar as encruzilhadas nos opostos ilusórios necessários para a evolução dos filhos da Terra, como, por exemplo, o "dia" e a "noite". E onde ela está? Nem no "dia" nem na "noite". Estaria, então, na "tarde"? Também não, pois a "tarde", como os filhos compreendem, não passa de outra ilusão. Ilusão, porque é uma realidade relativa, em que conhecer profundamente a natureza nos faz enxergar que Deus é o absoluto.

O que nós, seres imperfeitos, insistentemente fazemos é decretar como única a verdade que só existe em nosso ego. O desapego é arma indeferível para que consigamos combater os equívocos da mente, reencontrando-nos, assim, com o eu interior. Caminhemos rumo à evolução!

Podemos dizer que a encruzilhada está no cruzamento vibratório de uma coisa com outra. Como é algo muito abstrato, usamos o exemplo das ruas terrenas. Mas isso não significa que as encruzilhadas a que nos referimos são as das ruas. Não! E é justamente isso que causa muita confusão mental, uma vez que os despachos são colocados com o intuito de interceder em algo que não está fora, e sim no interior de cada ser.

Filhos, já é chegada a hora de entender que não há outra forma de intercessão, se não a caridade!

Somente pela caridade se consegue compreender o que são as encruzilhadas. E, como para qualquer outro conhecimento, é essencial a prática. Quando há a prática do conhecimento, emerge a sabedoria.

É preciso vivenciar, e assim também é na umbanda! E esse é um dos motivos pelo qual a umbanda ainda não foi codificada. Não foi criada para ser discutida, e, sim, para ser sentida no âmago. Quando isso acontecer, não só com a umbanda, mas também com todas as outras religiões, não haverá mais julgamentos, haverá mais tolerância, e a caridade, em uníssono, salvará o planeta Terra!

*Pergunta: - Então, é por isso que as entidades se apresentam com "esses" nomes, como, por exemplo, "Caboclo das Sete Encruzilhadas"*?

Resposta: - Os nomes com que as entidades se apresentam são simbólicos. Por meio da simbologia, os homens conseguem compreender as forças da natureza que emanam do Criador, como, por exemplo, os próprios livros sagrados o são. Símbolos são figuras, marcas, sinais que representam ou substituem outras coisas; simbologia é o estudo dos símbolos.

Acaso há alguém, não só na Terra, mas também no Astral, que não necessite dos símbolos? O próprio corpo físico não passa de um emaranhado de símbolos que a medicina terrena se esforça para desenovelar.

Aqueles que condenam os símbolos ainda não perceberam que, para compreendê-los profundamente, é necessário estar fora do fardo da carne, pois esse é fator limitante da consciência. É como querer enxergar uma célula sem o microscópio.

Caboclo Pedra Verde do Oriente
Mãe Vanessa Cabral
Templo Universalista Pena Branca

# Os tempos são chegados

Meus filhos, urge a necessidade de estudo e aprimoramento, constantemente.

O que adianta abdicar de algumas horas para o trabalho mediúnico, seja ele qual for, se os contratempos parecem se sobrepor, quando há de se colocar em prática o aprendizado que de algum modo foi experimentado?

Digo isso porque todos são convidados, diariamente, a exteriorizar o pouco que absorveram das sessões, mas a maioria prefere ocupar a mente com pensamentos estapafúrdios. Somente quando despertarem para o verdadeiro objetivo dos problemas vê-los-ão sendo sanados.

Não percam tempo buscando artifícios pessoais para falsas justificativas, na tentativa de ludibriar as emanações vibratórias dos trabalhadores do lado de cá da vida, que são as mesmas que pulsam em todos os cantos do mundo. Nada daqui difere daí; ao contrário, tudo parece funcionar como uma cópia, digamos, rabiscada.

Em vez de exigirem de nós concretizações para que seus limitados olhos físicos possam alcançar, busquem enfatizar a luz do conhecimento, que ultrapassa qualquer limitação.

Quando se tem responsabilidade, é permitido saber um pouco mais da verdade. Mas como se responsabilizar para saber um pouco mais da verdade, se não conhece nem ao menos a si mesmo? É assim que surgem os atos insanos, praticados com avareza. É por isso que, sabiamente, Jesus disse: "Quanto mais lhe será dado, mais lhe será cobrado".

Parem e olhem para dentro de si mesmos e não perderão mais tempo para buscar respostas mesquinhas e egoístas que atolam as emoções dos filhos.

Desdenhar a fé alheia é como tapar o Sol com a peneira. Sejam sinceros com os outros, procurando esclarecer, independentemente da intelectualidade ou da moralidade que possuem.

Não se atenham a diálogos incrementados, pois eles parecem mais sedutores. É importante a beleza no falar, mas é essencial a pureza no olhar. Se não souber o que falar, prefira não dizer nada. Agora, se souber algo, mesmo que pareça não ser de relevância nenhuma, basta se expressar cordialmente.

O medo, na maioria das vezes, é conseqüência do egoísmo, que não cabe na fraternidade.

Os tempos são chegados? Não se preocupem, pois ressoarão no interior de cada um, e deles ninguém poderá recuar.

Esse vil metal que os escraviza não passa de uma façanha, artimanha de que as trevas se aproveitam para potencializar. Portanto, doem mais e gastem menos. Se acharem que devem ter para compartilhar, irão lamentar-se quando notarem que todos precisam muito mais do que se pode quantificar.

Rogar aos Céus um pouco mais de tudo é adquirir do inferno muito mais de luto, ou seja, imobilidade perante a mórbida crueldade do desfalecer da carne, que se impõe junto à vaidade.

Apelos externos abrem tantas feridas, que o mais moribundo, sequioso de emoções extracorpóreas, desvela-se e é extirpado levando consigo emergentes seqüelas.

O que dizer do algoz? Esse ressoa apenas como um animal feroz. Faz questão de exaltar o instinto, quando, na verdade, não passa de um filhote que foi desmamado antes do primeiro grunhido.

Preponderem as dissertações, assim como as elucubrações.

Aquilo que eleva o homem não enaltece a alma, apenas a mantém encarcerada, prisioneira do anoitecer.

As simples elucidações devem acontecer a todo instante, seja na vida do eloqüente, seja na vida do delinqüente. Há muito a semente foi plantada. É necessário praticar, pois não há mais nada

a ser feito. Como dizem: "a sorte foi lançada"; o que não passa de uma vulgar interpretação da lei de causa e efeito.

Que a consciência seja mútua, nas transformações que ocorrerão nas vindouras luas. Que, no próximo ano, vocês possam transmutar o adultério que a coletividade terrena cultiva perante o Cristo. O mais importante serão as experiências: dolorosas para uns; esperançosas para outros. Tudo vai depender do burilamento da fé.

Caboclo Pena Branca,
Mãe Vanessa Cabral
Templo Universalista Pena Branca

# Esclarecer

Naquela noite, era sessão de consulta com Exus e Pombagiras. O terreiro estava lotado, pois os guardiões, como acreditam por aí, "fazem" e "acontecem". Na verdade, eles são confundidos com os quiumbas, ou seja, espíritos enganadores, mistificadores e zombeteiros, que se aproveitam das pessoas que não buscam moral elevada. São entidades tão carentes de esclarecimentos quanto as pessoas que procuram um terreiro de umbanda em busca da resolução de seus problemas e que esperam sair dali com um "trabalho", "despacho" ou "amarração" recomendado por algum guia.

Alguns indivíduos até estavam ali querendo compreender melhor a umbanda, pois sabiam da existência de uma palestra, antes da gira; outros ouviram dizer que quem comandava aquele terreiro era uma mulher e que, além disso, era jovem, queriam mesmo era futricar! [5]

5 - Intrometer-se em alguma coisa para atrapalhar; Pilheriar de modo impertinente.

Até que chegou a vez daquele homem ser atendido, justamente pela pombagira que trabalhava com a dirigente daquele terreiro de umbanda. Ele tinha uma dúvida sobre a escolha profissional e queria que a entidade fizesse a escolha para ele.

Além disso, não era simplesmente uma dúvida, trazia muita arrogância em seu interior, o que se refletia no chacra do plexo solar. [6] Autoritário, achava que o dinheiro comprava tudo, inclusive a caridade!

6 - O terceiro chacra, conhecido como Chacra do Plexo Solar, localiza-se na região do umbigo ou do plexo solar, e está relacionado com as emoções. Ligado ao pâncreas, é responsável pela irrigação do sistema digestivo. Quando bloqueado, causa enjôo, medo ou irritação, sugere carência energética, baixo magnetismo, suscetibilidade emocional e a possibilidade de doenças crônicas. Bem desenvolvido, facilita a percepção das energias ambientais. Suas cores são: verde-forte, amarelo e dourado.

Quando se aproximou da entidade que estava incorporada, sentiu enjôo. A força da gargalhada da moça fez a médium liberar ectoplasma, o qual foi projetado sabiamente pela pombagira para a região do abdômen daquele homem, removendo o líquido escuro e viscoso que estava sendo produzido por ele mesmo.

Passou a mão pelo local, sem perceber o trabalho que estava sendo realizado pelos espíritos no Astral. Sentiu apenas uma ardência e, logo, um alívio, pois aquilo já estava afetando o funcionamento de seu fígado.

A entidade mostrou à médium que a substância era conseqüência de seu modo de pensar e agir e que, provavelmente, iria se transformar em doença, caso não mudasse sua conduta moral.

Interrompendo a limpeza que estava sendo realizada em sua aura, ele foi logo dizendo:

- Você que entende dessas coisas, faz aí um "trabalho" e me diz qual é o "caminho" que eu tenho que escolher. Diz quanto é que é, que eu pago, ou o que é preciso trazer, que eu trago.

- Ih, ha, ha, ha... Quanto é que é? É o tanto de tempo que você precisa gastar para pensar. O que é preciso trazer? Sua reflexão. Eu até posso ajudar o moço a fazer isso, mas não da maneira como o moço imagina, pois o que o moço está me pedindo é magia negra, e magia negra eu não faço, apenas desfaço, de acordo com o merecimento de cada filho de Deus. Digo que qualquer uma das escolhas que o moço fizer terá conseqüências que só mesmo o moço poderá analisar. O que cabe a mim é esclarecer!

- Mas eu não vim até aqui, em um terreiro de umbanda, para ouvir isso! Além de você ser uma pombagira, a médium é jovem, e eu estou aqui há muito tempo esperando para ser atendido, porque a sessão é muito longa.

- Longa é a língua de quem perde tempo falando o que não sabe, ih, ha, ha, ha... Como dizia o preto velho, pai Jeremias: "Quanto mais os filhos falam, mais eles se enrolam na própria língua!". Ih, ha, ha, ha... Ganhe tempo fazendo a caridade!

O homem agradeceu, saindo envergonhado, mas entendeu o recado. Não escutou o que queria, mas escutou o que merecia. Na semana seguinte, lá estava ele, satisfeito por sua própria escolha, tornando-se um colaborador da obra social daquele terreiro de umbanda! Laroiê, Exu!

Maria Padilha das Almas
Mãe Vanessa Cabral
Templo Universalista Pena Branca

# Salve Santa Sara Kali, padroeira dos ciganos

Embaixo de uma árvore frondosa e afastada do acampamento, encontraram a cigana Soraya aos prantos, segurando um bebê no colo. Naquela época, fazia muito frio na Dinamarca, mas o neném parecia estar muito bem aquecido. Já não eram lágrimas de dor, e talvez nem tudo estivesse perdido.

Casou-se bem cedo, possuindo todos os dotes que uma virgem cigana deveria ter. Como de costume, a noiva passou a pertencer à família do noivo, mas, para a surpresa de todos, os dois clãs decidiram se unir, da mesma forma que se uniram Soraya e Karlon. No Astral, iniciava-se mais uma jornada, em que oportunidades estavam sendo dadas a todos esses espíritos, pois, para a misericórdia divina, nada se perde e tudo se transforma.

Até que, em uma gélida e escura manhã de inverno, tiveram a confirmação, por intermédio de uma das ***shuvanis*** do clã: Soraya possuía "ventre seco".

- Logo ela, tão bela e formosa! - alguns falavam.
- Que desgraça! - outros diziam.
- Ela foi amaldiçoada! - murmuravam.

Mas a única coisa em que Soraya pensava era fugir dali, pois não existia mal maior que esse para uma cigana. Sabia que iria ser repudiada e não suportaria ser condenada pelo marido também, o qual aprendeu a amar e respeitar.

Enquanto os mais velhos preparavam a ***Kris-Romani***, uma espécie de tribunal onde julgavam casos como o dela, ela conseguiu fugir. Correu, correu, correu, já não tinha mais fôlego, quando se deixou cair aos pés daquela árvore.

Vários ciganos foram atrás dela, mas não a encontraram. Estava tão desesperada e esgotada que não percebeu quando uma carruagem parou ali perto. Uma senhora, que mais parecia uma serviçal, desceu e atirou em seus braços uma inocente e indefesa criança, sem ao menos dizer uma palavra.

Fitando aquele lindo bebê, Soraya compreendeu que a alma é muito mais importante que o corpo, pois a alma é eterna, e o corpo apodrece. Mergulhou no azul dos delicados olhos da criança e voou como se estivesse na imensidão do céu. Olhou para a carruagem, a qual já se desmanchava no horizonte. Ainda pôde ver o brasão, que parecia ser de família nobre, mas não se importava com mais nada. Algumas crianças do clã, que estavam acostumadas a brincar por ali, encontraram-na, e, quando ela direcionou novamente seu olhar para a carruagem, seu coração se aquietou. Não era uma carruagem, era Santa Sara Kali, a mãe dos ciganos.

Retornou para o acampamento com as crianças, que viram tudo o que tinha acontecido ali. O julgamento já estava sendo finalizado, mesmo sem a presença dela, quando pediu licença para falar, com Felipe nos braços. As ciganas não conseguiram conter as crianças, que começaram a relatar tudo o que viram.

Logo deram permissão para que ela falasse, até porque queriam saber de onde vinha aquela criança. Seu marido ficou feliz quando a viu, pois compreendia e aceitava aquela condição de esterilidade, não concordando com a decisão da Kris-Romani. Na verdade, já tinha aceitado até mesmo antes de reencarnar e trazia isso em seu inconsciente.

A fé em Santa Sara Kali atravessou os mares e, mesmo durante as tempestades, transformou a tradição e ensinou a amar acima de tudo.

Felipe cresceu e parecia ter sangue cigano nas veias. Com ele todos aprenderam que liberdade é muito mais do que imaginavam; que vai além da matéria e vem da alma!

Mudanças são necessárias para que possamos evoluir, mesmo que seja pela dor. Cada um é responsável por seu ***baji*** - destino -, sempre de acordo com a semeadura.

Espíritos que em um passado remoto se uniram para disseminar a "raça pura" ontem se uniram para celebrar a união dos noivos e dos clãs. O cigano Felipe, porta-voz da "purificação da raça" de outrora, ontem de pele clara e olhos azuis, destacava-se entre os ciganos de sangue e pele avermelhada, aprendendo e ensinando que todos são irmãos, filhos do mesmo Pai.

Soraya se conformou, compreendeu e lutou, aproveitando a oportunidade que lhe fora dada. Arrependeu-se e pediu perdão, porque ainda trazia em seu perispírito os abortos provocados em outras vidas, juntamente com seu antigo cúmplice, o cigano Karlon. Transformou-se em uma linda cigana, curandeira das crianças, sempre com Karlon ao seu lado.

Como disse o Mestre Jesus: "Nenhuma ovelha irá se perder!".

Optcha!

Cigano Artêmio
Mãe Vanessa Cabral
Templo Universalista Pena Branca

# Não se afoguem na beira da praia

A alma sublima as experiências.

Cada coisa a um lugar, cada coisa a um tempo.

Encontros e desencontros acontecem em um só instante, em que o eu se perde em indagações que vagam na eternidade.

É preciso sangue e dor, onde a culpa não deve prosperar, e, sim, o amor reencontrar.

Lutas e confrontos aqui e acolá. O dia ainda vai chegar, em que cada coisa permanecerá imersa de tanto se assimilar.

Pela caridade, que muitos só irão admirar; muitos só irão "charlatanizar"; muitos só irão criticar; muitos só irão...

Poucos não só irão perseverar como também multiplicar.

Raros irão profetizar.

Aquele que tiver fé apenas entenderá a solidão quando refletir sobre o que é estar na carne, pois o que é do corpo é do corpo; o que é do espírito é do espírito.

Longe de querer ludibriar a crença alheia. Perto de querer acender a luz da candeia.

Alumiar o que já é alumiado por natureza, mas que ninguém enxerga, quando o pão está na mesa. Ceia farta, coração vazio. O que será feito do joio e do trigo?

O fermento faz a massa crescer, mas não é o suficiente para a alma enobrecer.

A terra só fruto pode dar, mas o que o homem dela fará?

Eis aquele que liberta, eis aquele que apenas trafega.

Segura na mão de quem precisa, pois só assim encontrará todas as respostas dessa e de outras vidas.

Na escuridão, tua luz é teu guia. Caminha com preto velho e a todos alumia! Na Bahia aprendi a bater tambor, com aquela negra que aqui chegou. Hoje, só bato tambor quando a coisa é séria ou, então, para saravá vovó Catarina, essa amada velha!

Dizem que eu sou o Senhor dos Caminhos e que faço morada na beira da praia. Sou apenas um baiano de Ogum Beira-Mar, que agora vai partir com sua jangada.

Para vocês, deixo a água do coco, mas o coco eu levo. Vou continuar plantando coco, eu não nego!

Um dia, eu volto para saber o que foi feito da água, por isso não se afoguem na beira da praia!

Salve Nossa Senhora dos Navegantes!

Salve meu Senhor do Bonfim!

João Baiano ou João Beira-Mar
(chame-me da forma que quiser)
Mãe Vanessa Cabral
Dirigente do Templo Universalista Pena Branca

# Invocação às Falanges do Bem

*Doce nome de Jesus,*
*Doce nome de Maria,*
*Enviai-nos vossa luz*
*Vossa paz e harmonia!*

*Estrela azul de Dharma,*
*Farol de nosso Dever!*
*Libertai-nos do mau carma,*
*Ensinai-nos a viver!*

*Ante o símbolo amado*
*Do Triângulo e da Cruz,*
*Vê-se o servo renovado*
*Por Ti, ó Mestre Jesus!*

*Com os nossos irmãos de Marte*
*Façamos uma oração-.*
*Que nos ensinem a arte*
*Da Grande Harmonização!*

# Invocação às Falanges do Bem

Do ponto de Luz na mente de Deus,
Flua luz às mentes dos homens,
Desça luz à terra.

Do ponto de Amor no Coração de Deus,
Flua amor aos corações dos homens,
Volte Cristo à Terra.

Do centro onde a Vontade de Deus é conhecida,
Guie o Propósito das pequenas vontades dos homens,
O propósito a que os Mestres conhecem e servem.

No centro a que chamamos a raça dos homens,
Cumpra-se o plano de Amor e Luz,
e mure-se a porta onde mora o mal.

Que a Luz, o Amor e o Poder
restabeleçam o Plano de Deus na Terra.